Rafaela Vasconcelos Freitas

Homens com T maiúsculo.
Processos de identificação e construção do corpo nas transmasculinidades e a transversalidade da internet

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

2014

Rafaela Vasconcelos Freitas

Homens com T maiúsculo.
Processos de identificação e construção do corpo nas transmasculinidades e a transversalidade da internet

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Social

Linha de Pesquisa: Política, Participação Social e Processos de Identificação

Orientador: Marco Aurélio Máximo Prado

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

2014

Dedico esta dissertação ao Guilherme. Menino bom que era, foi embora mais cedo da festa. Nos deixou com saudade, mas também com a certeza de que alguém de coração tão generoso, só pode estar bem, onde estiver.

Dedico também a Leonardo Tenório, pela inteligência, competência e coragem.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação foi possível porque o desejo de conhecer e compreender se encontrou com a vontade de se tornar visível, de se tornar possível.

Agradeço ao Guilherme Almeida e a Simone Ávila, que gentilmente respoderam ao email de uma menina da graduação em Psicologia, que queria muito saber mais sobre as experiências de homens trans e não sabia onde procurar.

Agradeço a cada um dos colegas do nuh, que carregaram os pianos e as conquistas do "Educação sem Homofobia" comigo, meus amores incansáveis do "Projeto Trans"que levam as pistas para a Universidade, às amigas travestis e transexuais que mostraram que as pistas também ensinam. Aos colegas do "Projeto Transhomens" que me fizeram companhia nestas inquietações. E a todos os outros que com a experiência e excelência acadêmica, ou com o frescor da curiosidade, me mostraram que a universidade é diversa e é muito mais do que acontece nas salas de aula.

Agradeço a Yumi, que com todo carinho, me mostrou que o mundo acadêmico também podia ser meu. Agradeço a Tayane que durante toda minha trajetória acadêmica foi minha dupla e meu complemento. Agradeço ao Daniel Arruda que me ensinou que competência e dedicação cabem em qualquer lugar, e que sempre confiou no meu trabalho. Agradeço a Lili, por me lembrar todos os dias que o lugar da mulher não está dado, e somos nos que temos ir construí-lo. Agradeço a Anyky pelo companheirismo na militância trans e pela confiança em me deixar aprender com sua experiência. Agradeço ao Igor e Nicole por diariamente na companhia das atividades no NUH me ajudarem a ter esperança, a encontrar brechas e a fazer planos mirabolantes. Agradeço ao Coacci pela generosidade com que dividiu comigo nos últimos anos, bibliografias, oportunidades e cafés. Agradeço ao Leonel pelas conversas sinceras e a companhia certa.

Agradeço aos companheiros do GUDDS, da Articulação Feminista e da RUDS que me ensinaram que a militância universitária se faz com manifestações, com desobediência, com arte, com artigos e com tempo.

Agradeço muito ao Prof.Marco Aurélio, que com seu brilhantismo e as suas provocações tem a cada dia me ensinado a crescer, a não pegar atalhos, e a não me

acomodar.

Agradeço às minhas irmãs Camila e Mirelle que comemoraram comigo cada passo, com interesse e companheirismo. Agradeço à minha mãe que me surpreende todos os dias com a vontade de aprender, com a capacidade de amar e de ter fé, e ao meu pai que não me deixa esquecer que “um futuro de vitórias, vem de um presente de lutas”.

Agradeço a todos os amigos do Beco, que com paciência me ouvem diariamente contar histórias sobre homens que constroem seus corpos, travestis que são professoras, manifestações de direitos humanos, intervenções lésbicas feministas...

Agradeço a Marina, que têm sido muito mais do que um amor.

E por fim, agradeço a cada um dos “meninos”. A todos os transhomens que tanto pela internet como pessoalmente, me deixaram chegar mais perto, escutar o que diziam e levar suas denúncias adiante.

Ilude-se quem pensa “esse assunto não é comigo”. Iluminando a condição das pessoas trans também conseguimos enxergar a das demais.” (Jaqueline de Jesus em post no blog transfeminismos)

RESUMO: O presente trabalho buscou apresentar e compreender os processos de identificação e construção da masculinidade em transhomens, colocando em foco suas relações com o corpo, sexualidade e consequentes mudanças corporais almejadas. Neste contexto de surgimento e visibilidade pública desta população, a internet será apresentada como contexto propiciador e regulador desta experiência. Capaz de materializar e humanizar uma identidade marcada pela patologização. Para tanto foi realizado um acompanhamento/participação em dois grupos de discussão de transhomens na web, assim como entrevistas semi-estruturadas com 6 FtMs. Constatou-se que as transmasculinidade tencionam um alargamento da idéia de masculino, e denunciam as regulações impostas a corpos designados como femininos. Os processos de solidariedade entre os pares e a produção e disseminação de informações pela internet, aparecem como fundamentais na humanização da experiência da transexualidade, assim como propiciaram uma inédita articulação política do segmento, e a sua inserção nas políticas de saúde nacionais.

Palavras chave: transexuais; transexualidade masculina; internet; masculinidade, FTM, processo transexualizador

ABSTRACT: This paper aims to present and understand the processes of identification and construction of masculinity in transhomens , putting focus on its relations with the body , sexuality and bodily changes resulting almejadas . In this context the emergence and public visibility of this population , the internet will be presented as enabler and regulatory context of this experiment . To finalize and humanize an identity marked by pathologizing . For both monitoring / participation in two discussion groups transhomens web , as well as semi - structured interviews was conducted with 6 FTMS . It was found that the transmasculinidade intend an extension of the idea of masculine, and denounce the regulations imposed on bodies designated as female . The processes of solidarity among peers and the production and dissemination of information through the Internet , appear to be fundamental in humanizing the experience of transsexuality as well as provided a unique political articulation of the segment , and its inclusion in national health policies .

Keywords: transgender, transsexual male; internet; masculinity, FTM transsexuals process

Índice

Índice 9

Introdução 10

Capítulo 1: Trans-gêneros-Trans-sexualidades 18

1.1 Regulações sobre o feminino, masculinidades femininas e as transexualidades. 18

1.2 Mas existe isso? 25

Capitulo 2: Contextos de emergência e políticas 33

2.1 Eu e os meninos 33

2.2 Os Homens vão ao médico 41

2.3 O virtual é político 51

2.4 Violências, visibilidades e militâncias. 58

Capítulo 3: Homens com T Maiúsculo 65

3.1 A transição será televisionada 65

A) Identificação 66

B) Transformação do corpo e corportamento 68

C) Sexualidade/Relacionamentos/Masculinidades 71

D) Preconceito/Violência 72

E) Formação/Trabalho e Renda 73

F) Articulações e reivindicação de direitos: 74

3.2 Eles sobre eles 77

Capítulo 4: Pensando sobre isso 97

4.1.Corpos,sexos e trans-teorias 97

Considerações Finais 107

Bibliografias 116

Introdução

"Digamos que mi sueño de Orlando se ha convertido en una experiencia tercermundista, de exigencias de derechos y de luchas por la inserción en la categoría de ciudadanía. Se trata de una Orlando politizada y periférica." (BECERRA, 2010, pág. 25)

Andrea Garcia Becerra, pesquisadora transexual colombiana, ao introduzir sua dissertação de mestrado sobre transexualidade feminina, retoma a famosa afirmativa de Beauvoir que dialoga até os dias de hoje, com muitas teorias feministas: "No se nace mujer: llega una a serlo". Pensando a partir dela, Andrea ainda completa: "Algunas son obligadas. Otras se resisten." (BECERRA, 2010, pag. 4) O presente trabalho abordará um conjunto de experiências que envolvem o gênero, a sexualidade, o corpo, as imposições e as resistências. Discorrerá sobre processos, sejam eles de rejeições, descobertas, identificações, construções e prazeres. Pretendo aqui colocar em foco narrativas sobre a experiência de pessoas transexuais que se identificam como homens, ou seja, pessoas assignadas ao nascimento como mulheres e autoidentificadas como homens[1].

Nesse emaranhado de possibilidades, serão destacados os processos de identificação e afirmação do gênero masculino e suas consequentes mudanças corporais e comportamentais. Trajetórias entrelaçadas por suas inserções de classe social, de gênero e raciais, bem como de suas características culturais, etárias e de seus percursos afetivo sexuais. Discutirei também o espaço da internet com grande destaque nestas vivências, como um contexto propiciador e regulador destas experiências, assim como de muitas outras. Um lugar comum para muitos jovens e adultos que, em grande parte das conversas e relatos realizados durante a pesquisa, foi apresentado como um disparador, propiciador de encontros, de buscas, de materialização através de imagens, vozes e troca de mensagens, daquilo que muitas vezes parecia distante e inalcançável, quase irreal. Miguel Vale de Almeida (1996) nos lembra que a masculinidade não é simplesmente a interpretação cultural de um dado natural, sua definição, aquisição e manutenção é internamente constituída por assimetrias e hierarquias num processo de vigilância e disputa. Condição que ganhará contornos próprios, quando esta

[1] Em consonância a polifonia de termos correntes para designar a experiência destes homens transexuais, optou-se por variar livremente nas designações ao longo do texto. Foram utilizados sem distinção as designações homem trans, transhomem, FTM, e homens transexuais.

masculinidade deve ser afirmada à revelia de uma designação feminina, ao nascimento.

Trazer para o debate acadêmico este universo de discursos e regulações sobre o corpo, gêneros e sexualidades na atualidade, convida o pesquisador a ampliar seu olhar sobre as redes, trajetórias, representações produzidas e localizadas em diferentes pontos do espaço social. Para Becerra (2010) a história, as instituições, os meios de comunicação, os diferentes lugares interconectados fazem com que se dilate amplamente os espaços de observação do pesquisador . O próprio conceito de campo deve ser revisitado, e a busca pode se estender pelos significados, particulares e coletivos, os circuitos de intercambio material e simbólico, em diversos espaços, inclusive o virtual.

Este texto terá como fontes as narrativas e diálogos coletados a partir de encontros presenciais - em entrevistas e conversas informais – ou *online* - em depoimentos e postagens em redes sociais, conversas *in box* e e-mails. São relatos de pessoas que reconstruíram seus corpos, ressignificaram suas identidades e redefiniram relações e sociabilidades ao se identificarem com a transexualidade masculina. Aqui, sejam pequenas ou enormes, serão colocadas em destaque suas lutas cotidianas, negociações, transformações e mudanças que conseguiram ou tentaram realizar nos espaços em que transitaram e/ou permanecem.

Serão apresentados fragmentos das histórias de vida destas pessoas que, nos termos de Viviane V[2](2014), "vem buscando dar expressão visual" a uma vivência como homens. Histórias conhecidas entre entrevistas, cafés, eventos militantes e acadêmicos compartilhados ou mesmo noites insones na internet. Corroboramos com Teixeira (2012) quando ela afirma que tais vivências nos levam a pensar que o "diagnóstico TRANSEXUAL" é insuficiente para traduzir a diversidade de experiências, promovendo muitas vezes o apagamento das diferenças ou a busca de adequação a um conceito. Mas pode ser considerado, ainda, um poderoso instrumento na construção de uma subjetividade - incessante movimento no qual o indivíduo se faz sujeito e é assujeitado no interior de um sistema discursivo.

O diálogo com as pessoas que vivenciam a transexualidade e a travestilidade se dará não somente enquanto colaboradores da pesquisa, em entrevistas e postagens na

[2] Mulher transexual, estudante de mestrado e blogueira, tem grande atuação na militância transfeminista na internet.

internet, mas também como interlocutores acadêmicos.

Esta é, sobretudo, uma opção política – as produções em questão tem grande potencial rearticulador das relações de saber e poder (FOUCAULT, 1977). São trabalhos que devem ser visibilizados e discutidos, uma vez que possuem enorme valor explicativo para compreensão das experiências trans.

Durante dois anos desta pesquisa de mestrado – e outros como aluna de graduação, em trabalhos relacionadas à temática de gênero e sexualidade – foi se tornando claro que as experiências de trânsito de gênero ainda representam no imaginário social a desumanidade e a abjeção. A cada interlocução acadêmica, a cada reação popular (materializadas, por exemplo, nos espaços de comentários anônimos ou identificados nos meios de comunicação), em notícias de jornais, televisão e internet em que a temática das sexualidades não-heterossexuais e as identidades de gênero não-*cis*[3] estão em debate, foi se tornando claro e urgente que dotar de legitimidade e de legibilidade cultural as experiências trans é um objetivo político (BUTLER, 2001). Segundo a mesma autora:

> É uma forma de descrever e de avaliar a distribuição diferencial da "realidade" em função do nível de conformidade dessas populações referente às normas estabelecidas. É também uma tentativa de produzir novos esquemas normativos que implicam uma crítica rigorosa da misoginia, da homofobia, do racismo para fazer emergir um mundo social e político que se caracterizaria pela interdependência, igualdade e mesmo pela democracia radical. (BUTLER, 2013, pág. 25)

Um olhar sobre a história nos permite pensar que as experiências de passagem de um gênero ao outro, ou de experimentações entre os gêneros não são privilégio do final do século XX. Pesquisadores das ciências humanas e sociais contemporâneos como Silva (1993), Kulick (1998), Benedetti (2000); Pelúcio (2005), Bento (2008), Arán, Murta e Lionço (2009), Ávila e Grossi (2010), Leite Jr.(2011), Teixeira (2012), Almeida (2012), entre outros, trouxeram para o debate acadêmico diferentes olhares sobre as múltiplas maneiras de vivenciar a travestilidade e as transexualidades, questionando classificações patologizantes e estigmatizantes. Evidenciaram que estas experiências, de formas distintas, colocam em questão as normas de gênero e exigem novos conceitos sobre sexo, gênero e também sobre o humano, explicitando a sua fluidez e a sua transitoriedade (LEITE JR., 2011:220).

---

[3] Cis – referente ao conceito de cisgeneirade

Becerra (2010) argumenta que o gênero não é uma essência que se estabelece de uma vez, e para sempre. Conforme as proposições de Butler (2006) o gênero estaria relacionado a um conjunto de atos que estilizam o corpo e que, "no fazer" cotidiano, nos outorgam nossa identidade, como cópias sem um original. Neste viés, as identidades transexuais e travestis não seriam manifestações "antinaturais", ou "artificiais" e sim possibilidades que rompem com o essencialismo binário, do *continuum* sexo/gênero/identidade/desejo/prazer (BECERRA, 2010, p. 34).

Em contraposição a uma série de teorizações produzidas pela medicina, psicologia e sociologia, que embasaram e sustentam até hoje concepções tuteladoras destas existências, esses trabalhos direcionam os olhares sobre as transexualidades de forma a permitir pensá-las não como uma transição de uma posição fixa a outra, entre o masculino e o feminino, mas sim como vivências que estabelecem graduações entre estes pólos, borrando-os e trazendo consequências reais para os sujeitos que as tomam como parte da sua existência.

Importante contextualizá-las em meio às atuais possibilidades de intervenção nos corpos, ou tecnologias de gênero (PRECIADO, 2008) que abriram fissuras para pensar se uma mudança de corpo pode ser lida como mudança de gênero ou se há a possibilidade da mudança de gênero a despeito de uma intervenção corporal. Para Teixeira (2012) os discursos produzidos no entorno da transexualidade demonstram que os significados atribuídos a determinadas intervenções (e em algumas partes deste corpo) são distintos e hierarquizados dentro de uma matriz de legitimidade que define sobre a validade e a viabilidade dos corpos.

> Los científicos y los médicos insistían en que los cuerpos de varones y mujeres, de blancos y gente de color, de judíos y gentiles, de obreros y gente de la clase media, diferían profundamente. En una época en que los derechos individuales eran objeto de debate político sobre la base de la igualdad humana, los científicos decían que algunos cuerpos, por definición, eran mejores y más merecedores de derechos que otros (FAUSTO – STERLING, 2000, p. 57)

Importante destacar que os discursos médicos e científicos não formam um bloco unânime e homogêneo de conceitos sobre estas experiências, e que alguns profissionais que lidam com estas populações têm, em alguma medida, questionado concepções estereotipadas e reguladoras dos processos de transição. No entanto, é fundamental termos em mente que as ciências, em especial as ciências médicas e psi, ocupam um lugar privilegiado de saber e poder nas sociedades ocidentais

contemporâneas, e muitas vezes são utilizadas como verdade única e última, sem visibilizar seu caráter histórico e político sobre a produção e regulação dos corpos; são estas produções e pareceres de profissionais "especialistas" que vão embasar e justificar determinações jurídicas, formulações de políticas públicas, além de legitimar ou deslegitimar demandas de pessoas transexuais e travestis. Coacci (2013) ao analisar acórdãos do repositório on-line de jurisprudência do Tribunal de Justiça de Minas Gerais – TJMG, entre os anos de 1989 e 2010, constatou que:

> Não há qualquer menção nos acórdãos a estudos de matriz social ou antropológica sobre as transexualidades, mesmo estes sendo abundantes na atualidade. Os discursos legítimos para se falar sobre a transexualidade no TJMG são em uníssono os médico--psiquiatrícos, que patologizam a transexualidade. Há uma redução das experiências da transexualidade ao percurso trans *(intervenções no corpo),* a uma dimensão biológica com uma pretensão de verdade científica, como se a subjetividade e o comportamento humano se reduzissem a hormônios, genes e interações químicas (COACCI, 2013, p. 56).

A forma como estes saberes vem concebendo as experiências de trânsito de gênero, buscando identidades estáveis e consistentes, escondem seu caráter contingencial, parcial e construído, invisibilizando sua conexão com os efeitos políticos de exclusão e as relações de poder e dominação envolvidas no estabelecimento de qualquer identidade (BUTLER, 2004).

Para Leite Jr (2011,p.205), pode-se afirmar que no Brasil a temática da transição entre os gêneros, não diretamente relacionada a criminalidade e prostituição, e discutida pelos meios de comunicação de massas, deu-se a partir dos anos 80 com o "fenômeno Roberta Close". Academicamente o interesse investigativo sobre travestis e mulheres transexuais nas ciências humanas e sociais é relativamente recente porém tem produzido um amplo e variado número de investigações. Grande parte dessas, ainda se traduz em um investimento no questionamento e desconstrução de concepções patologizantes, marginalizadas e atreladas a um certo exotismo sexual. Concebidas como os 'desviantes sexuais', travestis, transexuais e intersexuais, são os "monstros pálidos" da contemporaneidade. Foram alocadas/os nos limites do pensável, autorizando, por meio de um longo e persistente percurso histórico, a escrutinação dos seus corpos, pelo nojo ou fascínio; a desautorização dos seus desejos; a suspeita em torno da sua sanidade; a violação de seus direitos. (LEITE JR, 2011).

Neste contexto de reelaboração da inteligibilidade dos corpos sexuados pelas ciências, aparecem como reivindicantes de atenção especial do Estado brasileiro nos

últimos anos, sujeitos que vivenciam a transexualidade masculina, experiência recentemente visibilizada em âmbito público e ainda pouca investigada no Brasil (ÁVILA & GROSSI, 2010; ARAN, 2010; ALMEIDA, 2010; 2012; Bento, 2012; NERY & FILHO, 2013).

Em sua tese de doutorado de 2012, com foco na experiência de um grupo[4] de pessoas cadastradas para a cirurgia de redesignação sexual , Teixeira relata:

> Observei um silenciamento sobre o corpo dos homens (transexuais) na literatura. Ainda que seja para promover a interdição, apresentando a recusa do pênis como norma ou mesmo a condição de assexuada, as mulheres (transexuais) são materializadas num corpo (mesmo que débil), mas os homens (transexuais) são descritos a partir da impossibilidade do falo (ou da sua construção). (TEIXEIRA, 2012, p.9)

Ainda são poucas e recentes as investigações e publicações sobre transexualidade masculina no Brasil, destaca-se o trabalho de doutorado, em andamento, da pesquisadora Simone Ávila, que tem como objetivo problematizar as transmasculinidades produzidas por transhomens brasileiros, através de uma etnografia *online* e *offline*, inclusive com a criação de um canal de comunicação com transhomens pela internet, a página virtual "*Sou transhomem... e daí?*". Suas recentes publicações (ÁVILA E GROSSI, 2010; 2011; 2013;) nos dão pistas para entender que coexistem diferentes transmasculinidades. Estas experiências são relacionadas pela pesquisadora ao conceito de "ficção somatopolítica" (PRECIADO, 2008), que entende que o conjunto de tecnologias de domesticação do corpo, de técnicas farmacológicas e audiovisuais fixam e delimitam nossas potencialidades, funcionando como próteses de subjetivação. Seus trabalhos dialogam com muitos teóricos da chamada Teoria *Queer*, tendo visibilizado e denunciado a patologização destas experiências. Ao longo desta dissertação estabeleceremos mais diálogos com as suas publicações.

Temos também as publicações do pesquisador brasileiro Guilherme de Almeida (2010; 2012 e Murta e Almeida, 2013), um interlocutor desta dissertação, que versam sobre as condições de atendimento a travestis e transexuais – em especial homens transexuais nos ambulatórios e hospitais que realizam as terapias e cirurgias de redesignação sexual no país –, além de importantes contribuições para o debates sobre a

[4] A pesquisadora Profa.Flávia Teixeira conversou em sua tese de doutorado com mulheres e homens transexuais inscritos no Programa de Transgenitalização coordenado pela Promotoria de Justiça de Defesa dos Usuários dos Serviços de Saúde (Pró-Vida), do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios.

despatologização destas identidades.

Destaca-se, ainda, o recente artigo de coautoria de João W. Nery e Eduardo Filho (2013); segundo os autores, uma cartografia de ciberespaços construída a partir da análise dos conteúdos coletados por observação participante em ambientes virtuais (fóruns, grupos do *Facebook* e diálogos proporcionados por correio eletrônico), visibilizando os múltiplos discursos de transhomens (ou homens transexuais) brasileiros.

Interessante destacar que parte do material disponível sobre a experiência de homens transexuais foi produzida por indivíduos que vivenciam esta experiência como Cromwell, 1999; Green, 2004; Martinez, 2005; Halberstan, 2008; Platero, 2010; Misse, 2010; Almeida, 2012; Nery, 2011. Tratam-se de narrativas que podem sinalizar caminhos de autonomia e resistência, desenhando outros entendimentos para a condição transexual a partir não só da experiência, mas também da reflexão teórica-crítica destes sujeitos. Diante da forma tutelada e limitadora que as transexualidades são concebidas pelos discursos jurídicos e pelo Estado, as concepções patologizantes dos discursos médicos vigentes, instaura-se um debate sobre legitimidade e fala pública, nos interrogando sobre que sujeitos podem falar e que valoração será atribuída a esta fala.

Destacam-se as participações de Miquel Misse, Guilherme Almeida e de Teonardo Tenório em produções e debates públicos sobre a temática da despatologização das identidades trans. É importante ressaltar que no contexto brasileiro estas discussões ainda são recentes e marcadas por tensões. Há um receio quanto a permanência do processo transexualizador no SUS com a retirada da transexualidade do rol de patologias médicas e psiquiátricas, o que tem gerado acalorados debates entre pesquisadores, militantes e representantes do Estado nos últimos anos. Nas palavras de Murta e Almeida, (2013):

> Embora exista o esforço de alguns setores para romper com o "adoecimento" dos trânsitos entre os gêneros, a compreensão de que a discordância entre sexo e gênero é uma condição anormal e constitui um transtorno psiquiátrico não apenas se sustenta, como orienta as políticas destinadas a este segmento.(MURTA E ALMEIDA, 2013, p. 383)

Viviane V, em sua página virtual, afirma que terminologias e teorias são ferramentas de luta, e não a luta (Viviane V – 15 de março de 2013). Pois o que se propõe aqui é utilizar destas ferramentas para estabelecer diálogos, provocar questionamentos e produzir outros entendimentos. Nas palavras de Leite Jr (2011): "é

preciso dilatar as fronteiras do inteligível, derrubando teórica e politicamente as barreiras que pressupõem que existe um nós-humanos e um eles-monstros." (pág 14). Sem pretensões universalizantes e preocupada em não reduzir a complexidade e multiplicidade destas experiências, porém ciente do lugar da cisgenereidade produzindo e re-atualizando saberes sobre as experiências trans. Esta dissertação, fruto de aproximações e investigações realizadas entre os anos de 2012 e 2013, será dividida em quatro capítulos.

O primeiro será iniciado com discussões que relacionem a experiência da transexualidade masculina com as regulações de gênero socialmente vigentes, e os contextos de visibilidade na cena pública brasileira. O segundo bloco apresenta os contextos de aproximação entre pesquisadora e os colaboradores desta investigação, e uma explicação sobre os caminhos metodológicos percorridos nesta pesquisa. Segue com um breve panorama sobre a questão da saúde para a população de homens transexuais no país, e posteriormente uma discussão sobre os usos da internet nos estudos sobre sexualidade e sua relação com as experiência das transmasculinidades. Discorrerá também sobre militâncias, visibilidades e violências que envolvem este público. No terceiro serão apresentadas as fragmentos das histórias de meus interlocutores, seja através dos encontros presenciais, ou das reflexões sobre postagem e vídeos na internet. No último bloco, este conteúdo será articulado a teorias sobre tecnologias de gênero e a construção dos corpos e finalizado com um debate sobre despatologização e produção de saberes por transexuais.

Capítulo 1: Trans-gêneros-Trans-sexualidades

1.1 Regulações sobre o feminino, masculinidades femininas e as transexualidades.

Parte-se do pressuposto de que colocar em debate as transexualidades considerando-a uma experiência identitária e cultural, é procurar destrinchar as relações de gênero em que estão inseridas, a partir de uma perspectiva histórica e cultural. Sabe-se que os corpos produzidos no seio da normativa sexual que nos orienta, são conduzidos a apresentar contornos nítidos e complementares entre o masculino e o feminino, naturalizados e estilizados nos discursos e no fazer-se cotidiano. Para iniciar nossas discussões sobre a experiência de homens transexuais, torna-se então necessário localizar, nos corpos e expressões de gênero, as normas e regulações que produziram a sua designação primeira: feminina; que foi estabelecida e negociada de formas diferentes em cada umas histórias encontradas nesta pesquisa, porém em todas estão relacionadas ao lugar social da mulher, e consequentemente às possibilidades de trânsito e atuação na esfera pública e privada.

> (...) cuando llegamos al mundo, en el paritorio alguien dice: «— Has tenido una niña». Esto no es una simple anécdota en la vida, ya que representa el inicio de un mecanismo que impregna de valores al nuevo bebé con toda una serie de códigos sociales relativos al sexo y a la sexualidad. Dicen que todos los bebés parecen iguales, pero al nacer ya se ocupa la familia de indicar bien claro su sexo mediante el nombre, la ropa, los pendientes, los juguetes o el color de los pañales. Se hipersexualiza a los bebés con una saturación de género. (MARTINEZ, 2005, p. 113)

Martinez (2005), pesquisador transexual colombiano, neste trecho nos alerta sobre o poder de produção e regulação que acompanham a designação de um sexo para cada ser humano, desde a sua concepção, nascimento, e toda a expectativa sobre ele ao longo da vida. Cada sociedade, em determinado tempo histórico, estabelece seus ideários sobre o ser homem e o ser mulher, ideários de masculinidade e de feminilidade. Maffía (2009) afirma que é tão forte o dogma sobre a dicotomia anatômica que, quando não se encontra, se produz a diferença. Quando os genitais são ambíguos, não se revisa a ideia de natureza dual do genitais, se intervém para discipliná-los e ajustá-los.

O entendimento sobre os ditos sexos biológicos são produto de uma leitura

cultural sobre eles, que irá naturalizar e hierarquizar os lugares sociais em que cada um dos dois opostos devem figurar. As nomeadas diferenças encontrarão justificativas nas supostas bases biológicas, que atuarão como possibilitadoras e limitadoras de suas vivencias. A mulher teve e ainda tem suas potencialidades muito vinculadas ás suas atribuições físicas: a beleza e a vaidade como definidoras do que é feminino, o poder de gerar (que não deve ser negado), o temperamento instável e o intelecto emocionalmente orientados e a capacidade física - força e resistência- inferior (que dirão, por exemplo, sobre que profissões estão mais aptas), justificando sua tutela por homens e pelo estado.

Ser identificada como mulher tem como consequência corresponder a uma certa expectativa de delicadeza e cuidado com o corpo e a aparência. Muitos entrevistados relatam períodos em que tentaram se estabelecer de acordo com o padrão de beleza feminino mais óbvio (cabelos longos, saias e vestidos, maquiagens, afastamento de condutas ditas masculinas), por pressão familiar, para evitar tratamentos preconceituosos e violentos ou mesmo para corresponder a aquilo que entendiam que deveria ser natural de seus corpos. Relatam períodos em que viviam "travestilizados", realçando o caráter artificial que as vestimentas, maquiagens e performances femininas lhes aparentavam.

Um de nossos interlocutores, Beto, nos conta sua história peculiar, dentro deste período recorrente de tentativa de ser afirmar como mulher em algum momento da vida de muitos homens transexuais. Muito envolvido nos discursos familiares para realçar sua feminilidade, foi convencido a colocar próteses de silicone nos seios durante a adolescência. Segundo ele o sentimento de desesperança e desconforto foi tão grande, que desejou morrer durante a cirurgia. Esta intervenção que em nada modificou sua identificação de gênero, resulta hoje em um grande complicador para a sua vivência masculina.

Rodhen (2008) observa que a fisiologia feminina e a vida das mulheres foi e é apresentada como algo governado pelas transformações hormonais inerentes aos seus estados cíclicos e instáveis. Fenômenos como a tensão pré-menstrual (TPM) ou as transformações percebidas com a menopausa têm sido usados como chaves explicativas para as mais variadas formas de comportamento e têm alimentado uma grande indústria de tratamento dos 'problemas femininos'. Além disso, os hormônios estariam na base das diferenças intelectuais entre homens e mulheres, 'fato' contra o qual pouco se poderia fazer.

Se as mulheres, até a passagem para o século XX, eram governadas pelos ovários – os órgãos da feminilidade cuja retirada era e ainda é evitada pelos médicos, para evitar a dessexualização da mulher, – agora elas o são, também, pelos hormônios – substâncias que determinariam seu sexo e seu gênero. Segundo Rodhen (2008), é fundamental ter em mente o fato de que a história da pesquisa com os hormônios é também uma história pelo interesse no estudo dos comportamentos, em especial do que seria diferenciado em função do sexo.

Nando, outro transhomem entre os nossos interlocutores, nos conta um episódio bem ilustrativo desta relação entre o feminino, o útero e os hormônios. Após grande período de sangramento na adolescência, Nando descobre que possui um útero bicórnio, ou seja, uma condição similar a possuir dois úteros, que descamam em sequencia e provocam uma menstruação constante, com grande perda sanguínea e desconforto para o paciente. Mesmo com este diagnóstico não teve a retirada do órgão autorizada pelos médicos, que preferiram evitar qualquer intervenção cirúrgica no mesmo, ainda mais uma que o impossibilitaria de engravidar. O tratamento indicado envolvia a ingestão constante de hormônios femininos, que resultaram posteriormente, de forma controversa, em um potencializador da identicação com a transexualidade masculina.

Em ambos os casos vimos intervenções externas nos corpos desses sujeitos para enquadrá-los ou regular seus atributos femininos. Seja através de uma intervenção estética ou da manutenção de suas potencialilidades procriativas, tenta-se assegurar seu lugar de mulher. Teixeira (2012, p.510), retomando o debate de Strathern, nos lembra que as práticas anticoncepcionais separaram o sexo de procriação, que as novas tecnologias reprodutivas possibilitaram desvincular concepção e sexo, porém, as sociedades euro-americanas e latino-americanas ainda não conseguiram separar, de maneira efetiva, a procriação das relações de gênero. No que se refere a experiência da transexualidade masculina, a concepção se torna um tema ainda mais espinhoso, como veremos adiante.

Segundo Prado & Junqueira (2010), as regulações sobre as normas de gênero e a sexualidade de mulheres devem ser pensadas de forma distinta daquelas que atuam sobre homens, sendo os processos de interdição e silenciamento centrais nesta análise, uma vez que os delitos femininos não seriam a masculinidade e a homossexualidade, *a priori* (como em homens) e sim a prostituição, o adultério e o aborto. Se por um lado há certa liberdade nas performatividades de gênero de mulheres durante a infância,

permitindo a incorporação de algumas características e comportamentos ditos masculinos como veremos nas histórias dos homens que entrevistei, será na adolescência e juventude que outras regulações se tornarão mais precisas. A sexualidade daquelas designadas como mulheres passam a ser controladas e incitadas ao mesmo tempo. Não se deve ser promíscua, porém deve se apresentar sempre como uma mulher atraente (para outros homens), reprodutivamente saudável e desejosa de relacionamentos heterossexuais estáveis.

Há uma expectativa social que diz que a sexualidade feminina será colocada em pauta quando fizer referencia á saúde reprodutiva e a constituição familiar. Sobre o prazer e a atividade sexual de mulheres, descrever-se-a em relação ao homem, como o oposto complementar e necessário. Ficando assim silenciados e interditos os prazeres femininos solitários, as relações sem a presença do falo, ou mesmo a possibilidade de iniciativas sexuais femininas sem fins reprodutivos.

Diante deste panorama, pergunta-se: Se a invisibilidade lésbica, construída historicamente em torno da não-sexualidade da mulher (sem um falo), atua impedindo que suas especificidades sejam legítimas de reconhecimento e reivindicação pública de desejos e direitos, como pensar aqueles corpos que, nomeados como femininos, materializam exatamente a masculinidade, a homossexualidade feminina e/ou a transexualidade masculina?

Halberstam (2008), em sua produção sobre masculinidade feminina (ou masculinidade sem homens), critica radicalmente a afirmação da masculinidade como uma propriedade exclusiva e essencializada dos homens *cis* (nascidos com pênis e designados como homens), argumentando que essa "posse" tem como função impossibilitar a produção de masculinidades por parte de mulheres hétero e de lésbicas. O autor concebe a noção de masculinidade feminina para designar também um modo de ser marcado pelo gênero, que contraria a normativa sexual, uma vez que a mesma postula que o seu gênero deve ser contingente ao sexo designado ao nascimento.Visibiliza narrativas de mulheres que construíram outras posições de gênero, ocuparam lugares não previamente designados como femininos, que ousaram sustentar características ditas masculinas em suas performatividades e, assim, foram marcadas por isso. São experiências múltiplas, em grande parte associadas à lesbianidade (orientação sexual) ou a transexualidade (identidade de gênero) como causas ou consequências destas transgressões de gênero, sem muitas vezes apontar

somente para “outra experiência de como ser mulher” ou do que mulheres podem e são capazes de realizar.

Corroboramos com a perspectiva da pesquisadora Celestino (2007) quando afirma que ao longo de toda a história da humanidade, foram os homens e não as mulheres, os autorizados a escrever a história de nossas sociedades e a prescrever as condutas sociais. Segundo a autora, poucas foram as mulheres que tiveram condições de burlar essa estrutura a ponto de conseguir trazer à tona a história das mulheres narrada por elas mesmas. O que nos leva a entender que essa parece ser uma das principais razões pelas quais as mulheres são culturalmente mais interditadas que os homens: a luta pela legitimidade de sua própria voz ainda está em curso.

No Brasil encontramos a história da Alferes Maria Quitéria, baiana que montava, caçava e manejava armas de fogo. Tornou-se soldado em 1822, quando o Recôncavo Baiano lutava contra os portugueses a favor da consolidação da independência do Brasil. Impedida de atuar na Guerra que se pronunciava, cortou os cabelos, vestiu a farda de seu cunhado e aderiu seu sobrenome, Medeiros. Ingressou no Regimento de Artilharia onde permaneceu até ser descoberta, semanas depois. Foi assim deslocada de posto e à sua farda foi acrescentado um saiote. Tornar essa narrativa conhecida nos revela não um relato sobre transexualidade necessariamente, mas sim uma historia que representa a regulação sobre o feminino, sobre o possível e o impedido em função do seu gênero, e o que se faz além disso. Hoje a Alferes tem sua competência reconhecida na história, porém, ao ser “desmascarada” na verdade de seu sexo, foi necessário demarcá-lo (feminino), colocar uma saia e simbolizar o seu lugar social.

Halberstam (2008), em suas investigações sobre masculinidade feminina ao longo do tempo e do espaço, apresenta brevemente outros achados nos estudos de mulheres sobre outras mulheres que subverteram expectativas sobre os gêneros, como a pesquisadora Gabriela Cano e seu trabalho sobre a soldado mexicana Amelio Robles, que se vestia com trajes masculinos no começo do século XX e atuou nas revoluções daquele período em seu país. Assim como a pesquisadora Fiol-Matta (2002) e suas investigações sobre a escritora chilena Gabriela Mistral. Deb Vargas (2007), por sua vez, analisa a adaptação dos estilos “latino-macho” feitas por lésbicas latinas.

Todos esses estudos nos dão pistas para pensar que a diversidade de gênero depende também de histórias nacionais particulares, e podem ser mais ou menos rechaçadas, contidas ou medicalizadas em diferentes culturas (HALBERSTAM, 2008).

Estas histórias sinalizam para a possibilidade da desconstrução da ordem normatizadora vigente, são narrativas que colocam-se como um contra-discurso que busca reverter a situação de interdito da mulher em relação a alguns campos do conhecimento, campos de atuação ou mesmo possibilidade de ser, em especial daqueles onde o predomínio é masculino. Butler (2006) alerta que, sem o solo do reconhecimento do outro, nem o próprio sujeito se entende como humano. É necessário produzir equivalência para se entendido como humano. Marcada pela centralidade, a norma cria o humano, o não humano e todos os referenciais de inteligibilidade. Porém, é marcada também pela duplicidade, ao ser caracterizada pela coerção e ao mesmo tempo pela possibilidade de interpelação, uma vez que é materializada no curso da reiteração (repetição com alteração).

Nas histórias dos transhomens que encontramos, a experiência da masculinidade foi sendo incorporada de diferentes maneiras ao longo da vivência de cada sujeito. Desde a possibilidade de se identificar com personagens masculinos de cabelos longos na infância, até a recorrente alternativa de incorporar performatividades de gênero masculinas na experiência da lesbianidade, foram estratégias encontradas por muitos FtMs durante o processo de se afirmar como homens, à revelia de uma designação feminina. A transexualidade aparece como uma possibilidade concreta quando muitas dessas alternativas parecem insuficientes e falhas para tentar definir suas percepções de si mesmos, porém ela não é obvia no caso de transhomens. Em muitas narrativas esta identificação se deu após muitos anos de sofrimento e insuficiência, inclusive conceitual, para definir a própria experiência.

Para muitos transhomens então é fora da designação “mulher”, que encontrarão uma experiência possível. A masculinidade feminina possibilita uma experiência mais próxima daquilo que os identifica, porém não é como mulheres que desejam ser vistos, nem se reconhecem. A transexualidade estabelece um outro lugar social, aparece como uma via para a designação como homens, porém também carrega um diagnóstico e uma série de outras implicações, e pode ser encontrada depois de um longo percurso, principalmente entre transhomens mais velhos.

Corrobora-se com Barboza (2012, p.1), quando ela afirma que a transexualidade, “pode ser compreendida com uma forma de expressão da identidade pessoal, multifacetada e dinâmica, na medida em que pode ser alterada ao longo da vida, em função das vivências individuais”. Assim, a transexualidade pode designar o indivíduo

que de algum modo "sente e afirma ser do sexo contrário ao que lhe foi atribuído ao nascer, vive o gênero correspondente a esse sexo e deseja obter o reconhecimento dessa identidade, independentemente de modificação de sua genitália e da orientação sexual que adota" (BARBOZA, 2012, p. 1). São frequentemente citadas modificação corporais mediante hormonização e cirurgias nestas experiências, porém a vivência no gênero e sexo identificado envolve também mudanças comportamentais e sociais, além da adesão de vestimentas e outros aparatos que os associem à identidade afirmada.

Marcadas pela emergência das teorias *queer*, essas e outras classificações sociais da experiência trans aparecem em oposição a explicações médicas e psicológicas que tiveram (e ainda têm) o poder de cristalizar e disseminar a identidade transexual de forma "universalizante", uma vez que estabeleceram como verdadeira, "uma única possibilidade de resolução para os conflitos entre corpo, subjetividade e sexualidade", ao mesmo tempo em que a diferenciam de outros "transtornos", como a homossexualidade e travestilidade (BENTO, 2006, p. 151).

Vidal-Ortiz (2011) argumenta que a transexualidade foi classificada e descrita historicamente em relação à heterossexualidade e a possibilidade de *"cambiar"* pessoas homossexuais a heterossexuais através de cirurgias e intervenções médicas. Desde a década de 1950, as cirurgias de redesignação sexual (principalmente de MtFs) são destinadas a quem cumpre certos pré-requisitos como, por exemplo, a atração sexual pelo sexo oposto, afirmando uma coerência entre identidade de gênero-orientação sexual. Martinez (2005) faz sua crítica ao afirmar que os transexuais devem mover-se também dentro dos parâmetros da masculinidade e rejeição dos próprios genitais. Segundo o autor, em frente ao psiquiatra, será contraproducente dizer que gosta de plantas, de costurar, que seu desejo afetivo-sexual se desperta com homens e não com mulheres, ou mesmo que se masturba. Para ele, em cima da mesa de consulta está o direito à identidade de gênero, o direito de expressão de gênero próprio, o direito de escolha sexual e o direito ao próprio corpo.

Destaca-se aqui a produção e regulação em torno, inclusive, do que se classifica como "transexualidade verdadeira", na qual a patologização e a afirmação de uma transição completa, seguem hostilizando homens e mulheres transexuais que vivenciam experiências fora dos esquemas rigidamente demarcados de gênero.

A transexualidade, como qualquer outra forma de transversalidade de gênero (ou combinação não linear entre sexo e gênero), produz a sua verdade, a qual deve manter

relação com os mecanismos produtores e reprodutores da verdade de sua cultura de referência. Ou seja, para ser inteligível na arena política e social, utiliza de uma combinação de práticas sociais, médicas e legislativas legitimadoras da chamada readequação sexual, ou "mudança de sexo". Esta posição medicalizada conquista novas cotas de poder social, nas quais experiências sexuais e sociais não convencionais cedem terreno para a patologia. Assim a norma heterossexista é reforçada através da biotecnologia, ao fazer de nossos corpos o que é socialmente adequado (FERRÉ, 2009).

As transexualidades aparecem então como uma incômoda denúncia da insuficiência do sistema sexo-gênero-orientação sexual (BUTLER, 2006) para explicar todas as possibilidades sexuadas. E como produtos de um saber biotecnocientífico implicam e legitimam a intervenção e o controle sobre estes grupos de indivíduos que apresentam aparentes riscos para a ordem social estabelecida, por insistirem em comportamentos e práticas ilegítimas para sua condição: serem reconhecidos como humanos, como cidadãos, casar, constituir família, ter filhos, enfim, exercer direitos que têm como pressuposto a heterossexualidade, praticados por indivíduos coerentemente inseridos no sistema sexo-gênero (BARBOZA, 2012).

1.2 Mas existe isso?

Diferentemente de outras experiências sexuadas, a transexualidade masculina ainda não aparece como uma vivência facilmente nomeada e "reconhecida socialmente", talvez por desconhecimento, por menor visibilidade social, por não estar atrelada diretamente a assuntos de interesse e regulação pública (como a prostituição, a AIDS e o entretenimento, por exemplo). A aparente dificuldade de identificação/nomeação da própria experiência aparece também nos relatos dos interlocutores. Para muitos deles a identificação inicial normalmente se deu com a experiência da lesbianidade, mais acessível socialmente e que permitiu a incorporação de caracteres masculinos à performatividade de gênero, como vimos anteriormente, porém em algum momento, essa começa a parecer insuficiente para os próprios sujeitos e para o olhar de alguns outros. Neste hiato marcado muitas vezes por períodos de angústia e sofrimento, emerge a influência da internet, da mídia e da literatura no processo de auto-identificação, após o acesso a programas de televisão, sites na internet e literaturas em que a transexualidade masculina é citada. Ainda que o processo de auto-

intitularse transexual não seja imediato, ela permanence com uma possibilidade.

Nos últimos anos, em espaços acadêmicos e fora deles, nas diversas vezes em que fui questionada sobre a temática de minha pesquisa de mestrado, percebi que mencionar os termos: transhomens, FTMs, homens transexuais, meninos, (....) podia provocar mais dúvidas do que entendimentos. Frequentemente a resposta do interlocutor fazia referencia às travestilidades ou a mulheres transexuais, experiências fortemente conhecidas no país (nem sempre com as melhores conotações), e mesmo com uma explicação sobre a diferença entre estas vivências, ainda deixava um ar de incredulidade. É notório que a visibilidade pública das transexualidades masculinas é fato muito recente, e teve grande repercussão midiática e social nos anos próximos à realização desta pesquisa. Entre os anos de 2010 e 2014 estes nomes citados acima, começaram a fazer mais sentido no cenário nacional, apesar de obviamente já existirem antes disso. E a pergunta que se seguia à minha explicação aos interlocutores curiosos, "Existe isso?" foi respondida e materializada por escritores, pesquisadores, militantes, artistas e estudantes, visíveis nos diversos meios de comunicação, nos eventos militantes e também nas universidades.

Embora saibamos da participação isolada de alguns transexuais na militancia nacional há alguns anos[5] a emergência pública destes homens no Brasil tem sido aproximada a alguns eventos, como os apontados por Lima Carvalho (2012) e Almeida (2012), veiculadores de uma possibilidade de existência para muitas outras pessoas que viriam ainda se identificar como homens, são eles:

1) o estabelecimento do processo transexualizador no SUS (Sistema Único de Saúde) há alguns anos, possibilitando maior acesso às tecnologias de alteração/construção corporal.

Halberstam (2008) afirma que foi na década de 70 que o discurso médico ocidental separou a variação de gênero das homossexualidades e reconheceu uma "nova posição subjetiva" nos sujeitos que vivenciavam experiência de trânsito de gênero. Para o autor esta separação teve ao longo do tempo consequências higienizantes, de afastamento de um certo modelo "aceitável das homossexualidades", ou seja, aquelas

[5] Podemos destacar a participação de Alexandre Santos, o Xandão, na organização da Parada LGBT de São Paulo, e conforme mencionado no último ENTLAIDS/2013 em Curitiba, os militantes Régis Vascon e Raicarlos disseram de sua participação em atividades da ANTRA em meados de 2009.

em que as vivencias de gênero sem mantem cisnormativas, de outras (trans) experiências designadas em alguns espaços como anacrônicas e pré-políticas, quase um fracasso em assimilar o gênero normativo e o estilo da comunidade gay moderna americana. Denúncias destes posicionamentos discriminatórios tem sido feitas por militantes trans, e transfeministas nos últimos anos.

Esta distinção entre homossexualidades e identidades de gênero não-normativas, diz também da manutenção e re-elaboração de um diagnóstico psiquiátrico para as experiências de trânsito de gênero, que exigiriam intervenções médicas e psicológicas para uma possível "estabilização" dos pacientes. A partir deste diagnóstico, estes sujeitos então seriam incluídos em algumas políticas públicas de saúde. Conforme discussão do próximo capítulo, apesar de no Brasil este processo não abranger a experiência de FTMs desde o início (a partir de 2010), representou uma via estatal de intervenções corporais que possibilitariam a mudança de sexo/gênero.

2) um inegável avanço e acesso às tecnologias de comunicação virtual, possibilitando um maior contato entre essas pessoas para trocas de experiências e informações, em especial para transhomens também para articulação política;

Em meados de 2008 e 2009 foram divulgados com grande estranhamento e espetacularização a história de Thomas Beatie, um homem grávido, a imagem do homem transexual, estampou uma reportagem da revista *The Advocate*, e, posteriormente, foi replicada em diferentes *sites* de notícias. Também no site da *UOL* outro episódio envolvendo a gravidez de um homem foi noticiado. Nos dois casos, assim como no do espanhol Rubén Noé, as reportagens foram ilustradas com imagens que enfatizavam o crescimento do abdômen e a ausência de mamas em contraposição à presença de caracteres secundários masculinos como barba e pelos.

A possibilidade infinita de busca e divulgação de notícias por meio da internet aproximou experiências. Como narraram todo os nossos entrevistados, notícias, videos, imagens, literaturas sobre a transexualidade masculina em outros países onde esta experiência já tinha certa visibilidade puderam ser acessadas, como num fio condutor, onde a descoberta de um termo (como FTM) leva a descoberta de outros, abrindo um panorama de possibilidades. Segundo eles a internet permitiu também o encontro de pares dentro do próprio país, diminuindo distancias, reunindo pessoas com incomodos e sonhos comuns.

3) uma maior visibilidade no Brasil das experiências de homens transexuais através da publicação e publicização da autobiografia de João W. Nery, intitulada "Viagem Solitária" (reedição do livro “João ou Joana. Erro de Pessoa”, publicado em 1985) e suas muitas entrevistas em programas de audiência na TV brasileira.

Halberstam (2008) lista pesquisadoras das masculinidades femininas, de diferentes contextos de fala espanhola, como Deb Vargas, Licia Fiol-Matta, Juana María Rodríguez, José Esteban Muñoz e outras, que indicam a presença desta experiência de gênero, e também das lesbianidades como uma variável constante nos séculos XX e XXI. Estes trabalhos apontam que determinados trânsitos de gênero, não necessariamente transexuais, ja estavam em debate na América.

No Brasil a reedição do livro de João Nery gerou mídia e notícias, a imagem de um senhor de barbas e voz rouca com discurso rasgado afirmando seu nascimento como mulher, o levou a programas populares na televisão aberta, como os apresentados por Jô Soares (Globo), Marília Gabriela (SBT) e Luciana Gimenez (RedeTV), permitindo sua projeção para diferentes classes sociais, em todo o país.

Estas situações representam também um certo dinamismo social, que estimulado por alguns disparadores vai criando conexões fazendo conexões com outros temas e histórias e estabelece a internet como um grande articulador de várias mídias. Uma vez que a partir dela é possível ter acesso ao conteúdo que é produzido na televisão aberta e paga, nos canais alternativos das mídias escritas, como jornais e revistas e nos grandes multiplicadores que são as redes sociais na contemporaneidade.

Autores como Almeida (2012) e Halberstam (2012) argumentam que esta invisbilidade das transexualidades masculinas pode ser associada também ao olhar falocentrico direcionado a experiência masculina, ao poder social investido na categoria homem, como se a masculinidade fosse uma prerrogativa de corpos com pênis e um lugar de privilégio social. Nas palavras de Almeida (2012) “como se os comportamentos e os significados considerados masculinos emanassem necessariamente da presença material original do pênis (ALMEIDA, 2012, p.519). Deve-se considerar também os efeitos das adequações corporais, que possibilitam uma imagem bastante próxima fisicamente das expectativas sociais de como deve parecer um homem, o que contribui para invisibilizá-los.

Moisés Martinez argumenta que muitas vezes transhomens são questionados

sobre " como sabem que são homens?". E que esta difícil pergunta, quando voltada para um homem cis é respondida simplesmente em função de uma anatomia:

> Si un FtM no se ve en el espejo como un hombre ¿cómo sabe que lo es? Porque... ¿dónde radica la identidad sexual?: ¿En una imagen?, ¿en un vial de hormonas?, ¿en un bisturí?, ¿en una identificación grupal?, ¿en una categoria social? o... ¿es simplemente un sentimiento? Es difícil definir qué es sentirse hombre. Sin embargo, es menos difícil explicar cuáles son los límites de actuación de un hombre y cuáles son lós requisites fisiológicos para ser un hombre. Está establecido socialmente qué comportamientos son propios del rol masculino, y cómo deben ser físicamente los hombres. Así, tanto por comportamiento como por físico, podremos reconocer quién es hombre y quién no lo es. Ahora, siempre es difícil definir un sentimiento (MARTINEZ, 2005, p.114).

Esta identidade é construída em diferenciação à identidade lésbica e também de outras expressões de gênero que tiveram seus corpos designados como femininos ao nascimento e que contestam essa assignação sem, contudo, se afirmarem 'homens' de forma constante (ALMEIDA, 2012, p.1). Parece-nos que para muitos transhomens (assim como para a população em geral), durante muito tempo houve uma insuficiência conceitual e simbólica capaz de nomear esta condição, que evidenciava uma masculinidade feminina (HALBERSTAN, 2008), muitas vezes carregada de um desejo lésbico, porém não se completava, nem se satisfazia nessa configuração. São recorrentes nos relatos de transhomens, períodos de grande ansiedade e reclusão social, em função deste não-lugar/não-ser.

Almeida (2012) apresenta em um de seus artigos sobre transmasculinidades, diversas possibilidades de vivências da transexualidade masculina, organizadas para fins didáticos em quatro grupos, a partir de diferenças em relação ao corpo, a autonomeação, a vivência público e privada. Essas reflexões dizem da multiciplicidade de experiências que o termo transsexual e a categoria homem podem designer. A partir delas é possível pensar que o diagnostico transsexual não vai necessariamente designar pessoas que tenham a mesma relação inconforme com o corpo, ou que tenham os mesmos ideiais de masculinidades impressos na aparencia e nas suas relações. Marcadores como idade, raça, classe social, orientação sexual e localização geográfica, por exemplo, também definirão seus corpos e suas personalidades.

Ao longo do texto várias nomeações foram usadas para simultaneamente designar sujeitos que vivenciam as transexualidades masculinas. Elas representam as negociações que atualmente estão postas para definição dos termos que designarão estas

experiências. Há muito as diferenças entre as categorias travesti e mulher transsexual (transexual feminina, mulher trans, ou transmulher) no Brasil são investigadas[6] e envoltas em polêmicas, seja em função das diferenças internas que materializam (diferenças identitárias), das valorações conceituais que carregam (forte marginalização da experiência travesti e caráter medicalizado da categoria transexual) ou da forma como os movimentos sociais se articulam e reivindicam a partir destas diferenças (LIMA CARVALHO, 2011; LEITE JR, 2011).

Quando investigamos sobre a experiência de transhomens, outras diferenciações parecem fazer sentido. Em diferentes contextos, e para designar formas distintas de compreensão sobre a sua vivência, são simultâneos os uso de vários termos e incomum o uso da categoria travesti para designar algumas dessas transmasculinidades. É fundamental ter em mente que as identificações são múltiplas e contingenciais. Corroboramos com Nery & Filho, (2013) na afirmação de que este tema deve ser ser entendido a partir da diversidade de experiências pessoais em relação a classe social, orientação sexual, status acadêmico e profissional, geração, origem, etnia, raça, moradia, preferências culturais, religião, dentre outros.

É observável o uso corrente da sigla FtM (Female to Male/ feminino para masculino), muito comum na internet e na literatura norte-americana e com recente uso na variação contrária (MtF) no Brasil, principalmente entre os mais jovens e que compartilham termos das redes sociais. O que nos sugere que tal uso é um indicativo das implicações da identificação e disseminação desta experiência nacionalmente a partir da internet, seja pelo acesso a sites e páginas na internet sobre transexualidade masculina (como FTM International) seja por figuras públicas internacionais (Bucky Angel, Thomas Beatie, Chaz Bono[7]), bem como pela disseminação de literatura internacional sobre transgêneros. Nery & Filho (2013) encontraram as designações homens trans, homem transsexual, transhomem, transexual masculino, FtM, *man* e

[6] Para uma discussão mais detalhada sobre as categorias travesti e transexual no Brasil, acessar o trabalho do pesquisador Lima Carvalho (2011) e Jorge Leite Jr. (2011).

[7] Bucky Angel é um ator pornô americano, transexual masculino muito citado entre os homens entrevistados. Thomas Beatie também transexual masculino ficou conhecido mundialmente como "o homem grávido" e Chaz Bono, transexual filho da pop star Cher, registrou sua transição em documentário veiculado pela BBC.

brother também utilizadas em espaços virtuais.

Para estes autores algumas pessoas que optam pelo uso dos termos homens, meninos, guris, garotos ou para sua autonomeação apontam para o entendimento da transexualidade como um estado transitório, efêmero, que "desembocará na adequação ao gênero de identificação." (pag. 1). Acredito que podem fazer referência não só a uma idéia essencializadora da transexualidade, mas dizem de um desejo de não sinalizar esta vivência em toda e qualquer referência a si. Como destaca Almeida:

> este conflito inicial descrito pelas pessoas transexuais não necessariamente se mantém quando individualmente as pessoas transexuais constroem as condições físicas e sociais para serem reconhecidas no gênero que afirmam para si. Assim, é comum que rejeitem a categoria "transexual" como autodefinidora após esses processos, preferindo ser apenas reconhecidos como "mulheres" ou "homens" e que até rejeitem qualquer proximidade com lutas sociais ligadas ao combate à homofobia e/ou ao sexismo (MURTA e ALMEIDA, 2013, p.386).

Auto-intitulado primeiro homem a falar publicamente de sua transexualidade no Brasil, ainda na década de 1970, o escritor João W. Nery usa em seu livro e em seus discursos públicos as categorias "transhomem" e "transmulher" com a justificativa de nesses termos a categoria "trans" ser substantivada, o que não aconteceria com o uso de "homem trans" e "mulher trans", nos quais a termo "trans" seria adjetivo das categorias "homem" e "mulher" (LIMA CARVALHO, 2012). Ávila & Grossi (2010) apontam a recorrência destes termos na literatura internacional: francês "transhomme" e inglês "transman". Teixeira (2012) em suas publicações cria uma estratégia (orto)gráfica para marcar sua dúvida/recusa ao vocabulário médico usual, e indica a instabilidade desta nomeação colocando o termo "transexual" entre parênteses.

No ultimo ENTLAIDS em 2013, muitos FtM e MtF presentes se autodesignavam transgênero, dizendo que suas experiências envolviam tanto um releitura sobre o gênero quanto a sua sexualidade, e que se sentiam representados por este termo, mais democrático e flexível frente às diferentes identidades, se distanciando das representações pejorativas que outras categorias carregam. Tal posicionamento enfrentou resistências por parte dos e das militantes presentes, que denunciavam um certo esvaziamento histórico e politico nesta designação. Representantes do IBRAT[8]

[8] IBRAT – Instituto Brasileiro de Transmasculinidades e ABHT – Associação

presentes no evento anunciaram que fariam uma discussão interna, com representantes de todos os estado para a definição de um termo, dentre todos esses, no qual se sentiriam mais a vontade para dizer de suas experiências. A ABHT tem utilizado em diversos momentos o termo homem trans.

Outro ponto diz respeito à redefinição de algumas demandas dos movimentos sociais de travestis e transexuais no reconhecimento legal da identidade de gênero desses sujeitos. Lima Carvalho (2011) descreveu a reivindicação pelo uso do nome social como uma das mais importantes bandeiras de luta na história destes movimentos. No ultimo evento nacional em 2013 a demanda pelo nome civil, e uma certa avaliação da sua necessidade (reconhecendo as limitações do uso somente do nome social) já começavam a entrar em pauta.

Brasileira de Homens Trans; são organizações de/para transhomens brasileiros. Serão melhor apresentada no tópico 2.3

Capitulo 2: Contextos de emergência e políticas

2.1 Eu e os meninos

A experiência de trabalho de campo busca desvelar as dimensões subjetivas e as vivências que propiciam relações produtoras de conhecimento. Logo, os relatos do envolvimento com as pessoas e sobre os diferentes contextos e situações em que se deu a pesquisa, mais do que nunca, constituem dados do próprio trabalho científico e são considerados como integrantes do resultado (TEIXEIRA, 2012). As escolhas metodológicas, assim como os recortes que definem esta pesquisa refletem de alguma forma, os caminhos pelos quais esta temática se tornou interessante e importante para a minha formação, assim como os percursos que fizeram com que esta aproximação fosse possível.

Desde o ano de 2010 até hoje, tanto durante minha graduação em Psicologia quanto posteriormente, como aluna do mestrado em Psicologia Social, na Universidade Federal de Minas Gerais, fui bolsista do ~~NúcTco~~ de Direitos Humanos e Cidadania LGBT NUH/UFMG, local em que a temática de gênero e diversidade sexual eram centrais nos temas estudados e nas ações executadas. Minha inserção se deu em um projeto de formação de educadores para o combate a homofobia e a promoção da cidadania LGBT. Este período foi fundamental para perceber como a universidade era/é local privilegiado de diálogo e visibilidade sobre estas temáticas, pois, por mais que enfrentássemos resistências internas (expressas por exemplo, em categorizações e piadas de outros professores e colegas que se intitulavam mais "científicos" e mais legítimos), os ares fora dos muros da universidades eram muito mais nebulosos e representavam o país com recorde de assassinatos de LGBT em que vivemos. Muitas concepções discriminatórias e marginalizantes que nos pareciam desconstruídas em nossos debates, ganhavam contornos nítidos e eram materializadas em palavras e ações, em preconceitos e humilhações às sexualidade não-normativas.

Posteriormente participei da elaboração e da coordenação de outro projeto de pesquisa e extensão com travestis e transexuais em prostituição em Belo Horizonte e região metropolitana. Aproximação que começou com um estágio regular, e se tornou importante espaço de diálogo entre esta população, a universidade, gestores públicos e militantes. Além de um inesgotável campo de desafios e aprendizagem, me permitiu

uma aproximação com militantes e pesquisadores ao longo do país, seus questionamentos, demandas, e suas elaborações de caminhos possível de intervenção e responsabilização social.

Nesse entremeado sempre me chamou atenção o fato de grande parte da literatura, das intervenções e dos debates que de forma geral discutissem sexualidade e população LGBT, fossem centradas majoritariamente na experiência de homens gays e em menor escala de travestis e mulheres transexuais. Procurei nomear e questionar essa ausência , muitas vezes tendo como resposta que esta iniciativa deveria partir das próprias mulheres e demais interessados. A experiência da transexualidade masculina me saltou aos olhos e ao coração nesse contexto, de questionamento sobre a invisibilidade da existência e da demanda de corpos designados como femininos. Como e onde se construíam os saberes sobre estas experiências não-heterossexuais e/ou que recusavam a designação como mulheres? Onde estavam estas pessoas, que não víamos nas ruas, nas universidades, nos eventos militantes?

Em meados de 2011, me preparando para a seleção de mestrado encontrei outros silenciamentos. Não havia disponível no Brasil produções acadêmicas em que esta experiência tivesse foco, havia menções em trabalhos com outras temáticas, sempre apontando a falta de dados sobre estas experiências. Com muita coragem e vontade escrevi para dois pesquisadores que generosamente me indicaram bibliografias: a autobiografia de João W Nery, "João ou Joana: erro de pessoa" e "A queda para o alto" de Anderson Herzer e algumas publicações da pesquisadora Simone Ávila, que tinha exatamente as experiências das transmasculinidades como tema de sua pesquisa de doutorado. A partir desses textos e da conversas com os pesquisadores descobri a internet como um valioso local de interlocução com os sujeitos e busca de informação sobre estas experiências. Iniciei então minhas buscas pela web, que me levaram ainda no Orkut (rede social) a encontrar comunidades sobre FtMs, termo que desconhecia e logo entendi, seria a chave para minhas pesquisas online. Neste mesmo ano, durante o ENTLAIDS em Recife, conheci Teonardo Tenório, homem transexual, militante trans daquele estado, que se tornaria uma pessoa muito querida e um dos principais interlocutores, que posteriormente me colocou em contato com diversos outros espaços na web onde transexuais brasileiros se encontravam.

Becerra (2010) ao falar das aproximações entre sua experiência pessoal como mulherers transexual e a escolha desta mesma temática para sua pesquisa de mestrado

diz:

> Conozco de sobra aquella sensación inquietante de estar permanentemente consciente del cuerpo por no sentirse a gusto en él, pero también he sentido la fascinación que produce intervenirse el cuerpo e ir construyendo una identidad que siempre has sentido como propia." (BECERRA, 2010, p. 17)

Eu me identifico e/ou sou designada como mulher cis, lésbica e feminista , realmente não vivencio a transexualidade para me aproximar com esta delicadeza da experiência destes homens com quem me relacionei nos últimos anos, durante a pesquisa. Porém compartilho ao longo da minha vida, do lugar de deslocamento, de não se apresentar como uma mulher nos moldes dos padrões de beleza, das delicadezas esperadas para este gênero, da inconformidade com os lugares que esperam que eu ocupe. Compartilho da indignação com os rótulos e pressuposições discriminatórias geradas por uma determinada aparência física, por uma militancia feminista e LGBT, por tomar como minhas algumas lutas tidas como perdidas. A identificação como lésbica, me proporcionou outros olhares sobre meu corpo, meus desejos, e me permitiu rever concepções e objetivos, assim como trouxe consequencias, me expos a outras violências e me fez perder e rever relações. E deste lugar que me propus a contribuir para o debate sobre as experiências de homens transexuais.

Esta pesquisa foi delineada com os horizontes da psicologia social, e em consonância com o compromisso desta área de pesquisa com a transformação das condições sociais de forma a se fazerem audíveis as vozes de sujeitos em condições subalternas nas hierarquias sexuais e sociais (SPIVAK, 2010). Busca uma rearticulação na compreensão destas experiências, e para isso foram eleitas metodologias que buscam uma proximidade com a dinâmica própria de vivência desses sujeitos.

Ciente da complexidade do campo de estudos no qual nos lançamos busquei uma aproximação de metodologias qualitativas, que segundo Minayo (2006) se aproximam do reconhecimento da subjetividade e do simbólico como partes integrantes da realidade social, do indissociável imbricamento entre subjetivo e objetivo, entre atores sociais e investigadores, entre fatos e significados, entre estruturas e representações. Compartilho das abordagens epistemológicas de Haraway (1995) que reconhece que o conhecimento é sempre situado, e busca criar metáforas, pontes e diálogos, ao invés de categorias ou descrições de objetos dado para análise.

Foi realizada em dezembro de 2012 a qualificação do ante-projeto desta

pesquisa, que após generoso debate apontou caminhos interessantes para a condução da investigação. A internet anteriormente pensada como fonte de dados (conteúdo das postagens em grupos e fóruns), passa a figurar como espaço de aproximação com o campo e com sujeitos. A partir dela foi possível tanto ter um panorama das demandas e experiências de homens transexuais de todo o país e apreender termos e expressões comuns entre FtMs, quanto pensar sobre a sua centralidade na experiências das transmasculinidades, neste período analisado. Com esta aproximação inicial foi possível perceber que os grupos, blogs, e páginas web feitas por/para transhomens, estão muito presentes nos processos de identificação, modificações do corpo e comportamento e criação de redes de sociabilidade, porém, não dizem da totalidade desta experiência. São também espaços de regulação e idealização tanto da experiência da transexualidade, como das masculinidades onde circulam alguns ideais de masculinidade e afirmação de si.

Além disso um novo projeto[9] de pesquisa que se estabelecia no NUH/UFMG com foco na mesma população e recorte nas demandas de saúde, proporcionou reuniões periódicas com alguns FTMs da região. Espaços que possibilitaram uma proximidade entre eu e alguns homens transexuais, fundamentais para a realização das entrevistas.

A partir de todo o contexto explicitado, foram eleitos diferentes caminhos investigativos, com etapas sequenciais e também simultâneas que serão apresentadas e justificadas abaixo:

1 – Como procedimento de aproximação ao campo de pesquisa e aos sujeitos, foi realizado um acompanhamento/participação periódica em 2 fóruns de discussão, na rede social Facebook, de/sobre homens transexuais; também fazem parte das análises videos/documentários postados na internet, feitos por/com FtM:

Entre janeiro e dezembro de 2013 foram acompanhadas postagens em 2 grupos de discussão da rede social – Facebook- , com características e públicos diferentes.

O Primeiro deles[10] (cerca de 360 membros[11]) é composto por participantes que

---

[9] Projeto "Transexualidades/Transgenereidades e Saúde Pública no Brasil: entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans", desenvolvido pelo NUH/UFMG e coordenador pela Prof.Erica Souza e Prof.Marco Aurélio Máximo Prado.

[10] Em respeito aos participantes não serao revelados os nomes dos grupos que participaram desta pesquisa.

se identificam como homens transexuais (adicionados por um membro), e alguns pesquisadores e profissionais da saúde, previamente apresentados ao grupo por um dos membro, tendo sua participação anunciada e autorizada internamente (Vale destacar que no ultimo mês de 2013 os profissionais e pesquisadores foram retirados do grupo, e um novo grupo somente com estas pessoas foi montado, tornando o grupo exclusivo para aqueles que se identificam como FTM) . O segundo grupo (cerca de 91 membros), foi criado no ano de 2013, com homens e mulheres transexuais de BH e região metropolitana, alunos, pesquisadores, gestores públicos e demais pessoas interessadas, como um canal de comunicação entre alguns projetos do NUH/UFMG e a população de travestis, homens e mulheres transexuais da região.

No primeiro ano desta pesquisa durante o período de acompanhamento/participação no Primeiro grupo do Facebook, minha participação se deu de forma livre porém pouco atuante, esporadicamente curtindo e compartilhando postagens com assuntos de interesse do grupo, como aquelas relativas a atendimento médico, conquista de direitos, divulgação de eventos e demais notícias relativas à temática LGBT e trans, no país. Paralelamente foram sendo registrados os principais temas recorrentes nas postagens, criando-se categorias, muitas vezes exemplificadas com algumas transcrições do que foi publicado. Tais categorias serão apresentadas e discutidas no último bloco desta dissertação, em um capítulo próprio, mantendo o anonimato dos autores de todas as postagens porventura citadas. Fazem parte também destas narrativas analisadas depoimentos de FtMs registrados em pequenos documentários e videos disponíveis na internet como, TRANShomemTRANS (2012), e TRANSVERSOS (2013).

Durante o segundo ano da pesquisa, minha participação foi mais efetiva no Segundo grupo. Através dele mantive frequentemente contato com aqueles que seriam meus colaboradores nas entrevistas, tanto interagindo através das postagens do grupo, quanto em conversas pelo chat e emails.

Estas etapas substanciaram a condução das entrevistas, tanto em relação ao conteúdo, quanto ao ~~vincula~~ necessário para o convite a participar da pesquisa.

Minayo atenta para o fato de que o trabalho de campo permite a aproximação do

---

[11] O número de participantes dos dois grupos é aproximado, pois de acordo com a dinâmica do espaços, muitos perfis podem ser adicionados ou excluídos diariamente.

pesquisador à realidade sobre a qual formulou uma pergunta, assim como o estabelecimento de "uma interação com os "atores" que conformam a realidade", possibilitando a construção de um conhecimento social empírico e uma compreensão menos comprometida com ideias pre-estabelecidas (MINAYO, 2010, p.61). Nesta pesquisa esses dados representam interações e temas de interesse comum compartilhados entre transexuais de diferentes faixas etárias e residentes em vários estados brasileiros. A fim de apresentar um breve levantamento das principais temáticas debatidas nestes espaços de/para transhomens na internet, serão expostos nos próximos capítulos, alguns blocos de caracterização dos conteúdos publicados e indicativos de como estes depoimentos podem nos aproximar da experiência da transexualidade masculina.

Para Young (2002) as narrativas exibem conhecimentos localizados, e a combinação dessas narrativas pode produzir um conhecimento alargado sobre o outro. Por meio delas é possível que as pessoas expliquem suas identidades e de certa forma usem as biografias "como meio de politizar situações, refletindo sobre o ponto em que convergem suas experiências, qual a semelhança dos problemas experienciados e quais as soluções que podem ser encontradas coletivamente". Para a autora, "o testemunho freqüentemente provê uma resposta a pessoas que duvidam da legitimidade da reivindicação da necessidade ou direito" (p. 74). Os testemunhos podem auxiliar na construção de um conhecimento social mais amplo, que promova mudanças de entendimento acerca de determinadas perspectivas (GARCEZ & MAIA, 2009).

Jesus (2010) aponta um determinado caráter confessional presente nas narrativas de transexuais na internet, relacionado ao dinamismo destas experiências frente aos discursos sobre ela. Á luz das teorias de Foucault a pesquisadora afirma que

> Confissões fazem de nós sujeitos em ambos os sentidos da palavra – estamos sujeitos aos poderes (de médicos, funcionários públicos, juízes, professores, pais, etc.) que extraem confissões de nós, e através da confissão, chegamos a nos ver como sujeitos pensantes, o sujeito da confissão (FOUCAULT, 1977). O conceito de "exibicionismo empoderador" (KOSKELA, 2004) parece se aplicar perfeitamente para capturar o paradoxo da autorrevelação em jogo nesses blogs (JESUS, 2010, p. 12).

2 - Entrevistas semi-estruturadas com transhomens que concordaram em contribuir com a pesquisa;

Foram realizadas entrevistas e contatos informais com 6 homens transexuais brasileiros, entre 20 e 31 anos, sendo 5 deles residentes em Belo Horizonte e região metropolitana e um deles em Pernambuco. Esses sujeitos foram previamente conhecidos por mim através de reuniões e eventos militantes e acadêmicos promovidos na cidade durante o último ano, além do contato através dos grupos e forúns de discussão na internet. Após conversas individuais com cada um deles e uma apresentação dos objetivos e contornos desta pesquisa, foram convidados a participar e prontamente aceitaram. O fato de residirem na mesma cidade, ou em cidades próximas à minha foi um importante critério de escolha, uma vez que permitiu, na maioria dos casos, diversos encontros para conversas ou atividades aleatórias, criando laços de confiança e facilitando uma aproximação com suas vivências e o contexto local (como andar pela cidade, ir a bares e restaurantes, utilizar o transporte público, por exemplo) que seria reduzido caso fosse resumida a uma única entrevista presencial.

O único entrevistado não residente em Minas Gerais foi um dos primeiros homens transexuais que conheci, ainda em 2011, antes do início oficial da pesquisa e que se tornou ao longos dos dois anos um dos principais interlocutores. Neste últimos anos sua representantividade na militancia trans nacional foi sendo ampliada e consolidada. Além dos temas de interesse desta investigação, com ele também foram discutidas impressões, estratégias e possibilidades de entendimento destas experiências. Foi a partir deste contato que pude ser inserida e apresentada a outros FtMs, tanto em espaços da internet, como presencialmente.

Os contatos com os participantes foram conduzidos por questões em torno da experiência de identificação com a transexualidade masculina e os acontecimentos em decorrência desta identificação, a internet, corpos, masculinidades e tecnologias de gênero, vivências familiares e afetivos-sexuais. Não houve um roteiro rígido de entrevista, a partir de alguns disparadores estabelecemos espaços para a emergência de um depoimento, um relato conduzido também pelo seu autor, que atuou na delimitação dos personagens, fatos e situações que julgou mais importantes. Tais escolhas são também dados e merecedores de nossa atenção analítica. (SANTOS, 2002).

Todas as entrevistas foram gravadas com consentimento dos participantes, transcritas e categorizadas. Para todos os entrevistados, informamos que preservaríamos o anonimato dos mesmos, mesmo com a autorização unânime da divulgação dos seus nomes. Esta escolha reflete um cuidado em preservar histórias pessoais e relatos de

atividades nem sempre lícitas confiadas a mim, durante as falas. Reflete também um cuidado com as relações que se estabelecem entre as posições sociais ocupadas por quem é socialmente visto como "o especialista" ou o "pesquisador" e determinado "grupo pesquisado"ou "objeto de pesquisa".

Sobre o assunto Teixeira (2012) chama atenção para o fato de que o uso de meodologias que envolvem registros orais requer uma atenção especial às interações entre entrevistador-entrevistando. Trazer para o discurso temas tão íntimos e delicados pode provocar nos interpelados uma espécie de auto-avaliação; ao mesmo tempo, tensões e auto-críticas podem aflorar no decorrer da entrevista, instigando a uma análise que vai além do "dito". Assim é necessário que o pesquisador privilegie o ato, ou seja, as práticas de verbalização atreladas ao histórico dos entrevistados e entenda esta construção como parte dos jogos de saber-poder, buscando "compreender como na situação de entrevista um discurso de si e do outro foi elaborado e como auto-justificativas foram construídas para dignificar a experiência da transexualidade."(TEIXEIRA, 2012, p. 507).

Corrobora-se nesta pesquisa com o posicionamento explicitado por Costa (2010)

> Cabe considerar que entendemos a relação entre pesquisador e pesquisado não como uma relação entre sujeito (pesquisador, ativo, pensante, racional) e objeto (pesquisado, passivo, alienado, não-racional), e sim como uma relação entre sujeito e sujeito em torno da reflexão sobre um determinado objeto: o problema de pesquisa a ser investigado. Portanto, a relação pesquisador e pesquisado é entendida como uma relação entre sujeitos que podem apresentar saberes distintos sobre a realidade, mas que de maneira alguma a simples adjetivação de um dos saberes como "científico" o faz, a priori, uma forma superior de compreensão da realidade e de outro como "popular", "militante" inferior na reflexão sobre o objeto analisado. Assim, o conhecimento é entendido como um conhecimento co-construído, sendo pesquisador e pesquisado sujeitos na interpretação sobre aquele objeto pesquisado. (COSTA, 2010, p.11).

Os resultados destes diálogos serao apresentados também no próximo bloco desta dissertação, em um tópico próprio.

2.2 Os Homens vão ao médico

"Não há nada que desvelar na natureza, não há um segredo escondido. Vivemos na hipermodernidade punk: já não se trata de revelar a verdade oculta da natureza, mas é necessário explicitar os processos culturais, políticos, técnicos através dos quais o corpo como artefato adquire estatuto natural". (PRECIADO, 2008, p. 33).

Uma das principais pautas de reivindicação dos movimentos sociais de travestis e transexuais no Brasil, e tema de inúmeras polêmicas internas ao movimento LGBT e entre movimentos sociais e pesquisadores, é a luta pelo financiamento do processo transexualizador pelo Estado e de acompanhamento da saúde integral destas populações. O diagnóstico de transexual garante a estes sujeitos uma via de inteligibilidade social em relação à normativa de gênero, às custas de uma designação patológica.

Uma cidadania cirúrgica, como afirmou o filósofo Mauro Cabral (2010) regulada por uma série de pressupostos que tutelam os sujeitos que as demandam e organizam hierarquicamente as experiências de gênero e sexualidade, regendo políticas públicas a partir de identidades coerentes e unitárias (BENTO, 2006). Após dois anos de acompanhamento conjunto por uma equipe multidisciplinar constituída por médico psiquiatra, cirurgião, endocrinologista, psicólogo e assistente social, o candidato a transexual será por ela avaliado, obedecendo aos critérios estabelecidos pela Resolução 1.652/2002, do CFM, para fins de seleção para a cirurgia. A cirurgia é a parte mais importante do "tratamento", pressupostamente a razão pela qual ele é feito, e no sistema normativo de regulação sobre os corpos é promessa sobre o seu passado, presente e futuro. O processo transexualizador em sí é vendido como uma via de acesso para transformação de mulheres em homens, o sistema sexo-gênero-desejo que organiza esta política não permite meios termos, por isso tanta polêmica em torno da sua irreversibilidade e idade de início .

A inclusão de homens trans neste processo estimula a reflexão sobre o significado de se possibilitar a transformação corporal de caracteres sexuais secundários sem que seja necessário/possível a realização da transgenitalização. O que nos faz pensar na diversidade das experiências da transexualidade e na importância da individualização do cuidado como parte essencial da noção de integralidade em saúde (ARÁN, 2010). Se partirmos do pressuposto de que há múltiplas possibilidades de

experiências e práticas de gênero e que as pessoas que solicitam alterações corporais ou desejam migrar legalmente de um gênero imposto para outro com o qual se identificam, são sujeitos capazes de conferir sentido para estas transformações, não há justificativa para definir um protocolo fundamentado no transtorno mental. (Bento, 2012) No entanto a política que rege estes procedimentos não está fundamentada nestes pressupostos, e é a partir do diagnostico de transexualidade, CID.64.0 que estes procedimentos estão garantidos.

O SUS, apontado como possibilitador de vivências, guarda uma relação peculiar com a experiência da transexualidade masculina e suas demandas atuais. Para entendê-la, traremos um breve histórico do processo transexualizador no Brasil.

As cirurgias de mudança de sexo no país iniciaram em 1997, e o processo transexualizador efetuado pelo SUS foi estabelecido através da Portaria no 1.707, do Ministério da Saúde, em 2008. No entanto é estabelecida a entrada indireta de transhomens neste processo somente em setembro de 2010, com a Resolução n° 1.955/2010 que considera que os procedimentos de retiradas de mamas, ovários e útero (mastectomia e histerectomia) deixam de ser experimentais. A cirurgia de redesignação sexual, neofaloplastia (construção do pênis) ainda não foi liberada e permanece em caráter experimental, tendo em vista as limitações funcionais do órgão construído cirurgicamente. Segundo Ávila e Grossi (2011), embora esta cirurgia seja realizada há mais de trinta anos em outros países, não há investimentos suficientes em pesquisa e tecnologia neste país para que tal procedimento seja retirado do caráter experimental e incluído nesta Resolução.

A Portaria Nº 2.803, de 19 de Novembro de 2013 do Ministério da Saúde redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS). Esta portaria foi uma das respostas do Governo Federal à decisão judicial proferida em setembro de 2013, que determinou ao Ministério da Saúde o cumprimento integral das medidas necessárias para possibilitar a realização no SUS de todos os procedimentos médicos para garantir a cirurgia de “transgenitalização” e a “readequação sexual” no Processo Transexualizador, conforme os critérios estabelecidos em Resolução do Conselho Federal de Medicina (CFM). Antes restrito a mulheres transexuais, o procedimento da transgenitalização para homens transexuais, mais complexo e ainda de caráter experimental, também pode ser realizado a partir dos 18 anos pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Uma nova portaria, publicada no Diário Oficial da União em 21

de novembro, acata a decisão judicial que, em setembro, determinou que o Ministério da Saúde tomasse as medidas necessárias para facilitar o acesso a cirurgias de transgenitalização e adequação sexual. Os hospitais tiveram 30 dias para se adequar às novas regras, incluindo a criação dos Serviços de Atenção Especializada com médicos das áreas de endocrinologia, ginecologistas, urologistas, obstetras, cirurgiões plásticos, psicólogos e psiquiatras, além de enfermeiros e assistentes sociais. Com a nova norma, não só homens transexuais, mas também travestis terão acesso ao programa com previsão normativa. No entanto mantem os mesmos pressupostos sobre patologia da experiencia.

Zoby comenta que a maior visibilidade de transhomens nos últimos anos e sua organização política, já vinham estabelecendo espaços próprios em alguns hospitais que realizam acompanhamento transexualizador pelo SUS: "alguns, como o HUB (Hospital Universitário de Brasília), já estão criando grupos exclusivamente masculinos" (ZOBY, 2011, p. 4). Segundo Zoby uma das principais reivindicações (hormonização a partir dos 16 anos) foi conseguida no SUS em São Paulo, assim como o uso de bloqueadores hormonais no início da adolescência. (Nery & Filho, 2013, pag 410) No entanto transhomens de outros estados reivindicam esta melhoria em todo o país, e denunciam a carencia de atendimento médico integral de forma pulverizada pelo país.

Um panorama das dificuldades atuais do processo transexualizador pelo SUS, aponta que apesar de haver uma base normativa que o orienta, não são claras as atribuições e competencias estaduais e municipais. Atualmente há uma distribuição desigual de atendimento entre os estados, com uma concentração nas regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste. No âmbito da gestão os recursos financeiros e de pessoal são limitados para o atendimento da crescente demanda, deixando o acesso de novos usuários comprometido e o tempo médio de realização de modificações corporais até quatro vezes maior do que o previsto. Observa-se um desconhecimento e baixo controle social sobre o que é desenvolvido nas unidades de saúde prestadoras de serviços a transexuais e travestis no país. (MURTA e ALMEIDA, 2013, p. 392)

Em função da marginalização social destas experiências, observa-se um isolamento destes programas em relação aos demais setores das unidades de saúde, da própria política de saúde e demais políticas sociais. Tanto por falhas de gestão, tão comuns nos serviços públicos brasileiros, quanto pela clara discriminação que o programa, os profissionais e os usuários são alvo. A transfobia respinga não só naqueles

que procuram os serviços e muitas vezes são desencorajados desde a entrada até o setor de atendimento próprio, mas também aos profissionais que tem sua legitimidade e competencia questionadas por colegas e outros usuários, tornando o ambiente de trabalho tenso e desafiador.

Nossos interlocutores apontam as dificuldades encontradas por transhomens no acesso ao processo transexualizador destacando a inabilidade e desconhecimento dos profissionais de saúde na compreensão e cuidado com a experiência da transexualidade, em especial a masculina, tornando o ambiente de atendimento constrangedor, hostil e os procedimentos mais invasivos e desconfortáveis. Fica evidente em suas falas que é necessário portar uma fisionomia masculina, ou o mais próximo possível da idéia de masculinidade, para que a sua demanda tenha legitimidade. São inúmeros os relatos de recusa de atendimento, incompreensão e questionamento quanto a afirmação da masculinidade/transexualidade (e não outro diagnóstico), quando os usuários estão no início das transformações, ou ainda não apresentam caracteres masculinos visíveis.

Rauf relata como foi dispensado pelo médico, em sua primeira tentativa de hormonização logo após a identificação como homem, com a dúvida expressa do profissional quanto a sua afirmação como transsexual, diante da sua aparência ainda feminina. A total falta de compreensão e acolhimento dos profissionais dizem do desconhecimento que ainda impera sobre a transexualidade masculina, aliada a um indisposição com aqueles pacientes que procuram ajuda alegando esta condição, como se devessem ser punidos por se atrever a se autoidentificar em outro gênero. Como observa Bento (2008) é nestes espaços que se pode observar o conceito de gênero binário operando os olhares dos membros das equipes multidisciplinares, responsáveis pela produção de um diagnóstico sobre os corpos de sujeitos que demandam intervenções que lhes permitirão o reconhecimento do gênero identificado. Esta situação indica ainda "as falhas de um sistema que se propõe científico, arrogando-se o direito de definir a verdade das identidades" (BENTO, 2008, p. 96).

Uma importante demanda da população de transhomens é de um adequado acompanhamento hormonal masculinizante e do acesso regular a estes medicamentos, uma vez que a automedicação normalmente realizada em doses elevadas é um risco à saúde destas pessoas. No Brasil esses medicamentos só podem ser adquiridos através de receituário médico especial (tipo C5,– anabolizantes - respeitando a Portaria 344/1998

da Anvisa), com descrição da "patologia" (CID – F64.0) e CPF do médico responsável (de acordo com a Lei 9.965/2000, que existe para inibir o tráfico de anabolizantes). Tais procedimentos, reguladores do uso abusivo de medicamentos, na prática se tornam obstáculos para transhomens, uma vez que grande parte dos profissionais de saúde, por preconceito e/ou desconhecimento de tais procedimentos se recusam a indicar as medicações, levando-os a buscarem o mercado clandestino e sofrerem as consequências do abuso dessas substâncias. Ademais, muitas vezes, a falta dos hormônios também pode alimentar a exclusão e ostracismo de parte desse grupo uma vez que, sem sustentar no corpo as características do sexo/gênero em que se identificam acabam sendo excluídos do convívio social.

Raulf conta que ao procurar novamente o sistema público, já com uma aparência masculina e que não deixava dúvidas quanto a sua afirmação como homem, foi recebido quase com piedade pelas enfermeiras, que pareciam não estar atendendo um transsexual, mas ajudando um homem a manter a sua aparência. Para Raulf esta mudança de tratamento diz da importância da imagem coerente com o gênero afirmado, para que a sua demanda tenha legitimidade, uma situação cruel uma vez que é no início do tratamento que os sujeitos necessitam de mais informação e acompanhamento profissional para sua segurança e integridade física e psicológica.

Muitos entrevistados após diversas tentativas frustradas de acompanhamento hormonal nos sistemas públicos e privados, foram levados a conseguiram de forma clandestina as receitas para hormonização. Um deles descobriu que com suas habilidades no photoshop poderia re-produzir laudos com o diagnóstico de "transexualismo", e passou a re-produzi-las para si para outros, como uma forma de desespero e resistência à morosidade, burocratização e ineficiência dos Sistemas públicos e privados de saúde, que atrelam o acesso a certos procedimentos ao diagnóstico. Durante uma de nossas conversas o perguntei: "Mas e o cid.64.0, o que voce faz com ele?" e me respondeu: "Ponho no papel e vendo" numa clara afirmação de que outras relações serão criadas diante da precarização dos atendimentos e dos direitos de transexuais no Brasil.

Assim como acontece entre travestis e mulheres transexuais, FtMs estão sujeitos a abusos e irresponsabilidades por parte de medicos que realizam as intervenções particulares, de forma clandestina inclusive sem o laudo de indicação. Recentemente a ABHT denunciou que alguns transhomens foram operados e não receberam nem o

direito a um leito para recuperação após a cirurgia. A obtenção de hormonios de forma irregular, prática muito comum em função da negação do acompanhamento hormonal por parte de muitos profissionais, também coloca em risco a saúde destes usuários.

Contar com uma rede familiar e de amigos capaz de sustentar a complexidade do processo transexualizador infelizmente é algo raro nas narrativas encontradas.

> São constantes os relatos de ruptura com a família de origem (pais, avós, irmãos, tios, primos, sobrinhos), mesmo após intrincados processos de negociação da transformação com ela. É importante frisar que as famílias frequentemente representam não apenas um espaço de trocas emocionais, mas um espaço de cuidados recíprocos e de auxílio mútuo também do ponto de vista econômico. Ser privada/o do convívio familiar é para alguns perder tudo isto, para outros, é só a reiteração do abandono experimentado desde a infância e, para outros ainda, é uma possibilidade de reinvenção da relação com os familiares e amigos. (MURTA e ALMEIDA, 2013 p. 394)

Vini, Beto e Nando adiaram a administração do hormonio em função da família, por viverem com as mães que em diferentes proporções não apoiam completamente a transição. Beto quando foi expulso de casa vivia em extrema tensão, por medo de seu plano de saúde parar de ser financiado pelo irmão e perder toda a rede de acompanhamento médico que frequentava (psiquiatra, endocrinologista). Beto foi diagnosticado anteriormente com TDAH e há algum tempo faz uso do medicamento ritalina. Um acompanhamento médico é fundalmental para que possa realizar a transição de forma mais segura.

Paolo conhecendo a situação de burocratização e problemas dos atendimentos pelo SUS, quando construiu uma via de acesso a endocrinologistas pelo posto de saúde de seu bairro (que os encaminhava para a médica especializada em um hospital local), depois de muitas negociações e explicações à equipe, passou a fornecer comprovantes de endereço da sua casa para muitos outros transhomens, para que os mesmos já encontrassem uma equipe mais preparada para atende-los e que soubessem para onde encaminha-los.

Da mesma forma, Raulf relata que exerce sua militância por outros meninos trans, quando posta nos grupos do facebook longos relatos, quase um diário campo, de suas visitas ao sistema público de saude. Através desta publicação diz dos profissionais que foram mais ou menos receptivos, de quais caminhos utilizou para ter sucesso, assim como dos órgãos que foi encaminhado e que devem ser solicitados por outros FtMs.

O processo de transição estabelece uma situação de mudança para todos aqueles

que estão ao redor destes transhomens, como constatam também Murta e Almeida (2013) no trecho abaixo. A fim de ~~preserver~~ relações muito caras ou mesmo para amenizar a radicalidade de assumir uma nova identidade entre pessoas queridas, muitos FtMs adiam alguns procedimentos e suportam o tratamento de gênero no ~~feminine~~.

> Algumas mulheres e alguns homens transexuais, ao realizarem transformações corporais, já constituíram seus próprios arranjos familiares, e a negociação das mudanças, do cuidado e do convívio passa a ser com estas pessoas, podendo incluir companheiros(as), sogros(as) e enteados(as), entre outros. São eles que contribuem em grande medida para os sucessos ou as dificuldades experimentadas ao longo do processo transexualizador e raramente têm visibilidade no espaço das unidades de saúde. Eles(as) também são afetados(as) pelas marcas do cotidiano de pessoas transexuais e podem sofrer discriminações em função da sua proximidade (MURTA e ALMEIDA, 2013, p.1).

Nando que possui um relacionamento de 11 anos com uma pessoa do sexo feminino, e gênero indefinido, relata que negocia cada uma das intervenções com elx e com a mãe. Sua primeira aplicação de testosterona foi feita em segredo, contra a vontade dxs duas, porém a ansiedade e excitação foram tão grandes que Nando passou a se sentir mal, e foi levado ao médico. No hospital foi tratado com descaso e desrespeito pelo médico de plantão, que procurou na internet do celular os efeitos da testosterona e o mandou para casa com o diagnostico de crise de pânico. No outro dia voltou a se sentir mal, e foi novamente ao hospital na companhia dx companheirx e da mãe, e somente desta vez, ao explicar a situação para uma outra médica recebeu atenção e cuidado sobre o seu estado. Esta segunda médica e a família o acalmaram, disseram que ele nao havia feito nada de errado, e num posicionamento humanitário e eficiente diante da sua condição, fizeram com que ele se sentisse mais seguro.

Paolo não contou com o apoio financeiro da família para a realização da mastectomia. Quando conseguiu reunir o dinheiro necessário, marcou a cirurgia e avisou aos pais que ~~estaria viajando~~ para faze-la, foi então surpreendido pela presença da mãe que mesmo contrariada cuidou dele durante todo pós operatório. Por outro lado Paolo ainda é chamado no feminino pelos pais, e evita se referir a sí no masculino, segundo ele, para preservá-los um pouco.

Teo acredita que algumas resistências no cuidado à saúde relacionadas às masculinidades cis também são encontradas nas experiências de muitos homens transexuais e agravadas pelos receios consequentes da discriminação e dos constrangimentos transfóbicos. O apoio familiar, dos e das companheiras ou mesmo de

algum amigo é fundamental para a escolha e manutenção de intervenções mais seguras. A internet mais uma vez pode atuar como uma ferramenta interessante neste aspecto. Teo e Paolo colecionam um grande arquivo de informações e fotos sobre cirurgias, médicos e procedimentos de intervenção corporal. Através destas informações aprenderam a debater inclusive com profissionais de saúde sobre quais procedimentos têm dado melhor resultado, e quais desejam realizar. Teo há 4 anos vem sustentando um briga juridical com seu plano de saúde, para que sua mastectomia, possa ser realizada com um determinado procedimento. Para ele a resolução do Conselho Federal de Medicina sobre mastectomia é confusa, e cabe várias interpretações. Acaba regulando e impedindo a busca de outras vias, uma vez que exige equipe especializada, por exemplo, e os planos privados normalmente não tem.

Vini e Beto estão adiando a ingestão regular de testosterona por viverem com os familiares. No entanto fizeram aplicaçoes esporádicas do hormonio e comemoram cada uma dos pêlos conquistados com fotos e postagens na internet, assim como muitos outros transhomens encontrados nos grupos.

Rauf conta que a ansiedade para retirada dos seios era algo tão grande e tão libertadora ao mesmo tempo, que não teve dúvidas, não podia esperar ~~por pelas~~ filas incertas do SUS. Vendeu o seu carro, e realizou sua primeira cirurgia de mastectomia de forma particular, em suas palavras “Aí eu fui feliz de novo”. Apesar de ter feito um planejamento sobre cada intervenção que faria, se deparou com um novo corpo produzido pelo hormonio muito mais cedo do que esperava. Em sua narrativa os hormonios produziram um novo semblante, mais sério e barbado, que atraia o olhar dos outros, ao ser combinado com um corpo com seios. Esta condição o deixou extremamente desconfortável e a decisão de eliminar o que ainda podia o identificar como mulher, foi urgente.

Nando que durante um bom tempo relutou com a identificação com a transexualidade maculina, percebia esta experiência como produtora de muito sofrimento e desfiguração na sua imagem. Apesar de já se vestir com roupas masculinas, cabelos curtos e se relacionar com x companheirx como homem, ainda sustenta um corpo com muito seios, um dos principais marcadores de gênero no corpo feminino e condição que mais o incomoda. Nando relata que fez duas aplicações de hormônios, e que a segunda representou uma das melhores fases de sua vida, em que se sentiu melhor com seu corpo. Porém passou a observar que seu corpo reagia a aquele

medicamento, produzindo pêlos em um corpo com seios, e em suas palavras ele começou "a se tornar o monstro que ele achou que seria (como trasexual)". Diante disso, resolveu adiar a administraçao do hormônio, enquanto não realizar a mastectomia.

Teo chama a atenção ainda para questões reprodutivas de homens transexuais, em especial pelo peso da regulação social e estatal sobre um corpo designado como feminino. Relata a dificuldade generalizada de negociação da retirada do útero e ovários (histeriotomia) em função de uma suposta perda reprodutiva em um corpo jovem. Nenhum dos nossos entrevistados realizou este procedimento, apesar de vários relatarem o desejo em faze-lo, principalmente para cessar a menstruação. A regulação sobre estes corpos acontece de forma tão devastadora que nem vítima de uma disfunção que o deixou severamente anêmico, por possuir útero bicórneo e sangramento constante, Nando conseguiu a autorização para a realização da cirurgia.

Interessante pontuarmos como esta argumentação parece ser anulada quando colocamos em pauta o reconhecimento legal da identidade de gênero e sexo de pessoas transexuais. Segundo Coacci (2013):

> A jurisprudência mineira segue a tendência da francesa, apresentada por Borrilo, de "autorizar a mudança de seu estado civil se sua morfologia for modificada e se seu comportamento social lhe conferir uma aparência do sexo reivindicado. No entanto, se a modificação física não for definitiva, o juiz nega a mudança" (BORRILO, 2010, p. 302). A jurisprudência demonstra que a alteração dos documentos, no que tange ao prenome, se apresenta como uma etapa seguinte, uma consequência da operação. (COACCI, 2013, p.57).

No Brasil, as cirurgias correntes em homens transexuais são mastectomia e histeriotomia, em função do caráter experiemental das redesignações sexuais. Se estas são pressupostos para o reconhecimento jurídico do prenome e sexo de homens transexuais, os mesmos estão sujeitos a uma esterilização compulsória, para que tenham esses direitos garantidos. Assim mais uma vez, à revelia do desejo reprodutivo ou não, desses sujeitos, um outro poder designará o futuro de seu corpo. Como aponta Mauro Cabral parece que estamos diante do medo de que as pessoas tomem decisões sobre os seus corpos, e de que estas decisões sejam não-normativas, por isto o filósofo argumenta o direito de ter um corpo impróprio.

Ao debatermos saúde é importante considerarmos não somente as implicações das intervenções no corpo. A integralidade da saúde e bem estar desses sujeitos devem

considerar as condições sociais em que estão inseridos. Entre transexuais e outras populações vítimas de discriminação e preconceito são freqüentes os problemas como a violência, o consumo de drogas, o alcoolismo, a depressão, a e outras situações de saúde decorrentes da exclusão social, agravadas pela dificuldade de se profissionalizar e obter renda própria. Estes são fatores que se entrecruzam e maximizam a vulnerabilidade, e o sofrimento destas pessoas.

> Neste sentido, todas as formas de discriminação – como a homofobia e a transfobia – devem ser consideradas como situações produtoras de doença e sofrimento. Neste contexto, o termo **integralidade (das políticas de saúde)** deve ser tomado "não como um conceito, mas como um ideal regulador, um devir". Não há manuais ou protocolos que possam evitar as conseqüências indesejáveis de uma concepção totalizadora da atenção integral, antes referidas. A integralidade "é uma construção do cotidiano, que só será possível na prática de sujeitos que cuidam de outros sujeitos, numa perspectiva ética e emancipatória (CAMARGO, 2003, p. 40).

Neste sentido, é possível pensamos que movemos-nos em dois mundos: aqueles de sujeitos concretos e o da esfera política, na qual os sujeitos são ficções. (Bento, 2011). Embora homens transexuais, devam fazer parte da política para os homens, também precisarão do atendimento de ginecologistas, endocrinologistas e outras especialidades médicas tidas como "próprias" para as mulheres. Portanto, se a concepção de gênero que orienta as políticas públicas não se liberar dos pressupostos biologizantes, não terá como ampliar e incluir sujeitos que hoje estão fora dos seus marcos.(Bento, 2012)

Todos nós somos reféns do saber médico e científico, e somos submetidos aos profissionais legítimos a dizer as verdades sobre nosso corpo. Porém além do poder da dúvida (já que teoricamente somos psiquicamente saudáveis como eles), temos o benefício da mobilidade de podemos procurar outros estabelecimentos e outros profissionais. Para transexuais além da perda da legitimidade de suas demandadas, em função de um suposto transtorno psicológico e um corpo disforme, estão submetidos a burocratização e precariedade do atendimento integral de saúde, marcadas pelas discrepâncias de atendimentos especializado ao longo do país, aliada á tutela do diagnóstico que faz com que transexuais fiquem ainda mais suscetíveis e vulneráveis aos discursos médicos.

2.3 O virtual é político[12]

A internet e toda sua gama de possibilidades de interação e informação em tempos de democratização do acesso à rede têm sido respaldada na literatura acadêmica como fonte de pesquisa, análise e conexão em pesquisas que envolvem LGBTs (Miskolci, 2008; Pelúcio, 2005; Piscitelli, 2005). Tais estudos reconhecem o lugar ocupado por este instrumento na busca de informações e socialização destes grupos, uma vez que é utilizada na interação com outros pares; militancia política; eleição de locais amigáveis à expressão pública das sexualidades; como ferramenta de relacionamentos à distancia; entre outros. Podem ser vistos como parte do que Matthews (2007, p. 435) e Jesus, (2010) têm caracterizado como uma ampla "cultura confessional", incluindo gêneros de mídia como vlogs, blogs, *talkshows* televisivos, *reality shows* e as *webcams*.

Na experiência da transexualidade masculina, em especial, a internet tem ocupado em espaço de articulação de saberes e pessoas muito significativa nas vivencias de muitos homens e meninos (trans). Preenchendo lacunas muitas vezes esvaziadas pelas consequencias de assumir uma nova identidade fortemente estigmatizada. Permite encontrar através dos seus inúmeros recursos, novos círculos de sociabilidade que serão fundamentais no percurso de se realocar socialmente. Como esta experiência ainda tem uma visibilidade pública e social recente, percebi que todos os interlocutores que entrevistamos nesta pesquisa, de diferente maneiras, localizam a internet como um instrumento importante nos processos de transição. Empoderador ao fornecer informações não disponibilizadas no sistema de saúde e em outros espaços, instrumentalizando FtMs nas conversas com familiares (sobre o que é esta experiência), com médicos e profissionais da saúde (sobre quais e como serão feitos os procedimentos e intervenções), e com quaisquer outros órgaos ou entidades, como uma forma de resguardar seus direitos.

Nussbaumer (2008) nos fala desse espaço virtual ainda como espaço de segurança, no qual podem não apenas criar novas identidades, mas partilhar, identidades extensivas às do ambiente "off line", "um espaço onde, além de ser possível experimentar ou viver a orientação homossexual, é possível também se constituir enquanto tal" (Nussbaumer, 2008, p. 227).

---

[12] Frase de Viviane V em seu blog

Nestes espaços o "real" e "virtual" são termos complementares (PELÚCIO & CERVI, 2013). Ao falar das ambiguidades que interconectam o eu virtual e o eu real, Illouz afirma:

> a tecnologia da internet posiciona o eu de maneira contraditória: faz o sujeito dar uma guinada profunda para dentro, isto é, exige que ele se concentre em seu próprio eu para captar e comunicar a *essência única* que há nele, sobre a forma de gostos, opiniões, fantasias e compatibilidade afetiva; por outro lado, a internet também faz do eu uma mercadoria em exibição pública. (ILLOUZ. 2011, p.114)

As vozes expressas na Internet, funcionam assim como tensionadoras de uma realidade, que é alvo do desejo de mudança por parte de determinados grupos. Elas apresentam novas premissas de bem viver. Os "desvalorizados" por seus modos de vida podem alçar outras posições na hierarquia social e assim configurarem processos de identificação. A possibilidade de uma identificação coletiva, "proporciona uma maior certeza sobre as próprias escolhas e a motivação para se auto-afirmarem no mundo, mediante a afirmação da sua diferença. Essas pessoas falam por si mesmas, de uma causa comum, e persistem para que seus pontos de vista sejam aceitos" (GARCEZ&MAIA, 2009. p.86-87).

Entre transhomens, esta esfera virtual ganha nuances destacadas na medida em que permite questionar através dos relatos de outras pessoas que também vivênciam esta experiência, o caráter patológico, disforme e marginal que o diagnostico transexual sustenta em relação à normativa sexual e de gênero, tanto para sí, quanto para o mundo. Em suas narrativas é perceptível que a esfera virtual permite também uma afirmação gradual da identidade masculina, associada a um registro deste percurso, seja ele público ou privado. O que se decide tornar público nestes espaços, ou seja, a imagem que vai sendo construídas (por figuras e palavras) nas redes sociais e outras ferramentas de interação está relacionada também a que formato de masculinidade se pretende sustentar, e como cada um dos sujeitos se relacionará com a transexualidade após o reconhecimento social de sua identidade masculina.

No entanto é importante ressaltar que em contexto de uso didático-acadêmico é necessário apontarmos as precauções que envolvem o uso destas plataformas uma vez que na Internet os textos "são conversações, e não monólogos, portanto são narrativas entrecortas por outras, que conjugam diversas modalidades tais como proposições, argumentos, testemunhos, questionamentos, ironias, julgamentos, opiniões e até mesmo

ofensas" (GARCEZ&MAIA, 2009, p. 75), além de estar muitas vezes associado ao anonimato, o que nos leva a uma análise cautelosa de seus conteúdos. Tal exercício delimita no contexto deste país um marcador econômico e de classe, uma vez que está disponível somente para aqueles que tem acesso (pessoal ou público) à esta tecnologia. Cientes destas precauções, as pesquisas realizadas com análises de plataformas da internet têm produzido interessantes reflexões, pluralizando métodos de investigação e análise e gerando novos questionamentos para a área das ciências humanas e sociais em tempos de tecnologia.

No universo das transmasculinidades a internet se destaca como uma das principais aliadas na transição de sexo e gênero. Pesquisar por expressões da transexualidade masculina na web é percorrer desde portfólios de artistas internacionalmente renomados (com transhomens fotógrafos e/ou modelos), vídeos autobiográficos, cirurgias de neofaloplastia, filmes pornô estrelados por FtM, sites internacionais de venda de "equipamentos" (próteses penianas, *binders*,…), relações de médicos e hospitais no país, até blogs de transhomens no interior do Brasil.

A pesquisa do transsexual dinamarquês Tobias Raun (Universidade de Roskilde/Dinamarca), sobre videos autobiográficos de transexuais, traduzida no Brasil pelo texto "#Nascidos em Tela" de Jaqueline Gomes de Jesus (UNB/DF) revela que os youtubers começaram a produzir vídeos sobre sua transição por volta de 2006/2007 e atualmente estas produções se configuram como um gênero em si, com determinadas características. Parece ter sido desenvolvido um modelo de como lidar com o público, como aparecer ou se apresentar na tela e como documentar e discutir a transição. Os canais pessoais do youtube, principal plataforma analisada na pesquisa, servem como um perfil pessoal desenvolvido para apresentar uma curta descrição pessoal, miniaturas de vídeos que o youtuber carregou, membros que o youtuber subscreve, vídeos de outros membros que o youtuber escolheu como favoritos, listas de membros que são amigos e assinantes do youtuber e uma seção onde outras pessoas podem deixar comentários. Esse canal pessoal frequentemente coexiste com outros canais, o que significaria que as experiências dessas pessoas e seus recursos estão distribuídos em uma variedade de plataformas de mídia, oferecendo diferentes pontos de entrada para diferentes segmentos de público. O autor constatou que há uma forte prevalência de pessoas trans jovens, americanas (EUA) brancas, e que estes espaços não são muito diversos racialmente.

No Brasil há uma escassez de pesquisas cujo foco sejam exclusivamente as experiências de homens transexuais. Se destacam as publicações da pesquiadora Simone Ávila, que em sua pesquisa de doutorado vem realizando uma etnografia online e offline com mais de 30 FtMs brasileiros. Suas produções tem como foco principalmente a investigação sobre as produções de transmasculinidades, conjugadas a uma discussão sobre tecnologias de gênero. Seus resultados preliminares apontam para a construção de diferentes masculinidades marcadas por tensões e contradições, assim como outras identidades de gêneros. A pesquisadora argumenta ainda que estas masculinidades tem um potencial desestabilizador das masculinidades hegemonicas, uma vez que são produzidas por corpos sem pênis. Ela utiliza também como recurso metodológico os diálogos com FtMs por emails e redes sociais.

João W Nery e Eduardo Filho (2013) também publicaram recentemente um artigo com os resultados de uma "cartografia digital de inspiração etnográfica" realizadas pelos autores. Segundo eles foram feitas análises de conteúdo e observação participante em fóruns e grupos da rede social *Facebook, emails,* experiências pessoais e referências bibliográficas sobre FtMs. Apresentam reflexões sobre as nomeações mais utilizadas pelos membros das comunidades *online*, e narrativas sobre os períodos da infância e adolescência. Relatam os principais problemas denunciados por esse homens trans, como rejeição e violência familiar, dificuldades no acesso ao SUS e aos procedimentos de modificação corporal, precarização das possibilidades de emprego e renda e modificação da documentação legal em função da transfobia. Apontam as recentes organizações civis de homens trans no Brasil, com forte atuação via internet, como um importante caminho para conquista de direitos e reconhecimento social da experiência.

Em minhas aproximações constatei que muitos transhomens, em algum momento, terão a internet com uma aliada e uma via para transição e sociabilidade, a partir dela tanto buscam como produzem informações sobre a experiência da transexualidade masculina. Através deste veículo homens de diferentes faixas etárias e localização no país (e no mundo) entram em contato entre si, debatem especificidades de sua situação, conhecem técnicas de masculinização e transexualização, informações sobre uso de hormônios, leis e produções científicas da área e divulgam entre si outros espaços de informação na web.

Paolo, Vini e Teo além de usarem diariamente a internet para se informarem e

comunicarem com outros pares, criaram e mantém grupos nas redes sociais e sites na web sobre a experiência de transhomens. Teo foi um dos primeiros no Brasil a reunir transhomens de todos os estados em listas de emails, comunidades no orkut e depois no facebook, além de construir e manter uma página virtual que é referência para muitos sujeitos que encontramos. Vini criou e mantém um grupo misto (homens e mulheres transexuais, cis, e travestis) que levou os debates virtuais para encontros presenciais na cidade. Paolo após observar que muitos transexuais, assim como ele, passaram por experiências de precarização das possibilidades de emprego e renda, em função da transfobia, desenvolveu com a ajuda de outras amigas transexuais, um site inovador de cadastramento de empresas que oferecem empregos e de transexuais interessados em se empregar. A iniciativa ganhou destaque nacional no ano de 2013 e tem grande potêncial.

Nas redes sociais as postagens diárias, muitas vezes chegam como pedido de ajuda, pelas novas demandas geradas pelo "se descobrir, se construir, se afirmar e se revelar publicamente" em algum nível. A mobilização solidária dos demais membros geralmente é instantânea e o efeito de rede de apoio tem se mostrado muito empoderador nos relatos. Me chamou atenção recentemente, uma postagem no facebook de uma transsexual, que aconselhava aos jovens amigos trans iniciantes: Se seus pais e responsáveis não te apoiam em nada na transição e vocês dependem financeiramente deles, peçam uma única coisa, que possivelmente nao devem recursar - um curso de ingles – desta forma vocês terão condições de sozinhos descobrir na internet muito do que vão precisar, até poderem ter seus próprios meios . O domínio do ingles, idioma muito presente nas publicações sobre transexualidade, principalmente masculina na internet, e conhecimento valorizado na contemporaneidade, seria uma chave para certa autonomia, pois pode abrir caminhos, instrumentáliza-los para muitas etapas da transição e possibilitar o acesso a uma rede de apoio transnacional.

Essas redes sociais virtuais são importantes não apenas pela troca de informações e contato com outros pares, mas porque no Brasil facilitaram a formalização e articulação política trans, específica para FtMs. Estas ferramentas virtuais possibilitam aos usuários transexuais um acesso a visibilidade pública e política, e a oportunidade de questionar e re-construir as representações correntes nas mídias e no imaginário social sobre estas experiências, inclusive como sujeitos passivos e doentes.

Tem se destacado também nos espaços virtuais o surgimento e estabelecimento de uma militância transfeminista, caracterizada por uma conjugação acadêmica e militante que resulta na interpelação de pesquisadores, militantes trans e "simpatizantes" a teorias essencializadoras e binárias sobre as trans-experiências, assim como denúncias de muitos posicionamentos feministas transfóbicos. Blogs pessoais e comunidades nas redes sociais publicam e divulgam eventos militantes, assim como debatem falas públicas e produções acadêmicas com esta temática. Destaca-se um protagonismo de mulheres transexuais e travestis nesta militância, porém é perceptível uma crescente participação de transhomens como colaboradores nestes espaços. De forma ainda tímida, alguns FtMs tem percebido que pressupostos machistas também deslegitimam a sua experiência e afirmação como homens, o que nao parece óbvio nas suas narrativas, que inúmeras vezes reafirmam certo sexismo e machismo.

Até 2012 não havia no Brasil organização civil exclusiva de/para homens transexuais, a militância trans nacional se configurava majoritariamente como um espaço de atuação de travestis, mulheres transexuais e raros grupos mistos. Hoje conta-se com duas entidades, a ABHT e o IBHT[13] com atuações expressivas nos espaços online. A organização e fundação da Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT), em São Paulo, em 30 de junho de 2012, no Centro de Referência da Diversidade (CRD) foi um importante marco para a organização política deste segmento no país, uma vez que a militância trans consolidada até então era composta majoritariamente por travestis e mulheres transexuais. O evento que marcou esta fundação, no qual eu estava presente, foi comemorado como o primeiro encontro presencial de muitos membros, toda a organização e articulação se deu majoritariamente via internet. Através de comunidades no facebook, páginas na internet e muitas listas de emails a ABHT conecta transhomens de todos os estados, circula informações de interesse do grupo (na maioria das vezes sobre acesso ao processo transexualizador do SUS em cada estado, conquistas judiciais, militâncias, eventos etc), negociam a participação em eventos acadêmicos e de movimentos sociais pelo país e aparições nas mídias. Em pouco tempo estes grupos ganharam grande relevância na conquista de direitos específicos para homens transexuais no Brasil, fazendo incidência política na reformulação de políticas públicas, participando efetivamente das negociações com o Estado, na denúncia de violências a

[13] ABHT – Associação Brasileira de Homens Trans e IBRAHT – Instituto Brasileiro de Transmasculinidade.

que este segmento é submetido, além de se configurarem como suporte e orientação para outros sujeitos que se identificaram com a esta categoria.

Razoavelmente baratos e tecnologicamente fáceis para usar e produzir, geralmente requerendo nada mais do que uma conexão à rede, uma *webcam* e habilidades básicas de edição, vídeos, entrevistas, depoimentos, reportagens e fotos revezam-se nas formas pelas quais as informações são veiculadas. Encontram-se nesses espaços entrevistas com profissionais da saúde sobre cirurgia de mudança de sexo ou com personalidades sobre assuntos de interesse do grupo, como a política LGBT no país. Vídeos de cirurgias/técnicas cirúrgicas e muitos depoimentos pessoais sobre mudanças com o tratamento hormonal; vídeos caseiros com relatos sobre a transição ou técnicas de masculinização e transexualização, que variam desde procedimentos cirúrgicos (em hospitais e clínicas) até soluções como *binding (*esconder os seios), e *packing* (simular o volume do órgão sexual masculino sob as roupas).

Há grande compartilhamento de fotos pessoais, normalmente sem camisa ou com o foco no rosto, tórax, braços e barriga, evidenciando mudanças físicas, bem como de figuras "ideais" (homens super malhados), além de fotos com a/o parceiro amoroso. O que nos dá pistas para pensar que eles estão produzindo e/ou representando uma certa identidade (de gênero) e a experimentando ante a uma audiência, seja através de palavras ou imagens. Como constatado na pesquisa traduzida por Jesus (2010) o efeito de reflexo da tela é evidente, quando o internauta:

"parece absorvido em seu próprio reflexo, ajustando seu cabelo, roupas ou sorriso enquanto fala. Portanto, há uma avaliação contínua e constante de si mesmo(a) com uma imagem atrativa e tentando diferentes "estilos da carne" (BUTLER, 2001, p. 177). Assim, a câmera na verdade é uma ferramenta importante na "transubstanciação". O youtuber fala literalmente para si, sabendo porém que outras pessoas podem estar assistindo no outro lado do espelho/tela."(p.8)

As narrativas de nossos interlocutores nos levam a sugerir que as imagens humanizam a experiência da transexualidade, tornada tão abjeta e até monstruosa em relação à normativa sexual e de gênero hegemônicas. Visualizar uma imagem harmoniosa, sexualmente e socialmente atraentes e incrivelmente possível (em termos cirúrgicos e hormonais de modificação corporal) faz que com esses sujeitos vislumbrem um lugar social que não é doentio e deformador como a categoria transexual/travesti pode sugerir. O que em algum momento pode parecer egocentrico nas diversas

postagens e narrativas em videos, revelam também um potêncial transformador por materializar, registrar e divulgar a possibilidade de trânsito entre os gêneros.

> Os youtubers nascem *online* como corpos midiáticos, usando os vlogs como uma ferramenta performativa auxiliar no desmantelamento de certos significantes de gênero e na criação de outros, o que, de um lado, assegura uma nova imagem corporal para o youtuber e, de outro lado, ata ele/ela à imagem antiga. Essa transformação em um corpo tende a ser visualizada e narrada como uma reinvenção empoderadora, e um renascimento.(JESUS, 2010,p.13).

No entanto destaca-se que os grupos, blogs, e páginas web feitas por/para transhomens (assim como outros espaços virtuais referentes a outras identidades), podem ser caracterizados também como espaços de circulação de alguns ideais de masculinidade e afirmação de si, nem sempre coerentes com a realidade de todas as vivências. Está muito presente nos processos de identificação e construção do corpo e comportamento, porém são também espaços de regulação e idealização tanto da experiência da transexualidade, como das masculinidades. Jesus (2010) concebe a internet também como uma forma de produção cultural e publicação, o que a torna importante para compreender os aspectos altamente mediados e construídos dessas representações. Para o pesquisador a representação/texto não pode, sem problemas, ser confundida com o sujeito humano aparecendo nela e a produzindo.

2.4 Violências, visibilidades e militâncias.

"Quem está em silêncio nessa situação de ódio contra minorias, vive a miséria de ser uma vítima em potencial, independente de quão "normal" seja"(Post de Leila Dumaresq, 2014).

As políticas LGBT de grande alcance, tanto nos EUA como no Brasil tendem a colocar em pauta o casamento gay como uma importante conquista. Sem negar os avanços que esta demanda almeja, como o alargamento do conceito de família e suas consequências jurídicas e sociais para as sexualidades dissidentes, podemos apontar também uma possível normatividade que aproxima a vivencia gay e lésbica, dos parâmetros da heterossexualidade (BUTLER, 2001) Outra cilada relacionada a conjugar todos os esforços da comunidade LGBT nesta demanda, é invisibilizar as necessidades e direitos de travestis e transexuais pelo mundo. No Brasil esta população precisa tornar

visível as situações de violência social e policial a que são submetidas diariamente. São homens e mulheres transexuais, travestis e intersex os principais grupos submetidos a condições de negação de escolaridade, formação profissional, sub-empregos e inexistência de políticas públicas fora do âmbito das transformaçoes corporais (que são essenciais, mas não devem ser a única politica em que estas populaçoes são comtempladas)

Platero (2010) alerta que muitas vezes é sobre a hipervisibilidade do transhomem (muitas vezes identificado como uma mulher "muito masculina"), desajustada nos "padrões femininos aceitáveis", que atuam humilhações e violência física, numa tentativa de retorno daquele corpo "ao lugar de origem", o feminino, o subjugado, o menor. Se por uma lado a rápida invisibilidade da condição transsexual é obtida com o uso de hormônios por transhomens, se encontrará em outras diferenças e hierarquias o alvo do ódio e a violência contra seus corpos.

Vini denuncia diversas situações em que foi questionado sobre sua identidade masculina ("Você é homem ou mulher, sua sapatão") , em espaços urbanos como na rua e nos transportes públicos. Segundo ele essas situações seriam indicativos de que é necessário "melhorar" sua aparência e comportamento como homem, em uma perspectiva do gênero como performance, como resultado do treino e do fazer cotidiano. Mas também à idéia de que há uma forma legítima de ser homem, e que outras devem ser aperfeiçoadas. Por outro lado Paolo foi vítima de violência homofóbica e transfóbica ao frequentar uma loja de conveniência com a namorada e uma amiga transsexual. Os agressores começaram com ofensas transfóbicas às duas meninas, que se extenderam a ele, na ocasião identificado como homem cis gay. Os insultos diziam do absurdo "daquele afeminado" ter saído em defesa das meninas.

Estas situações são indicativas de que sustentar uma aparência masculina, que não denuncie a sua transexualidade, não é certeza de segurança para estes sujeitos. As masculinidades também são organizadas de tal maneira, que algumas experiências são mais legítimas e respeitadas do que outras. E que há um comportamento esperado para cada uma delas. No caso acima, seria uma absurdo um homem gay (masculinidade não-hegemônica) ter este tipo de atitude.

As violências no entanto não acontecem somente como agressões e violências físicas, elas se materializam em outros ambitos das vivencias de transhomens como na precarização das possibilidades de emprego e renda. Diferente da experiência de

travestis e mulheres trasenxuais, muitos homens trans conseguem concluir sua formação básica ou mesmo superior negociando uma identidade de gênero ambígua ou se identificando como homens um pouco mais tarde. No entanto não conseguem empregos em suas áreas de formação, são sub-empregados, dependentes financeiramente e instáveis nas ocupações disponíveis.

> Quando falamos de formas induzidas de precariedade, designamos formas de organização do trabalho que se instalam no emprego aleatório e no caráter substituível e descartável da mão-de-obra. (...) elas induzem, em vasta escala, a insegurança e o desespero entre os trabalhadores. É também uma forma de impedir toda projeção em direção ao futuro. (Butler, 2013)

Entre os nossos entrevistados percebemos claramente a situação desestruturadora da vida professional que a transexualidade pode acarretar. Paolo possui dois cursos superiores, iniciou a transição ainda estudando e após se formar se deparou com o vazio das possibilidades para aqueles que sustentam uma documentação divergente da aparência. Após ultimo emprego, não obteve sucesso em nenhuma entrevista nas demandas da sua area de formação, então trabalhou como garçom, cogitou a possibilidade de trabalhar como motorista em outra cidade e durante a finalização desta pesquisa, cedeu às orientações da família, voltando para casa dos pais e optando por estudar para um concurso publico. Mesma sabendo dos custos para a sua vivencia como homem.

Beto ao ser expulso de casa, foi obrigado a abandonar o último semestre do curso profissionalizante que estava matriculado. Sem o apoio financeiro da família, e sem formação foi recusado em diversos empregos, muitos sob a alegação de que era tímido demais ou sem perfil para a atuação em função da sua postura e pouca desenvoltura social. Rauf ao assumir sua identidade masculina abandonou um emprego de muitas nãos, com carteira assinada e outras estabilidades para montar um negócio próprio, em um ateliê em casa, o que permitiu maior mobilidade de horários e conforto para vivenciar a transição.

Invisibilidade social e solidariedade na internet têm marcado a transexualidade masculina nos últimos anos. As maneiras de associação reivindicativa desses atores sociais, surgem, também, com avançado uso das tecnologias informacionais, construindo reconhecimento e solidariedade entre homens trans em diferentes estados brasileiros. A importância da emergência política se traduz na possibilidade da emergência social. As mobilizações via internet assumem como alvo garantir as

possibilidades de intervenção no corpo, pois as políticas de saúde existentes até então, estavam estruturadas para mulheres, para a transexualidade feminina em especial. A luta é pela possibilidade mesma de existir. A transição, a testosterona, são para esses sujeitos uma "autorização" para a vivência da masculinidade sem que essa seja vivida como farsa, como teatro, ou nas brechas da lesbianidade masculinizada.

Ao pesquisarmos sobre a história de militância de travestis e transexuais no Brasil, constatamos como é embrionária a articulação política de transhomens brasileiros. As primeiras organizações ativistas de travestis (organizadas por e para as demandas específicas de travestis) datam da década de 1990, articuladas em resposta à violência policial nos locais de prostituição e em função das campanhas de prevenção/tratamento da AIDS, normalmente em caráter regional. As organizações voltadas para as demandas de mulheres transexuais surgem por volta dos anos 2000, guardam forte relação com os serviços de saúde e tem como objetivo também desenvolver uma "elucidação" social sobre o fenômeno da transexualidade (em diferenciação com a travestilidade). São quase inexistentes relatos de participação de transhomens nestas organizações (à exceção de Alexandre Peixe Santos, o Xandão, durante muitos anos organizador da Parada LGBT de São Paulo). Estes movimentos possibilitaram articulações com os governos locais e nacionais e conquistaram avanços no entendimento destas condições e na conquista de direitos como, o uso de nome social no SUS e em algumas instituições de ensino, o acesso e melhorias no processo transexualizador; a segurança pública em debate, por exemplo. (LIMA CARVALHO, 2011)

Em decorrência da aparição pública de transhomens no Brasil, de fortes articulações nacionais via internet e de articulações com o governo federal, surge em julho de 2012 a primeira organização feita por e para transhomens brasileiros. A Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT) se reuniu presencialmente na ocasião de fundação, com cerca de 12 transhomens de todo o Brasil e estabeleceu como demanda principal a luta pelo acesso ao processo transexualizador no SUS. Na ocasião foi estabelecida a presidência e gestões regionalizadas, compartilhadas via internet, em função da localização diversa dos participantes, e dos contextos que possibilitaram essas associações.

O surgimento destes novos atores sociais dentro do movimento LGBT brasileiro, é marcado também por uma tentativa de distanciamento das redes de

movimentos sociais já estabelecidas no país, como a ABGLT (movimentos mistos), a ANTRA (movimentos de travestis e mulheres transexuais) e os movimentos feministas.

Esta requerida indepedência já revela alguns tensionamentos, como por exemplo, é denunciada a ausência de um debate consistente sobre gênero internamente aos movimentos, ao se perceber um desrespeito ao gênero auto-atribuído por parte de alguns militantes. Dentro de alguns espaços feministas, Viviane V aponta que há pautas políticas comuns a mulheres cis e alguns homens trans (a luta contra o estupro corretivo, a luta pela descriminalização do aborto e todas as questões que envolvem direitos reprodutivos) – pautas políticas historicamente bancadas pelo feminismo. No entanto homens trans são ou excluídos, por identificarem-se com a figura do "opressor", ou são incluídos dentro de um contexto que nega o tempo inteiro suas identidades (ao tratar-lhes todo o tempo enquanto fêmeas). Pessoas trans não-binárias são excluídas seja por um motivo, seja por outro – mesmo quando sofrem misoginia, ou mesmo quando enfrentam a violência de terem sido sexopoliticamente assignadas "mulheres".

Em relação a outras redes já existentes, se faz evidente uma estratégia política de visibilizar esse segmento negligenciado até então. Pode-se inferir também uma disputa interna pelos cada vez mais escassos recursos de financiamentos e uma tentativa de distanciamento das relações e tensões já estabelecidas no cenário nacional. Nos últimos dois ENTLADS estas tensões ficaram claras, inclusive com a ausência de representantes da ABHT nos mesmos. As formas de militância que estes transhomens tem estabelecido consistem muitas vezes na visibilização e no combate aos mecanismos de normalização das identidades, muito comuns nos movimentos já existentes. A tentativa de participação nos debates acadêmicos em torno das transexualidades, nos âmbitos acadêmicos ou extra-acadêmicos denunciam a normatividade e supremacia cis que se estabelece nos próprios espaços que se propõem a destruí-la.

A ABHT tem se posicionado a favor da aprovação de um projeto de lei semelhante ao aprovado na Argentina, pela Lei de Identidade de Gênero. Em nosso país, os deputados federais Jean Wyllys e Erika Kokay, em 20 de fevereiro de 2013, protocolaram o Projeto de Lei 5002/13, intitulado Lei de Identidade de Gênero – João W. Nery. Esta lei garante o direito do reconhecimento à identidade de gênero de todas as transidentidades no Brasil, sem necessidade de autorização judicial, laudos médicos ou psicológicos, cirurgias e hormonioterapias. Preserva todo o histórico do indivíduo, assegura o acesso à saúde no processo de transexualização, e é coerente com a luta

contra a *despatologização* das transidentidades, outra bandeira de luta da Associação.

As divergências internas ao grupo de transhomens, tanto nas formas de participação, como nas bandeiras de lutas, em pouco tempo estabeleceram cisões. Um outro grupo denominado Instituto Brasileiro de Transidentidades, o IBRAT, se articulou como o segmento representativo de homens transexuais no interior da ANTRA e têm muitas vezes, feito oposição à representatividade da ABHT.

O intenso uso da internet para articulação política de transhomens encontra referências na própria condição de surgimento e visibilidade pública da transexualidade masculina no Brasil. Marcada pela invisibilidade social e, consequentemente, pela dificuldade em sustentar repertórios de ações tradicionais como de reuniões presenciais, passeatas, etc. É preciso pensar, nesse contexto, em qual sujeito político é possível, sem entender a visibilidade (da experiência da transexualidade) como uma normativa da militância, como uma forma única do político. Os repertórios de ação moldam-se de acordo com os custos da ação política, como os constrangimentos sociais e a transfobia. Para esses sujeitos, a dificuldade com repertórios clássicos de ação advém de situações de preconceito, violência simbólica e física amparadas nas normativas de gênero, mas advém também do esforço de afirmação da masculinidade em corpos com vagina, ou seja, corpos não autorizados para sustentar uma identidade masculina. Na experiência das transmasculinidades a testosterona acentua o caráter tecnoconstruído dos gêneros. Homens trans têm nesse potente hormônio um aliado na conquista dos corpos que desejam. Invisibilizam-se mais rápida e eficientemente do que as mulheres trans. Não podemos afirmar que

> "é consenso entre homens trans, formar comunidades reais e muito menos estabelecer grupos políticos, ou se a necessidade de encontrar pares se basta nesses encontros pontuais e/ou virtuais de socialização pela internet, pois o desejo mais forte pode ser o "de sumir na multidão, o 'direito à indiferença'". (ALMEIDA, 2012, p. 519).

Ao colocar em debate as identidades e identificações na contemporaneidade, Martínez-Guzmán, Montenegro y Pujol (2014) argumentam que não se trata somente da capacidade de criticar seu caráter essencialista e os processos de inclusão e exclusão produzidos por estas categorias em momentos e contexto histórico específicos.

> El problema político que se plantea, a partir de estas perspectivas, es aun más complejo cuando se trata de las maneras en las que las personas se identifican con una o varias categorías sociales que les hacen sentido para comprenderse a sí mismas o

> cuando se trata de realizar acciones reivindicativas, a partir de ciertas categorías identitarias, para cuestionar formas hegemónicas de relaciones sociales, tales como el patriarcado, la homofobia o el racismo, entre otras. (Martínez-Guzmán, Montenegro y Pujol, 2014, pág.27).

Para Butler, (2013) quaisquer que sejam esses seres, que se reunem para reivindicar direitos, o que eles "são" é constituído no cruzamento dessas relações, quando as instituições sociais falham, eles ficam ameaçados de "não-ser" ou de formas de morte social. Poderiamos chamar esse processo de uma ontologia social, mas as formas de dependência e vulnerabilidade a respeito das instituições sociais têm a tendência a variar, e uma análise que se ativesse a um "único nivel da ontologia" não seria possível.

Capítulo 3: Homens com T Maiúsculo

3.1 A transição será televisionada

"¿Cómo te enterabas de eso...? Investigando en internet, si, gracias a internet la información se volvió pública y universal entonces terminas descubriendo un montón de cosas, obviamente también tienes que formarte de cómo, qué imagen quieres transmitirle a las demás personas... "(BECERRA, 2010, p. 29)

"E todo dia a gente vai lutando, pelo direito de ser quem se é, pela responsabilidade de tornar a própria vida mais confortável e seguir lutando com outras pessoas pra que pelo menos entre a gente e nos espaços próximos a gente consiga se sentir bem, acolhido e respeitado." (Texto de um homem trans em um blog feminista)

Conforme discussão do capítulo 2.2, homens trans têm encontrado especialmente na internet um lugar possível para o autoreconhecimento. Em *blogs*, *youtube*, *tumblers*, listas de e-mails, no facebook ou em comunidades virtuais, as discussões e as solidariedades acontecem para além dos espaços hospitalares e militantes, possibilitando que suas vivências múltiplas, entrelaçadas por diferentes marcadores sociais, sejam exploradas e "novos e velhos matizes na aquarela das masculinidades" (ALMEIDA, 2012) possam ser testadas e experienciadas. A fim de apresentar um breve levantamento das principais temáticas debatidas em um destes espaços de/para transhomens na internet, serão expostos alguns blocos de caracterização dos conteúdos publicados, provenientes das narrativas produzidas nestes ambientes virtuais e que podem nos aproximar da experiência da transexualidade masculina.

Estas reflexões são provenientes da primeira etapa metodológica desta pesquisa, na qual a internet figura principalmente como um espaço de aproximação com as experiências das transmasculinidades, apreensão de termos comuns neste universo, de temáticas relevantes e de manutenção de contato com meus interlocutores. As principais plataformas web feitas para/por transhomens, acessadas para estas análises foram: página virtual da ABHT, um grupo de homens trans no FACEBOOK (Rede Social) e vídeos disponibilizados no youtube (autobiográficos de FtMs e documetários). Sendo o site e o youtube plataformas abertas e o grupo do FACEBOOK de caráter "secreto" (conforme nomeação da rede social), composto exclusivamente por transhomens, e

durante algum tempo médicos e pesquisadores (conforme informado pelos participantes, os mesmos foram retirados no final do ano de 2013). Importante ressaltar que nenhuma das narrativas porventura destacadas, foram identificadas com os nomes reais dos usuários.

Pelos recursos da rede social não é possível saber ao certo a localização e idade exata dos participantes, porém pelos seus relatos é possível identificar internautas de todas as regiões do país e com faixa etária predominantemente jovem, entre 16 e 35 anos. Tem participações muito diferenciadas nestes sítios, variando entre frequentes (com postagens, comentários e curtidas em muitos posts) e somente ocasional (postagens únicas ou escassas). Ao longo do tempo vão se estabelecendo critérios de participação (como a não admissão de postagens consideradas transfóbicas), principalmente por aqueles que são chamados moderadores (administradores do grupo) e pessoas (perfis) são constantemente incluídas e outras excluídas.

Após um ano de acompanhamento dos conteúdos publicados, podemos dividir os assuntos mais recorrentes nas seguintes categorias:

A) Identificação

Um das perguntas que orientam esta pesquisa faz referência a estes processos, em que os sujeitos olhando pra si, e pra fora, buscam palavras e sensações que os definam, que expliquem um determinado mal-estar persistente, ou que se aproximem daquilo que designará seu lugar no contexto social. A internet aparece na grande maioria das narrativas como um importante instrumento, em diferentes momentos dessas vivencias. Principalmente nos vídeos autobiográficos e em algumas postagens são relatadas situações em que alguma busca na web levou ao encontro do termo FtM, homem transsexual (ou algum correlato) em páginas na internet, resportagens, literatura, séries de TV ou outros vídeos[14] e desencadeou um processo de repensar sobre si, que preenchia lacunas de toda uma vida. Quando este contato inicial não aconteceu via web, será a ela que muito meninos e homens irão recorrer posteriormente para procurar um pouco mais sobre aquilo que pode ser uma luz para um incomodo antigo.

Nas postagens a experiência da transexualidade masculina, ao ser

[14] Interessante apontarmos que a internet pode promover a reunião de conteúdos do que é divulgado em outras mídias, a partir dela temos acesso ao que foi exibido na televisão aberta e paga, em jornais e revistas e ate em algumas radios.

retrospectivamente analisada pelos próprios sujeitos aparecem muitas vezes atreladas à percepção da sua diferença pela observação dos estereótipos de gênero, materializada na recusa de elementos nomeadamente femininos (como roupas, cabelos longos, brincadeiras, comportamento), na percepção e adoção espontânea de "outras" estratégias como: se posicionar na fila dos meninos, solicitar aos pais brinquedos ditos masculinos, se identificar com um personagem masculino de cabelos compridos, ou urinar em pé, por exemplo. Os períodos anteriores à identificação como homens, muitas vezes são descritos como tempos de reclusão, ansiedade, revolta e até depressão, consequencias diretas de muitas cobranças para apresentar um comportamento e uma imagem mais coerentes com um corpo designado como feminino.

A influência de concepções biomédicas ou essencialistas sobre uma possível "transexualidade verdadeira" também são encontradas, nas afirmações de "nascimento em corpo errado," "alma masculina" e também na diferenciação que tenta ser estabelecida entre pessoas que *realmente* vivenciam a transexualidade masculina e se afirmam assim de forma constante e outros/as que somente desejariam ganhar visibilidade midiática, seguir alguma "modinha" ou parecer subversivos (designações normalmente atreladas a aqueles que ganham alguma visibilidade ou popularidade, fora da militância trans).

A página virtual acessada traz a seguinte definição para esta experiência:

"você é homem trans se você nasceu com o sexo biológico feminino (ou foi registrado como sendo do sexo biológico feminino quando nasceu e foi criado assim) mas você não consegue se sentir ou não consegue pensar que você internamente *tem tanta feminilidade quanto teria uma mulher, mesmo que masculina*. Você se sente um cara, um menino, um rapaz, um homem, um ser masculino, *mesmo que não ache que seja exatamente o que você acha que seria "um homem"*" (grifos meus)

Interessante como a descrição tem um caráter explicativo (didático) e procura se aproximar da vivência comuns a esses sujeitos, fazendo referência a concepções correntes sobre o que seria uma mulher – "tanta feminilidade quanto teria uma mulher" - porém indicando também uma possibilidade de alargar o conceito de homem ao afirmar no final - "mesmo que não ache que seja exatamente o que você acha que seria "um homem""- .

As postagens e depoimentos disponíveis nos espaços acompanhados indicam

que a descoberta de imagens e videos, de diferentes etapas da vivência FtM, materializam aquilo que parecia distante e impossível, "casos de televisão", "coisas que só existe fora do Brasil", nas palavras deles.

O "se identificar" vem acompanhado também dos muitos processos de "se afirmar" como homem, nos círculos de sociabilidade online e offline. São relatadas as etapas de afirmação para família mais próxima, familiares mais amplos, parceiros/as, amigos e colegas, ambiente de trabalho e outros. Muitas vezes é na internet que se experimenta essa "nova identidade" pela primeira vez. Estes espaços podem ser empoderadores para que esta afirmação aconteça presencialmente em outros círculos. Muitos perfis no grupo ainda mantem os nomes femininos, indicando que esta afirmação está em andamento, processualmente, e que leva em consideração, muitas vezes, uma certa "proteção" da família e de si próprio quanto o "tornar publico" esta nova condição.

Identificar-se é diferenciar-se, mas também perceber novos iguais, novas metas e desejos e redefinir relações a partir do novo lugar ocupado. Para Louro,

> "[...] nesses processos de reconhecimento de identidades inscreve-se, ao mesmo tempo, a atribuição de diferenças. Tudo isso implica a instituição de desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias, e está, sem dúvida, estreitamente imbricado com as redes de poder que circulam numa sociedade. O reconhecimento do 'outro', daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos" (LOURO, 2004, p. 15).

B) Transformação do corpo e corportamento

On T 15."

Principal temática nas postagens, a produção de voz, músculos, semblantes e performances masculinas aprovadas pelo olhar do outro, demonstram a importância de ter associados ao seu corpo elementos que os definirão ao seu olhar e ao olhar do outro como homens. A centralidade da retirada dos seios e os cuidados pré e pós cirúrgicos, assim como a divulgação de resultados e cicatrizes aparecem como indicadores da importância da eliminação de uma característica marcadamente feminina para a

[15] Todas as frases que seguem as categorias de apresentação, foram retiradas dos diálogos no grupo do facebook, e de narrativos dos vídeos .

vivência e sociabilidade destes transhomens (nas postagens, muitas vezes os seios são chamados de intrusos ou anexos).

São recorrentes relatos sobre dificuldade de obtenção dos hormônios, de receitas regulares para o tratamento hormonal, dúvidas sobre como usar, quantidades, frequência, e as consequências da ingestão imediata, a médio e longo prazo. São comuns as imagens dos hormônios comprados, expostos como troféus, demarcando a importância da aquisição no processo transexualizador. Beatriz Preciado (2008) chega a firmar que os hormônios são uma droga viciante e maravilhosa, como para alguns é a cocaina, o extase ou o Prozac. Rauf comenta em sua entrevista - "Dois líquidos me fazem feliz, a cerveja e a testosterona", nos indicando o espaço central que esta substancia passa a ocupar nestas vivências. O tom empolgante e extasiante de algumas postagens sobre hormonização muitas vezes são interpelados por relatos das dificuldades resultantes de efeitos colaterais ou condições de saúde que impossibilitariam o uso por alguns homens trans.

Em especial a musculação, aparece em muitas postagens como técnica de masculinização. Debate-se sobre o uso do *binder*[16] , o exercício físico a suplementação alimentar: alguns optam por se exercitar em casa, por não conseguir malhar com a faixa (ou binder) e não querer/poder sair sem. Muitas postagens dizem da ansiedade com a diminuição dos contornos ditos femininos, como quadris mais largos e ausência de pêlos.

Fica evidente que grande parte dos integrantes do grupo virtual não possuem recursos para arcar com as etapas da transição (por dependerem financeiramente da família, que não os apoia, por não conseguirem emprego em função da transfobia, …) e necessitam do atendimento via SUS para um acompanhamento e intervenções mais seguras. São denunciados recusas e falta de conhecimento sobre as vias legais de requisição via planos de saúde privado, assim como, desconhecimento das burocracias do sistema público, disparidades nos atendimentos regionais, falta de capacitação dos profissionais de saúde e falhas institucionais que geram situações de constrangimento e desmotivação dos usuários (como a polêmica do cartão do SUS que até tempo atrás

[16] ***Binder:*** colete ou faixas que pressionam os seios de forma a simular o tórax masculino, plano.

continuava com nome de registro e sexo impressos, por exemplo). Muitos FtMs que persistem e conseguem se vincular a algum programa do Processo Transexualizador do SUS ou conseguem ao menos o atendimento endocrinológico registram seus relatos, indicando os caminhos necessários para outros interessados.

Esta situação gera desmotivação e receio quanto a procura pelo atendimento especializado, o que muitas vezes resulta na automedicação como uma prática recorrente. A experiência pessoal se torna fonte de informação privilegiada e muitos homens trans são induzidos a iniciar o tratamento hormonal por conta própria.

Importante destacar que nem todos os processos de mudanças relatados necessariamente envolvem terapias hormonais e intervenções cirúrgicas imediatas, e também não são desejos de todos. Através do uso de vestuário e acessórios socialmente associados ao gênero de identificação, de exercícios físicos, de determinadas performatividades de gênero, aliadas a negociações com amigos e familiares para um tratamento respeituoso das autonomias individuais, muitos FtMs utilizam de mecanismos alternativos para viver suas identidades e expressões de gênero. Na página virtual consultada encontramos uma observação interessante sobre a relação corpo/identidade na definição deles sobre a experiência, ampliando inclusive definição de transexualidade:

> "As pessoas trans não passam a serem trans quando realizam cirurgias, ou tomam hormônios, ou usam roupas específicas, e nem homens transexuais passam a serem homens apenas quando têm um pênis. Ser trans (e ser do gênero com o qual se identifica) a pessoa já é no momento em que se autoidentifica assim. Para muitos trans as modificações corporais são fundamentais no seu processo, mas não é isso que define como ele se identifica."

Bourcier (2008, p. 65) afirma que "as tecnologias que produzem a vida (e que incluem as tecnologias de modificação ou potencialização corporal) são tecnologias materiais e discursivas, culturais e políticas e não simplesmente técnicas no sentido literal do termo". Os discursos acima nos apresentam um panorama relacionado aos parametros sociais que provocam o incomodo e incompreensão com corpos fora do padrão binário de gênero, que não nos permite pensar numa experiência legítima que não esteja mais próxima de um dos extremos masculino-feminino. Destaca-se neste contexto assim como nas conversas com os entrevistados a importância das imagens para o grupo, pois representam a materialização das possibilidades de uma existência como pessoas reais. Muitas vezes aquelas figuras musculosas, atraentes, ou livres de

características que possivelmente denunciassem a transexualidade, são o que os impulsionam e encorajam a traçar estratégias e planos para a transição, pois atribuem humanidade à experiência. Nas palavras de Rauf: "Não era um qualquer que estava ali, era eu que podia estar também".

Como constataram Murta e Almeida (2013) entre muitas pessoas transexuais circulam uma compreensão das relações de gênero que não difere muito daquelas que vemos e ouvimos no cotidiano, nas mídias e no imaginário social.

> Elas/ eles dispõem de um entendimento que quase sempre faz equivaler gênero e sexo, percebendo a expressão morfológica do corpo como o mais importante critério definidor do gênero. Assim, a forma mais comum de representação da transexualidade é a do "corpo errado" ("um homem vivendo equivocadamente num corpo feminino", "uma mulher vivendo equivocadamente num corpo masculino"). Neste sentido, as modificações corporais tendem a operar para que a necessária harmonia entre gênero e corpo seja (re)estabelecida. Em outras palavras, as relações sociais não são questionadas quanto à forma binária de constituição dos gêneros – são os indivíduos que precisam mudar(MUURTA e ALMEIDA, 2013, p. 1).

Becerra (2010) observa no discurso de suas interlocutoras como corpo, sexo, gênero e identidade são elementos que se constroem permanentemente. Segundo a pesquisadora para muitos/as transexuais o corpo não é uma entidade separada da identidade, da noção de "si mesmo" e das construções de gênero. O corpo e o sexo, como entidades materiais são inseparáveis do gênero como entidade cultural, discursiva e psicológica.

C) Sexualidade/Relacionamentos/Masculinidades

Alguns discursos produzidos no grupo nos levam a pensar que as mudanças e transições não dizem respeito somente ao indivíduo que se afirma como homem transexual, mas a todo o seu círculo relacional mais próximo também. São recorrentes relatos e pedidos de conselhos sobre os processos de negociação da identidade masculina com os familiares, os/as parceiros amoroso e entre amigos. Muitas relações são reavaliadas e perdidas em função da incompreensão, transfobia e desconhecimento sobre a experiência transsexual.

Posicionamentos machistas em muitas postagens, parecem dizer quase de uma experienciação do lugar do masculino, a espreita da reação do outro. Afirmações de homossexualidade, bissexualidade e práticas de masculinidades não-normativas, por outro lado, tensionam concepções sobre sexualidades, desejos, práticas diversas e

também definições de transexualidade e masculinidades "ideais".

A incompreensão de alguns transhomens hetero orientados, diante destas afirmações no grupo, aponta para o fato de como o nosso olhar procura sempre por coerência entre sexo-gênero-orientação sexual, ainda na transexualidade, assim como o transito de gêneros é algo extremamente incômodo enquanto não parece definido para nenhum dos dois gêneros possíveis. A ideia heteronormativa de "completude" heterossexual parece orientar a identidade de alguns transhomens, que criam e apoiam grupos em que os conceitos de "macho" e "hetero" são exultados como, por exemplo nos grupos "FTMachos", "Homens Trans Héteros" em algumas postagens.

Na página virtual acessada, encontramos um pequeno texto que representa bem esta diversidade de posicionamentos encontradas nos relatos do grupo:

"Algumas pessoas tentam padronizar também uma "forma de ser trans", falando sobre os brinquedos de preferência na infância, a forma de se vestir, a orientação sexual, o comportamento sexual e outros estereótipos de gênero. Mas a experiência nos mostra que as pessoas trans têm uma pluralidade de trajetórias de vida (o processo de autodescoberta, a vida anterior à do gênero masculino, quando há vida anterior etc), orientações sexuais (nem todo homem trans gosta apenas de mulheres, tem os que são gays e os que são bissexuais), formas de ter uma vida sexual ativa (ou não tê-la), modos de ter relações sexuais, formas de se relacionar com o próprio corpo, inclusive em suas crenças sobre o que é ser do gênero masculino e o que é ser do gênero feminino."

D) Preconceito/Violência

"acham que somos umas meninas barbadas, passando por uma fase."

Os relatos são permeados por denúncias de situações de constrangimento e divulgação das efêmeras receptividades positivas na escola ou no trabalho, salientando-se a negação do direito do uso do nome social e as dificuldades de obtenção da mudança de registro civil. Os constrangimentos, vivenciados também em entrevistas de emprego e outros momentos do ambiente do trabalho, ou mesmo a simples expectativa desses assujeitamentos, provocam em alguns a disponibilidade em adiarem o processo de transição até que possam ser "meu próprio chefe".

Sobre a convivência familiar, são comuns relatos de violência física e simbólica:

constrangimento, vergonha, incompreensão, solidão e brigas físicas. Compartilhamento dos momentos de revelação e explicação da situação da transexualidade para a família e para os filhos; dificuldades ao assumir uma aparência masculina, como no corte o cabelo, etc.

Compartilham mensagens de auto-estima e apoio a relatos de sofrimento, isolamento, timidez, reclusão e violência física em âmbito familiar. O apoio dos pares pode vir em forma de reconhecimento emocional, encorajamento e lugares para ficar quando fora de casa, por exemplo. A prática de solicitar apoio financiamento econômico para a transição, por meio de doações online, muito comum entre transexuais no exterior, não é comum nem bem vista entre muitos usuários do grupo.

Há publicações de reportagens e fotos de transexuais masculinos e o debate sobre a forma como a mídia trata a experiência transexual de forma raramente positiva e muitas vezes precária, estigmatizante e preconceituosa. É denunciada a pouca divulgação pública de direitos de pessoas transexuais, ao mesmo tempo há um clima de receio quando o assunto é contribuir para alguma reportagem ou pesquisa acadêmica, poucos se voluntariam (muitos internautas alegam não querer tornar pública sua experiência como transsexual).

E) Formação/Trabalho e Renda

Como dito anteriormente, são escassos os relatos de sucesso nas tentativos de uso do nome social e respeito à identidade de gênero no ambiente escolar, tanto no ensino médio, quanto no ambiente universitário. Assim como na educação, a aceitação e respeito nos ambientes de trabalho parecem delicadas e instáveis, condicionadas a boa vontade de algum funcionário superior (que é perdida caso o funcionário seja substituído, ou saia do emprego) e de um determinado "bom comportamento" do transhomem, que ficará sujeito aos critérios estabelecidos para o mesmo (que incluem, por exemplo, corresponder plenamente ao estereótipo do gênero afirmado). Tal situação gera uma ambiente tenso e constrangedor que resulta em abandono ou demissão destes transhomens.

No entanto tem crescido o número de relatos de negociações com as instituições de ensino superior para o uso do nome e identidade de gênero masculina, e a adoção de estratégias que possibilitem de alguma forma a permanência nestas instituições como por exemplo a mudança de turno no curso (para mudar de ambiente e se apresentar já na

identidade masculina) e acordos informais com cada professor.

Mais comum em algumas listas de emails e recentemente também em postagens no grupo do facebook, foram divulgados concursos públicos, cursinhos preparatórios e doação de livros e apostilas para estudo. Os concursos tem aparecido nas narrativas como uma alternativa mais segura e desejada por muitos membros. Talvez por exigir um tempo de preparação e dedicação correlato ao processo de transição e modificação da documentação civil, e por oferecer certa estabilidade e segurança ao concursado, após a aprovação.

F) Articulações e reivindicação de direitos:

São compartilhados "caminhos" (advogados, serviços de assistência jurídica, elaboração de documentos) para acessar e requerer certos direitos, como o nome social e mudança do registro civil, por exemplo. Dúvidas sobre legislação na maternidade/paternidade (quando se muda de sexo, como fica a certidão de nascimento do filho?). O âmbito do 'acesso a direito' também se manifesta relacionado não apenas à documentação, mas também quanto às possibilidades da cirurgia pelo sistema público e aquisição de hormônios.

A rápida indiferenciação obtida pelo uso de hormônios e modelação do corpo pela musculação, aliado às díspares formas de negociação da visibilidade pública da condição transexual (alguns membros ainda utilizam o nome feminino no perfil, por exemplo) e o acesso privado/particular a alguns serviços e direitos marcam posicionamentos distintos quanto ao assunto da visibilidade e articulação política. O tom das postagens ganha nuance acusatória e discordante no surgimento deste assunto. A invisibilidade pública da condição transexual é defendida por muitos membros do grupo, quando se é possível conseguir as mudanças desejadas por conta própria, numa reivindicação de autonomia do sujeito quanto ao desvelar ou não da sua história.

A visibilidade (da experiência da transexualidade) ainda parece algo paradoxal para pessoas trans, em especial para FtMs, pois, pode por um lado lhes possibilitar ser parte de uma comunidade, assumida e orgulhosa sobre sua transgeneridade, mas complicando potencialmente sua assimilação como homens legítimos e respeitados socialmente. Almeida (2012) também constata este posicionamento em suas produções:

> por esse motivo, não sei se homens trans desejam comunidades reais e muito menos formar grupos políticos, ou se a necessidade de encontrar pares se basta nesses encontros

> pontuais e/ou virtuais de socialização", pois o desejo mais forte pode ser o "de sumir na multidão, o 'direito à indiferença'. (ALMEIDA, 2012, p. 519)

Por outro lado, um grupo minoritário tem iniciativas reiteradas de convocar o grupo para um debate fora da experiência pessoal, alertando sobre a importância de articulação social e pública para a conquista de direitos. Questões relativas a militância e visibilidade devem ser avaliadas de forma conjugada a diversos fatores, como o perfil dos participantes vinculados à página, os usos que fazem dos diferentes canais na internet, a ainda recente atuação e apropriação da ABHT e do IBRAT por tranhomens brasileiros, o tempo de vivência da transexualidade por cada participante, e mesmo as vias de acesso (pública ou privada) às intervenções no processo de transição.

Alguns reivindicavam a exclusividade do grupo a homens trans, propondo a criação de outro grupo para namoradas e namorados de FtM, após recorrentes debates e pedido de exclusão de mulheres do grupo (requeriam espaço exclusivo para se manifestarem sem receio) o que foi feito. Durante um tempo o "Eles" permitido era o que poderia "ajudar a gente": médicos, pesquisadores, etc. No final de 2013 esse "Eles" foi realocado para outro grupo, numa iniciativa reiterada de criar um espaço exclusivo para aqueles que se identifiquem como homens transexuais.

Importante destacar que os diferentes espaços na internet apresentam conteúdos, públicos, linguagens e usos diferenciados pelos internautas FtMs que encontrei. Cada um deles, pode gerar encontros presenciais ou a criação de novos grupos, em outros sítios da web ou mesmo em aplicativos do celular.

Os grupos no facebook parecem ser espaços privilegiados para troca, divulgação e produção de informações principalmente sobre as mudanças corporais, comportamentais, processos de hormonização, e cirurgias. Além de espaço de compartilhamento de informações sobre direitos e procedimentos que podem facilitar a vivência diária destes homens trans (uso do nome social nas escolas e ambientes de trabalho, mudança de nome civil nos documentos e cartões de crédito, relações familiares e amorosas...).

A rede de pares que é formada, muitas vezes parece substituir ou ampliar os círculos de amizades desses sujeitos (online e off-line), com o diferencial de que muitos, em alguma medida, estão passando pelos mesmos problemas e dificuldades, e

compartilham do entusiasmo e interesse nestes assuntos. O que gera uma sensação de acolhimento, que muitas vezes foi perdida entre a família, os amigos e colegas anteriores à identificação e transição. Cada mudança conquistada (aumento de centímetros na largura das costas, diminuição do quadril, músculos nos braços, pêlos pelo corpo, aceitação pela família, novas conquistas amorosas, aumento da passibilidade) é motivo para ser comentado e comemorado, pois é resultado de diversas lutas simultâneas.

Como todo espaço de reunião de idéias e experiências diversas, tem uma dinâmica própria, onde regras e padrões nas formas de participação e nas opiniões expressas vão sendo estabelecidos, depois de discordâncias, consensos e exclusões. As insuficiências e "artificialidades" de uma interação exclusivamente online também vão sendo apontadas e negociadas, assim como as vantagens (encontros entre pares, anonimato, visibilidade parcial da experiência da transexualidade, diminuição de distancias, circulação de informações). Acredito que a participação nestes ambientes podem ser esporádicos (somente em caso de alguma dúvida ou ajuda) ou sazonal (somente em uma fase do processo de afirmação da identidade masculina), principalmente entre aqueles que possuem outros círculos de sociabilidade presenciais ou que não desejam se ver associados às transexualidades.

A página virtual por outro lado se configura como um ambiente onde muitas informações úteis para quem esta iniciando e realizando os processos de transformação corporal e social, estão mais organizadas e referenciadas (além das experiências pessoais). De forma didática são disponibilizados pequenos textos com definições sobre transexualidade masculina, a diferenciando de outras experiências relacionadas a gênero e sexualidade; indicações de profissionais e serviços particulares e públicos de assistência a saúde, assim como assistência jurídica básica para mudança de documentos. São discutidos brevemente situações de violência e negação de direitos e possíveis amparos legais e institucionais para estes casos. Publicações acadêmicas e reportagens sobre a militância trans nacional também são compartilhadas. A lista de email da mesma entidade da página virtual, circula um conteúdo mais voltado para o interesse político do coletivo, e menos experiências pessoais (exceto em casos de denúncias de violências e discriminação), parecendo se aproximar mais dos objetivos militantes da Associação.

3.2 Eles sobre eles

Este tópico abordará fragmentos das narrativas dos 6 transexuais entrevistados durante a pesquisa. Na leitura dessas entrevistas e interações, destaquei duas categorias centrais de análise: Processos de Identificação e Construção dos Corpos e Afirmação da Masculinidade. Na primeira delas, me interessa como pessoas que foram designadas e socializadas para a identificação com o gênero feminino passam a se reconhecer no gênero masculino, como chegam a essa identificação, uma vez que somente a poucos anos esta experiência se torno publicamente visível no Brasil. Aqui, sentimentos que têm a respeito, releitura sobre infância e juventude, contextos culminantes e outros são alvo de minha atenção.

Em Construção dos Corpos e Afirmação da Masculinidade me interessou buscar pelas maneiras e estratégias pelas quais se busca pela masculinidade em corpos designados como feminino. Quais mudanças sobre o corpo, comportamento, sociabilidade e mesmo sobre opiniões e ideias foram vividos por esses sujeitos na afirmação de suas masculinidades.

A categoria Internet foi trabalhada por mim como uma categoria transversal. Previamente percebida como uma marca contemporânea na sociabilidade de homens trans, interessei-me pelos momentos em suas narrativas em que a internet foi evocada tanto quando referiam-se ao processo de identificação com a transexualidade, quanto nas sociabilidades, busca e produção de informações via sites, redes sociais, listas de e-mails, vídeos e fotos, constituindo inclusive novos parâmetros do possível na construção da masculinidade.

Nando

31 anos – MG

PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO:

"Como poderia alguém modificar e construir tão bem o corpo e continuar mostrando a vagina?"

Se define durante o período da adolescência como um ser assexuado. Apesar de ter uma sociabilidade lésbica, não se sentia acolhido entre elas, por de fato, não se relacionar fisicamente com ninguém. Vê na televisão uma reportagem sobre o homen grávido, Tomas Beatie e repele esta experiência como algo bizarro, para ele, usar do

poder de gerar em um corpo visivelmente masculino o assusta. Logo depois ve num programa de TV sobre sexualidade uma reportagem com o Buck Angel e fica muito interessado, porém também rejeita aquela experiência como bizarra. Seus sentimentos variam entre admiração e rejeição.

A sua identificação com a transexualidade masculina acontece depois do período de tratamento de ovário bicórneo com o uso do hormônio feminino, segundo ele foi uma época "travesti", que se apresentou mais feminino e se sentiu mais artificial. Quando esse efeito termina ele vê um filme "Begginers" – Toda forma de amor (homem aos 76 se assume gay para filho e vive a homossexualidade até a sua morte, sendo feliz de verdade nestes últimos anos). Chorando, diz que o filme representou muito e que repensa a relação com o pai, que foi esvaziada na adolescência e agora ele (o pai) tem depressão. A partir daí entende que na verdade sempre foi um homem, e que sempre afastou essa idéia pois sabia que todos iam "achá-lo um monstro", que ninguém o aceitaria. Entende que precisa mudar o corpo, ser aquilo que ele é.

A mãe parece muito presente, forte, e controladora, mas também muito companheira ao longo da sua narrativa. Impedia que ele cortasse os cabelos, apesar de seus apelos. Diante disso dizia a todos que era o Paulo Ricardo (cantor de sucesso no fim dos anos 80, que tinha os cabelos compridos) e o imitava cantando London London no Rock in Rio, com os cabelos molhados. Se identificava também com o *Reman* (personagem masculino, malhado, de desenho infantil, com cabelos Chanel, loiro, ícone de força). Teve seu primeiro desconforto com o corpo, ainda na infância, quando numa brincadeira viu que o corpo da vizinha (mulher cis) era como seu, e ficou extremamente decepcionado, pois não era assim que ele se percebia. Na adolescência, foi através do teatro que descobriu uma forma de não ser a menina que todos viam, podia interpretar muitos papeis masculinos e se sentia muito bem assim.

Durante a experiência da lesbianidade, via muito mais uma possibilidade de se vestir e portar como gostava do que necessariamente um desejo por mulheres. Se define como gay (mesmo antes de se entender como transexual, rejeita a palavra lésbica).

Namora com alguém do sexo biológico feminino, que mantem nome feminino e nao fez modificações no corpo, porem também se identifica no masculino. Os dois só se chamam por nomes masculinos, moram juntos a 11 anos. Seu/sua namorado/a foi extremamente resistente a mudanças corporais de Nando, dizendo que eles já eram homens sem precisar disso e que ele iria perder todas as oportunidades de emprego e sofreria muito preconceito familiar e social. Tal posicionamento, parecido com o da

mãe o fez adiar o uso da Testosterona.

CONSTRUÇÃO DOS CORPOS E AFIRMAÇÃO DA MASCULINIDADE:

No início de 2013, clandestinamente, fez a primeira aplicação de testosterona. Após episódios de mal estar iniciais, identifica este período como o mais feliz de sua vida: libido, crescimento rápido de pêlos, etc. Porém, assustado com as mudanças rápidas em seu corpo, não continuou as doses. Estava criando pêlos em um corpo com muito seio, o que nas suas palavras : “estava o tornando o monstro que ele achou que era quando se descobriu trans". Quer retirar os seios para poder continuar. Atualmente, não tenta ocultar os peitos por meio de faixas, dada a pouca eficácia dessa técnica para o tamanho de seus seios. Quanto ao uso do nome masculino, passou a adotá-lo por influência de sua psicóloga e diz que voltará a usar seu nome de registro até que sua mãe o batize novamente com nome condizente à sua transexualidade.

Sexo e desejo são temas pouco presentes em sua narrativa, na sua adolescência se dizia assexuado, sobre seus relacionamentos e experiências com o corpo e prazer, Nando apenas menciona seu relacionamento de 11 anos e o define (a si e seu/sua companheiro/a) como irmãos que transam de vez em quando.

A INTERNET:

A internet foi explorada como fonte de busca sobre cirurgia de mastectomia e grupos de transexuais, principalmente no tumbler e no facebook. Conversa com transhomens, inclusive de outros estados que o indicam uma psicóloga. As redes sociais foram e são identificadas como importantes para a sociabilidade e como algo que aproxima a experiência da transexualidade do real. É através dela que Nando viu que as mudanças são possíveis (inclusive no Brasil) e que as pessoas que as fazem ficam saudáveis e bonitas. Vídeos, fotos e relatos possibilitam uma identificação e encorajam as mudanças. Enfatizou, todavia, as limitações e regulações também no espaço virtual, principalmente no facebook, pois é um espaço de manifestações livres das intolerâncias e violências simbólicas.

TEO

24 anos –PE

PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO:

"Sou trans ou uma lésbica masculina?"

Ao falar sobre si, Teo reitera seu não reconhecimento com o ambiente social em que foi sociabilizado, identificando a si mesmo nesse contexto e a seus pares como "patricinhas enlatadas". Sua vivência como lésbica é significada para além do desejo sexual, mas também como uma alternativa aos papéis e comportamentos sociais que lhe eram colocados como parâmetro: *"Descobri que essa coisa lésbica masculina era muito mais confortável, de eu ser uma lésbica masculina que ser... do que aquela patricinha enlatada..."*. Dos 18 aos quase 20 anos passou a se identificar como lésbica. Fato que mudou quando, ao terminar seu relacionamento com outra mulher, assistiu ao seriado The L Word[17] e se deparou com uma personagem, Moira/Max, um homem trans, e a categoria transexual masculino se fez real. Quatro meses depois deu início ao tratamento com hormônios para a transição sexual. Sua identificação com a categoria homem trans foi alvo de auto indagações mesmo durante o início do processo de hormonização. Viveu inicialmente a transição convencido de que se tratava de uma doença. "*Eu achava que era uma doença, vi o pessoal nos Movimentos Sociais e na academia, as pessoas achando "óbvio que não é doença?" E eu, como assim óbvio que não é doença?"*.

> "Então, eu nunca tinha tido essa ideia de ser homem, ser homem na vida, até o momento que eu descobri que tinha homem trans vendo The Le Word, né? Mas eu tive várias coisas na minha vida que eu só fui parar e refletir sobre isso, só fui ligar os pontos, depois que eu descobri que existia o tal do homem trans."

A infância é retomada a partir de histórias, sentimentos, lembranças da interação com os outros que parecem indiciar à Teo sua condição transexual. Não há em sua narrativa o incômodo com o corpo de maneira acentuada ou mesmo recorrente. O crescimento dos seios é o único instante em que ele traz essa questão, ao afirmar que

[17] Seriado norte americano que se desenvolve através da narrativa dos dramas pessoais e profissionais de um grupo de amigas lésbicas e bissexuais que vivem na cidade de Los Angeles. A série teve diversas temporadas transmitidas entre o ano de 2004 e 2009.

não admitia o crescimento de sua mama, o negando para sua mãe e postergando o uso do sutiã.

Todavia, Teo trata desses indícios sem lhes dar nomes, como pistas, apenas. Por vezes, evoca outros personagens de sua interação social para reiterar o que de "diferente" poderia existir nele e que posteriormente seria confirmado com a identidade trans: *"As pessoas me perguntavam se eu era menino ou menina, mas eu tinha cabelo no ombro. As pessoas perguntavam, mas eu não tinha essa idéia na cabeça."*. Aos 11 anos, ele corta o cabelo curto e muitos passam a confundi-lo com um menino. Nessa história, Teo nos traz o elemento da regulação que diz ter sofrido: *"Você tá com cara de macho, não seio o quê, não sei o quê..."* (fala da avó). *"Eu não quis mais continuar o processo."* Após, diz tentar o *"processo de feminilização", "tentando me encaixar"*. A identificação com o feminino, pois, era algo que precisava ser trabalhado, não lhe era natural. Assim, se as narrativas de incômodo com o corpo não são uma ênfase na fala de Teo, seu desconforto com o que ele chama de "ambiente cultural" é sempre trazido. *"Eu sabia que não tinha essa identificação*[18]*, mas eu também não ia para outros caminhos." "Não havia no meu círculo de convivência "pessoas alternativas", ou lésbicas, apenas patricinhas."*.

> "Eu sempre gostei de homens, mas eu passei muito tempo da minha vida tentando botar para fora a idéia de que eu gostava de mulher." "Eu tentava não ter contato corporal com as mulheres... pra elas não acharem que eu tava tendo um comportamento estranho."

Teo diz que, na adolescência, teve diversos relacionamentos heterossexuais, embora os classificasse como "vazios". Aos 16 anos, se sentiu atraído pela primeira vez por uma mulher, mas somente vivenciou um relacionamento lésbico aos 18 anos, tendo sido uma "lésbica ativa". Nesse contexto, a dimensão do desejo é trazida não como uma evidência de sua condição transexual, mas como fonte de dúvidas acerca de sua transexualidade: *"Sou trans ou uma lésbica masculina?"*. O desejo é vivido com bastante ambiguidade como aquilo que lhe conduzia à transexualidade ou, ao mesmo tempo, à lesbianidade. *"Eu passava a maior parte do tempo tentando ficar parada, sabe? Não me expressar para fora para as pessoas não perceberem nada de masculino na minha expressão." "Eu tinha algumas coisas assim, tanto a minha expressão de*

[18] Referindo-se à mulher cisgênero.

gênero quanto o meu desejo por mulher".

CONSTRUÇÃO DOS CORPOS E AFIRMAÇÃO DA MASCULINIDADE:

"No começo, eu tinha uma masculinidade muito exagerada. Achava que era dessa forma que eu tinha de me construir". "Coçar o ovo, bancar o machão." "Com o tempo, fui desconstruindo isso também. Não era a expressão de gênero que combinava comigo."

Teo narra um processo de identificação muito focado na experiência pós descoberta da categoria transexual e seu reconhecimento nela, permitindo adentrar pelos meandros da sua construção da masculinidade. Ele iniciou o processo de transição aos 20 anos, 04 meses após ter descoberto sobre a transexualidade masculina em The L Word. Não realizou nenhuma intervenção cirúrgica, sendo sua transição marcada pela via hormonal, a testosterona. Logo inicialmente, passou a utilizar roupas masculinas e adaptou uma faixa para ocultar os seios utilizando-se de uma calça jeans, estratégia que ele soube através de pesquisas na internet.

> "Hoje em dia eu posso transar tranquilamente sem roupa, sendo penetrado pela vagina. Eu não me sinto mulher.".

Durante o processo de transição, começou a sentir incômodos com o corpo que não tinha antes: problemas com o seio, dormia de colete; não queria mostrar o órgão sexual; problemas com o espelho, "não queria me ver no espelho". *"Eu ficava o dia inteiro incomodado porque eu não tinha pênis. Pensava em transição de forma obsessiva."* Traços masculinos em sua aparência começaram a ficar mais evidentes com 01 ano após processo de transição. "*Eram dois anos para aparecer que eu tinha barba e hormônio. Eu aí eu fui desconstruindo esse incômodo com o corpo com o tempo, também, porque eu conversava com as pessoas, com os colegas pela internet". "Até depois eu desconstruí um pouco com o peito, você tá entendendo?"*

A INTERNET:

"Na internet, porque para conhecer um homem trans ao vivo, demorou."

Ao longo de seu processo de transexualização, a internet foi uma ferramenta utilizada por Teo de diferentes maneiras, seja para obter informações sobre técnicas de

masculinização (como a faixa feita a partir de calça jeans), seja para conhecer outros homens trans. Seu próprio nome foi escolhido através de uma conversa via MSN, com duas amigas.

A internet era utilizada para a busca de experiências de outros homens trans e compartilhamento e comparação das suas próprias experiências. Conversava com as pessoas via internet sobre suas sensações com relação ao corpo, seus incômodos com o seio, menstruação, etc. *"Como é contigo? Porque comigo é assim e tal..."*. Viu que havia outros homens com menos desconfortos com essas questões.

Também recorreu à internet para suas pesquisas entorno da noção da transexualidade como doença ou não. Provocado por colegas da militância e do universo acadêmico, recorreu às diversas fontes da internet para construir seu posicionamento. Foi também por meio da internet que marcou o encontro com o primeiro homem trans que conheceu pessoalmente.

Teo ainda mantém um site pioneiro no Brasil, em que reuniu diversas publicações e postagens que pudessem interessar aos homens trans, desde o relacionamento com o sistema de saúde para as intervenções no corpo, estratégias de masculinização via equipamentos, via repertório de comportamentos, etc. É também por meio desse site, listas de e-mails e grupos nas redes sociais que Teo reuniu os homens trans no Brasil em prol do debate de visibilidade da categoria trans nacionalmente.

BETO

25 anos –MG

PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO

"Quando eu era feminino, eu me sentia travesti, Drag Queen."

Beto afirma sempre ter se sentido menino. Adotou até durante a adolescência uma performatividade de gênero masculina, fato que se modificou após vivenciar situações de preconceito, e tentou então rejeitar tudo aquilo que remetia ao masculino. Aos 20 anos conheceu o fenômeno da transexualidade por meio de um documentário e começou a pesquisar sobre, compreendendo a si mesmo naquele fenômeno. Após ler na internet outras histórias de transição de gênero marcadas por privações, preconceito e violências, passou a recusar a identificação com a transexualidade masculina. Com 21 anos, realizou cirurgia para a colocação de silicone no peito como forma de "*tentar*

mudar a minha cabeça, eu achava que ia botar o silicone e ia, pronto agora eu sou mulher". Aos 24 anos, assistiu à ex namorada passar pelo processo de transição de gênero. Tendo sido um processo percebido como não violento, voltou a pensar para si acerca da transição: "*já tava mais velho, já tava nessa idade, assim, não preciso tanto dos meus, da minha família, acho que eu vou encarar isso*".

> "Desde criança, eu sempre soube que tinha uma coisa diferente, desde criança diferente. Quando eu era criança, eu era assim, pra mim eu era homem, só que as pessoas não entendem a cabeça da gente."

A infância é retomada como período em que a identificação masculina já existia, essencializando sua experiência. Na adolescência, as situações de preconceito o levam a tentar assumir uma performatividade de gênero feminina. Fato que viveu *"como se eu fosse, como se fosse um teatro, 24 horas por dia, até nos pensamentos eu evitava"*.

> "eu não queria ser chamado disso, principalmente porque eu não era isso, pra mim eu tava ali com a menina, na minha cabeça eu achava que era, mas eu sentia que não era, oh sapatão, eu não sou sapatão, vem cá que eu te mostro o que é sapatão, não, não aceito, não quero. Então eu fui começando a modificar isso, não quero que me enxerguem como sapatão, porque eu não sou, me enxerga como um menino então."

A dimensão do desejo se apresenta na narrativa de Beto com ênfase na vivência das situações de preconceito experienciadas por ele enquanto se relacionava com outras mulheres. O desejo por pessoas do mesmo sexo, todavia, nunca o lançou à identidade homossexual. Aos 16 anos contou para sua mãe sobre seu desejo por mulheres:

> "eu gosto de mulher. E ela não ficou tão horrorizada não, só olhou assim, fez assim, e com meu irmão já foi mais tenso. Aí a questão da transexualidade, eu nunca falei com a minha mãe que eu era lésbica, sapatão, eu nunca falei, porque eu acho que no fundo eu entendia que não era isso, eu só falava que eu gosto de mulher".

A lesbianidade surge em seu discurso como uma identidade que era preciso se diferenciar, não queria ser confundido com uma "lésbica caminhoneira".

CONSTRUÇÃO DOS CORPOS E AFIRMAÇÃO DA MASCULINIDADE

"No final do curso, depois de um ano tinha 15 pessoas, 12 pessoas e só homens que sobraram e eu. Aí eu interagia fácil com a galera, tipo, eu já deixava bem claro que eu gostava de mulher, eu não falava eu sou homem, eu não falava eu sou homem, ou eu

sou lésbica, mas eu falava de mulher...”

Aos 24 anos iniciou o processo de transição de gênero. Deixou os pelos crescerem, e, então, iniciou o processo de hormonização “por conta própria” com 01 ampola. 02 meses depois, outra ampola e, somente então, sua hormonização passou a ser acompanhada por um endócrino. O endocrinologista e o psiquiatra se fizeram possíveis por meio do plano de saúde do irmão, no qual se encontra na condição de dependente. As consultas com psicólogo são custeadas por sua mãe. O psicólogo foi o primeiro profissional a ser consultado. Para isso, lançou mão do fato de que a mãe insistia constantemente, desde a infância, para que ele fosse à terapia. Somente depois contou a razão de suas consultas e passou por processo de negociação com sua mãe para tornar possível a continuidade do acompanhamento.

Beto narra ter procurado o SUS e evidencia um grau de desconhecimento muito grande dos profissionais naquele ambiente acerca do nome social, por exemplo. Isso e a dificuldade da marcação de consulta (indisponibilidade de Beto por conta de seu trabalho à época) o levaram à rede privada de saúde.

Pretende fazer a mastectomia, a histerectomia e mesmo a construção do pênis. Essa última, quando surgirem técnicas melhores.

A assunção de uma identidade masculina é trazida por Beto num contexto de inúmeras privações: precarização da sua condição de moradia (foi expulso de casa e mora com pessoas que o acolhem), precarização do emprego (dificuldade em conseguir emprego por conta de sua condição transexual), interrupção dos estudos (por falta de condições financeiras). A transição também lançou-o à uma espécie de privação do passado, ao passado em que seu reconhecimento se dava no feminino: “*É, de vez em quando eu vejo um conhecido na rua e finjo que eu não vi. Porque eu morro de medo de alguém gritar meu nome de toda altura, tipo Bárbara!*”.

Sente-se incomodado com o silicone e, tentando ocultá-lo, sobrepõe diversas camisas, casaco, além de assumir postura encurvada. Sua voz em processo de transição é registrada semanalmente por Beto por meio de gravador.

> “Sexo pra mim sempre foi uma coisa frustrante, eu sempre evitei fazer, sempre, todas as minhas namoradas, teve umas que eu até falei, olha eu não gosto muito de fazer sexo não”

A narrativa de Beto é marcada por poucas menções ao aspecto sexual e,

quando indagado, suas respostas são pouco específicas. Já beijou um homem uma vez: "foi uma pesquisa, praticamente, ah legal, pronto, só isso.". Já se relacionou sexualmente com mulheres em experiências onde a ausência do falo marcava sua conduta:

> "quando eu comecei a namorar com ela e tal, eu tinha vontade de fazer alguma coisa né, não sabia o que que era, e eu fui tentar fazer com ela e eu não consegui, eu não sabia o que fazer, e eu era lésbica e na minha cabeça não tava, ah eu tenho que usar os dedos e a língua porque lésbicas fazem isso, ou brinquedo, não, não era isso sabe, foi meio frustrante, uma coisa assim, olhar pra baixo e sentir que tinha alguma coisa faltando que eu não sei usar o que eu tenho e foi assim até pouco tempo atrás, até esse ano."

Ainda em suas experiências mais recentes, o ato sexual é permeado de um sentimento de confusão acerca do que fazer, o que parece ter melhorado com o uso da prótese. Tendo sido penetrado pela vagina, não é uma experiência que queira repetir.

INTERNET

"Eu olhei aquilo, e fiquei de cara, como é que a transformação, porque na minha cabeça eu achava que sei lá, era uma mulher com bigode pintado e com roupa de homem, tipo assim, na minha cabeça alguma coisa próximo disso. Não sabia que ficava tão perfeito, eu olhei aquilo, e falei, quero começar amanhã."

Por meio da internet Beto realizou suas primeiras pesquisas acerca da transexualidade masculina, logo após ter assistido a um documentário que lhe apresentou o fenômeno. Pôde conhecer as intervenções cirúrgicas típicas no processo de transição de gênero, comparar resultados e, até mesmo, adentrou pelos meandros sociais desse fenômeno: preconceito e violências.

Pela internet conheceu outros homens trans e, com eles, manteve contato por meio de redes sociais e listas de e-mails, a fim de ressignificar, de valorar de maneira positiva a própria experiência. Nesse sentido, a internet se apresentou também como válvula de escape dada a sua timidez e dificuldade de interação com as pessoas. Suas conquistas em torno das questões do nome social em sua instituição de ensino foram narradas virtualmente e outras postagens que constrói têm o objetivo de facilitar o caminho daqueles que estão em uma fase mais inicial que a sua no processo de transição.

RALF

31 anos – MG

PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO:

"Se tivesse alguma coisa na voz ou no rosto, alguma coisa que ficasse estranho, que tivesse dúvidas eu ia ter assistido e até hoje eu seria do mesmo jeito, eu não tinha mudado nada. Mas quando eu vi, ficou perfeito, aí eu to assim, "nossa que legal, se eu pudesse eu queria tá assim", eu não parei pra pensar na questão de trocar de nome, nada não. Eu achei legal a estética, achei legal o que o cara fez."

Tendo na identidade lésbica algum reconhecimento, Ralf viveu até os 27 anos desconhecendo o fenômeno da transexualidade masculina. Enquanto assistia a uma programa de televisão "do Dr. Hollywood" conheceu pela primeira vez essa possibilidade. Vendo um caso na televisão, pôde comparar alguém antes e depois da transição, afastando o elemento da monstruosidade, do estranho: "ficou perfeito". O rapaz que viu no programa tinha idade próxima da sua, quase 30 anos, o que parece ter facilitado o reconhecimento de si naquela experiência.

> "Aí eu falei assim: "puta que pariu", primeiro eu cresci desde pequeno, tipo assim, eu queria namorar a Xuxa, namorar aquela mulher a Michele Pfeiffer."

Na infância e adolescência é demarcada clareza de seu desejo por mulher. "*durante minha adolescência, meu negocio era focado em mulher mesmo. Eu não parava pra pensar na questão de corpo não, entendeu?"* As lembranças acerca do surgimento do peito ou do início da menstruação não são narradas com dificuldades de aceitação das transformações no corpo, ao mesmo tempo que, era preciso algum consolo para lidar com elas: "*o que me consolava era o que, se tá vindo todo mês era porque eu to bem de saúde, tá tudo certo dentro de mim".* A infância e adolescência também são os lugares de negociação da performance de gênero. Indagado sobre cabelo e roupas e seu relacionamento com sua mãe, Ralf narra: "*O negócio é que era assim, eu não era muito feliz, só que eu aceitava minha condição, eu nasci assim e vou morrer assim, entendeu.".* Odiava roupas femininas mas as utilizava se preciso fosse em

decorrência da ocasião social. Já na idade adulta, as roupas continuam a ser importantes:

> "Eu não botava roupa muito masculina porque eu achava tosco, entendeu. Assim, muito masculina, aquele trem assim, vestido de homem, homem mesmo. Eu tinha que mostrar que, que eu era lésbica, sabe. Eu achava tosco, eu achava assim, grosseiro, entendeu. Eu não entendia o que passava na minha cabeça, mas eu achava grosseiro.".
>
> "Mas como eu pegava, quando eu falava assim, eu conversava como se toda lésbica masculina era ativa, porque como eu era, pra mim todas eram. E eu conversava com elas como se todas fossem. E eu comecei a sentir um ar meio estranho, e aí eu vi que nenhuma delas me contava, nenhuma delas me contou que elas não eram só ativas, eu não sabia..."

Tendo seu desejo desde a infância direcionado ao corpo/gênero feminino, Ralf leu durante muitos anos de sua vida suas experiências com o corpo, sexo e sexualidade e performances de gênero pelas lentes da lesbianidade. O incômodo com o peito, a recusa pela penetração na vivência sexual, etc, foram naturalizados pela sua identificação primária com a categoria "lésbica".

A comparação de suas experiências com a de suas amigas "lésbicas masculinas" no que tange ao sentimento com o corpo, roupas e práticas sexuais, conduziu-o pouco a pouco à desconfiança da insuficiência dessa identificação. Nesse cenário, a ideia de travestilidade parecia lhe oferecer parâmetros culturais melhores para a inteligibilidade de sua própria experiência. A transexualidade lhe era desconhecida, até então.

A experiência da lesbianidade na narrativa de Ralf se apresenta ao mesmo tempo como possibilidade e limite. Se o conhecimento dessa orientação sexual lhe possibilitou fluidez em sua performance de gênero (tomando como referência o ideal contemporâneo sobre ser mulher, ser lésbica permitiu a Ralf apropriar-se de elementos da masculinidade, sem que essa apropriação se apresentasse como uma espécie de dissonância social), é essa mesma fluidez que, posteriormente, lhe aparecerá como não identificação, afinal, lésbicas masculinas se reconhecem e são reconhecidas como mulheres, em contraposição à experiência masculina, mais facilmente nomeada como travestilidade ou transexualidade.

O incômodo com o corpo se materializa ao falar de roupas e da experiência sexual. Esses dois tópicos se acentuam em seu processo de "envelhecimento", trazendo dificuldades para encontrar roupas que lhe parecessem compatíveis com sua experiência de gênero e o somatório de relacionamentos sexuais parcialmente frustrados.

> "Nos meus 27 anos eu tava perdido, perdido na questão assim, eu não tava me sentindo mais bem fisicamente para vestir as roupas que eu vestia, a minha cabeça tava envelhecendo e tinha coisa

> que eu não queria mais fazer, só que as coisas que eu queria mudar não era compatível com meu corpo. E eu era, ninguém sabia, que eu era infeliz sexualmente..."

O contato com programa de televisão falando sobre a mastectomia em homem lhe apresentou a possibilidade real da intervenção no corpo. O novo conhecimento acerca da transição sexual intensificou a comparação com a experiência de suas amigas lésbicas masculinas, e, consequentemente, a clareza do não re-conhecimento nessa categoria. Tem início, pois, o processo de hormonização.

É importante perceber a relação do processo de identificação com as categorias infância, amizade e internet na fala de Ralf. A experimentação do corpo e do desejo lhe afastaram da heteronormatividade (mas não da cisgeneridade), aproximado-o da experiência possível, cuja legibilidade cultural lhe era acessível: a lesbianidade. Mas foi por meio da vivência com amigas lésbicas e, posteriormente, com suas buscas pela internet que a identificação com transexualidade masculina pôde ser construída. A insuficiência da identidade lésbica para falar de si, é narrada nas comparações de seus desejos e sentimentos com a de suas amigas.

CONSTRUÇÃO DOS CORPOS E AFIRMAÇÃO DA MASCULINIDADE:

"Eu nunca ia saber a importância, com é uma mulher, eu não ia saber. Eu só ia ser mais um ridículo. Então eu acho assim, eu não queria ter nascido diferente não, ter nascido homem biológico e ser hetero, não, porque eu não ia saber disso."

"Eu acho que minha cabeça é boa, porque você passar por hormônio sozinho, sem orientação nenhuma, não é fácil, não!

Aos 27 anos, Ralf inicia o processo transexualizador pela via hormonal. Seu processo pode ser observado por três vias: o relacionamento com o outro, no que tange ao processo (amigos, familiares, trabalho, etc); o relacionamento com o sistema de saúde, seja particular ou privado; a centralidade da internet como meio de obtenção de informação; o processo em si (quais intervenções, porquê, como).

Após buscas na internet, procura o sistema de saúde particular em dois momentos temporalmente distintos: para se orientar acerca da hormonização e para a realização da cirurgia de mastectomia. Por meio de seu plano de saúde, sua consulta com um endocrinologista lhe remete à impossibilidade do processo:

> "Eu fui pra hormônio. Aí o endócrino era meu médico, e eu não

> sabia não. Porque eu sempre tratava com o mesmo médico pela Unimed, aí um dia eu procurei um endócrino, só que nas quartas feiras ele era endócrino. Dei de cara com o cara. Aí eu falei com ele, e ele: "Não, não pode administrar hormônio em mulher não, não existe isso não, de jeito nenhum". Aí não rolou."

Munido de informações obtidas na internet que traziam muitos resultados de experiências de transexuais estado-unidenses, Ralf, a despeito de sua consulta com médico endocrinologista da rede particular de saúde, inicia a hormonização, conseguindo receitas no "bico". É ainda no vazio da assistência médica oferecida pela rede de saúde, e ainda por meio da internet, que Ralf tenta a obtenção de um laudo virtual de transexualidade.

> "Aí eu achei um absurdo, achei um absurdo porque ficou bem financeiro, e eu não ué, eu falei com ela que eu tinha que ter o laudo porque na parte que eu paguei lá, o laudo tava incluso. Mas pra ela eu tinha que pagar, continuar pagando e porque o pagamento era conseqüência do tratamento e eu fiquei puto. Aí quando eu vi, eu achei tipo assim, que no final eu tava pagando pra ela ser minha orientadora, em tudo. E aí era isso que eu precisava porque eu não tinha ninguém pra me orientar."

Sua segunda busca pelo sistema de saúde refletiu a dificuldade de encontrar cirurgiões que aceitassem fazer a mastectomia para fins de transição sexual. Indicações virtuais de outros homens trans o levaram a um profissional, por fim. Ralf vendeu seu carro para o pagamento da intervenção.

Atualmente, aproximou-se do sistema público de saúde para acompanhamento da hormonização por meio do sistema público de saúde, o que vem se dando, segundo ele, com mais tranquilidade, atribuída ao fato de já ter uma aparência masculina, então as pessoas se tornam mais empáticas: "*E isso é chato, porque se fosse três anos atrás, eu não ia conseguir isso nunca, então a imagem manda muito e isso me incomoda."*

Sua transição sexual foi inicialmente vivida por alguns amigos como hormonização apenas para modificação na voz, conforme foi anunciado por Ralf. Para sua família, suas modificações corporais não foram anunciadas, mas percebidas com desfiança e indagação. No ambiente do trabalho, mesmo após a assunção de aspecto masculino, Ralf continuou a ser chamado pelo seu nome feminino, fato que não é narrado por ele como um problema em si, considerando o fato de ter convivido com aquelas pessoas durante 15 anos como uma mulher. Algum tempo após a transição, Ralf sai da empresa, mas sua saída não é aproximada à vivência de violência simbólica ou física. Também para Ralf, a experiência da transição marca um antes e um depois onde, o antes, em boa parte dele (trabalho, amigos), é abandonado.

A experimentação do masculino recebe um marco divisor na narrativa de Ralf. Mudanças de comportamento e opinião são atribuídas à hormonização: "*Parece que nasce outra pessoa dentro de você"*. As mudanças narradas remetem à características do masculino e do feminino em nossa sociedade: *"hoje por exemplo pra eu comprar uma roupa nova, a minha namorada tem que me encher o saco, sabe, uma coisa que eu não fazia."*.

> "Eu to com ela (testosterona), aí acabou o problema uai, aí resolveu, resolveu a questão da aparência e resolveu a questão do sexo."

O início do tratamento com a testosterona é associado à primeira vez que conseguiu um orgasmo na relação sexual a dois. Já antes da transição, utilizava-se de prótese peniana para o sexo, o que, de acordo, com ele, melhorou sua sensação de prazer, mas não a ponto do gozo: "*mas assim precisava de mais tesão pra eu conseguir chegar lá com meu comportamento na cama usando o negócio, e que eu não tinha tanto com o feminino só no corpo, com o masculino já dava, já deu"*.

Também seus relacionamentos (sempre com mulheres) foram impactados. A ausência do gozo, fazia com que cada novo relacionamento fosse investido nessa esperança. Com a hormonização, o orgasmo deixou de ser uma espera pra ser "sabendo que eu consigo".

> "eu antes, se eu tivesse algum estresse, alguma briga, alguma coisa que minha mulher tivesse comigo, que achasse um absurdo, que eu endoidasse, a primeira coisa que eu pensava era separar, essa mulher não serve pra mim. Hoje passou a descontar na traição".

INTERNET:

"Só que aí, quando eu vi essa reportagem desse cara, no programa lá, que queria fazer mastectomia, eu vi que ficava perfeito, aí eu fui pra internet, aí eu vi no youtube."

A internet aparece na experiência de Ralf como fonte de informação sobre o processo transexualizador e compartilhamento de suas experiências de transição para outros homens trans. Ao ver o documentário, buscou na internet mais informações sobre o fenômeno. Ao precisar da indicação de profissionais, foi nas listas de e-mail, redes

sociais e outros lugares de encontro virtual de homens trans que localizou os profissionais que buscava. Até mesmo seu primeiro relatório de atendimento acerca da disforia de gênero foi conseguido por meio de consulta com uma psicóloga on line. A internet é utilizada para compartilhamento das experiências de avanço e atraso no sistema de saúde acerca da transição. Suas consultas no SUS foram relatadas com minúcia como post nos grupos de homens trans nas redes socais.

PAOLO

28 anos – MG

PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO

"Eu acho que o Buck Angel, se eu pudesse eu dava um presente pra ele sabe. Que quando eu vi aquela pessoa, minha vida mudou."

A identificação como homem aparece como um grande segredo, uma questão pessoal que deveria ser escondida. Foi compartilhada com uma namorada e com o psiquiatra (que também não achava possível que mulheres se transformassem em homens). Paolo achava que somente psicólogos e psiquiatras poderiam tirar aquela idéia da cabeça dele.

Paolo se sentia travestido: *"engraçado é que, por mais feminino que eu estivesse vestido, eu sempre falava assim: 'Porque eu sou homem'"*. Sua dificuldade em reconhecer-se como mulher, se materializava mesmo nas suas relações sociais. Não queria conversar com as pessoas, sempre imaginando que se sentiria muito mal se notasse alguém, por exemplo, olhando para seus seios. Tentava emagrecer para assumir características mais masculinas. Sentiu incômodo com as características que começaram a surgir na adolescência, como os seios e menstruação, que o deixavam depressivo, e isso fez com que ele buscasse na internet formas de retirar os seios, deparando-se, então, com o termo FTM. Nesta busca, encontrou imagens de Buck Angel e ficou impressionado *"Como esse cara conseguiu ficar assim?"* Achava inicialmente que só existia ele.

> "Meus amigos estavam ficando mais forte que eu, e eu tava ficando revoltava com aquilo, tinha alguma coisa errado, não tinha?"

Na infância remonta à sua já percepção de si enquanto menino. Relata que

sempre desempenhava o papel masculino nas brincadeiras infantis. Oriundo de uma família apenas de filhas, seu pai o incentivava e o legitimava em seus comportamentos atribuídos em nossa sociedade ao gênero masculino. Na infância, é marcante o momento do nascimento de seu irmão mais novo, homem, o que, de acordo com ele, teria alterado seu relacionamento com o pai: "pronto, nasceu o homem de verdade. Vamos deixar essa daí aí." Nas brigas com o irmão, rememora suas investidas contra o pênis dele, a fim de tentar arrancá-lo.

Paolo também ressalta o início de suas mudanças corporais modificando sua relação com seus pares, que o estavam "deixando de lado": *"Poxa que o seu corpo tá ficando assim e o nosso tá ficando tal"*. Foi por meio dessa interação que narra seus primeiros incômodos com o corpo, ao ver que suas transformações não lhe conferiam aspectos masculinos. Já nesse período, fazia menção a retirar os seios, sem que isso lhe significasse a mutação para o gênero masculino. Ficava fascinado com as travestis que via, com a possibilidade da mudança de homem para mulher, sem ainda ter vislumbrado a possibilidade do contrário. Sua mãe o repreendia nos desejos de retirada da mama, dizendo que ele deveria aceitar-se conforme Deus tinha feito. Inicia, então, período em que tenta se enquadrar no gênero feminino, relato marcado pelos registros de sofrimento: *"era uma farsa, tenho que fingir que sou mulher"*.

Aos 18 anos começa a ficar com mulheres. Seu relacionamento com as mesmas todavia, foi marcado pelo medo de que elas o vissem enquanto mulher, não enquanto homem. Assim, evitava mulheres que fossem lésbicas, relacionando-se apenas com bissexuais ou com heteros e, ainda assim, o receio de ser visto por elas como mulher permanecia. Relata dificuldade em se relacionar com alguém pelo pavor de ser tocado no seio ou na vagina.

CONSTRUÇÃO DOS CORPOS E AFIRMAÇÃO DA MASCULINIDADE:

Seu processo de transição até o momento das entrevistas envolvia a hormonização e a mastectomia. A cirurgia foi realizada por meio de empréstimo bancário, no estado do Rio de Janeiro. Para a recuperação, contou com o apoio da mãe, embora a mesma não concordasse com a transição de gênero. Paolo não narra uma relação pessoal de sua busca pelo Sistema Único de Saúde para o processo de transição, mas faz comentários que remetem à dificuldade da relação com o SUS enquanto homentrans. No processo de transformação, lançou mão do processo de emagrecimento para tentar assumir características masculinas, usou faixa para ocultar o seio, então

hormônios e mastectomia. Pretende também fazer a histerectomia.

Para ele a masculinidade que ele desejava ver impressa no seu corpo, não era aquela produzida em cima de um corpo feminino, mas sim uma não deixasse dúvidas quanto a sua identidade masculina:

> "eu não queria ser uma mulher masculina, eu queria ser um homem, entendeu? Porque assim, eu nunca fiz questão de ser uma pessoa masculina, entendeu?(...) É, mas assim, o meu problema não era trejeito masculino. Porque até hoje em dia eu não faço questão de ter isso, entendeu? Porque tem muito FTM que fica querendo se recolocar, "Ah, que eu vou cuspir no chão pra ser mais macho", fala que ficar sentado de perna cruzada não é coisa de homem. E assim, eu não to nem aí pra isso, sabe..."

Afirma não haver uma distinção natural na masculinidade trans e masculindade cis, uma não é necessariamente menos rígida que a outra, uma vez que *"Porque muitos meninos, eles viram homens e começa a projetar tudo aquilo que a sociedade projetava nele nas mulheres"*.

Narra a experimentação do processo de transição transexual paralela à experiência do trabalho. Procurou sua chefe e comentou sobre o processo. À época, ele mudou de turno e conseguiu garantia e proteção para que fosse chamado pelo nome masculino, embora soubesse de posicionamentos contrários oriundos de colegas.

Registra o uso da testosterona como *"finalmente me sinto à vontade comigo mesmo, sabe? Eu sinto que eu consigo ser feliz, porque antigamente eu acho que tudo era uma farsa."*

> "eu me achava mais homem me relacionando com meninos gays. E eu acho que muitos FTM pensam dessa forma, por isso tem tanto FTM gay... eu acho"

Relata ficar com mulheres e homens, cis ou trans. Diz que não sabe dizer se é bi ou qual sua orientação sexual, pois isso não tem a ver com a transexualidade. Diz relacionar-se com quem lhe faz bem, sendo importante apenas que o respeite enquanto homem, afinal, "*eu tenho problema com penetração, mas fora isso eu não tenho problema com genitália de ninguém não*.".

INTERNET

"Por isso que eu falo, gente tudo que fizer coloca no grupo, não custa nada né. (...)E aí, eu peço para os meninos postarem desse modo: médico, valor, se tem retoque e a época que fez."

Paolo argumenta sobre a importância do registro na internet do processo de transição, incluindo procedimentos cirúrgicos e mesmo aspectos como o acesso ao serviço de saúde pelo SUS. Ele mantém um site voltado para emprego para transexuais e entende que a internet é importante na busca por melhores condições de vida na transexualidade. Afirma que nos EUA as pessoas postam e fazem vídeo de tudo, mas que no Brasil, os homens trans "só querem saber de ser invisíveis". Menciona sobre as regulações de uma visibilidade que existiria na internet, ao falar sobre pedidos para que não se associe nomes de amigos à postagens sobre homens trans nas redes sociais e mesmo, sobre manter em seus perfis no facebook a menção à transexualidade.

VINI

20 anos – MG

PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO

Diz sempre ter se percebido diferente até que, no ensino médio, disse que "vou dar um jeito". Com 16, 17 anos, começou a pesquisar a internet sobre mulheres mudança de sexo, ainda que desconhecesse a categoria transexual masculino. Já nessa época sabia da possibilidade do trânsito contrário. Nessa busca, encontrou um grupo de homens trans no MSN e conversou com alguns deles, passando a conhecer melhor sobre o fenômenos, possibilidades, etc.

Passou a adotar perfil masculino nas redes sociais, com foto diferente da sua e adoção do nome masculino, antes mesmo da transição: 90% das pessoas que me relaciono na internet acham que eu sou homem cis, depois vem aí as apaixonadinha e, ai meu deus, rsrs..."

Pouco tocada em sua narrativa, a infância e adolescência aparecem apenas para registrar seu sentimento de sempre enquanto diferente, embora se vestisse conforme as normas para o gênero feminino. Ao contar para a mãe sobre o processo de transição, a mãe confundiu entendendo que a filha era lésbica: "não, mãe, eu não sou lésbica, eu sou transexual".

Perguntado sobre com quem se relaciona, afirma ser virgem. Se tinha interesse por mulheres: "ah, eu ficava olhando, olhava, olhava... falava com minha mãe: acho que não vou casar, não vou ter nada. Um dia ainda vou namorar, só não sei quando.

CONSTRUÇÃO DOS CORPOS E AFIRMAÇÃO DA MASCULINIDADE

Vini ainda não passou por nenhuma intervenção cirúrgica, embora pretenda realizar a mastectomia. Tomou hormônio masculino apenas uma vez, mesmo sem acompanhamento médico, mas adia o processo de hormonização em função da relação com a mãe, que pede para que não se hormonize. Ainda assim, como visto, se identifica socialmente enquanto homem, utilizando nome masculino e assim se manifestando nas redes sociais.

Morador de área ruralizada em Santa Luzia, tentou sair da casa de sua mãe para ficar mais próximo de Belo Horizonte. Procurando emprego, apenas conseguir se empregar em telemarketing, precarizando sua condição de vida. Pouco tempo depois, Vini volta a morar com sua mãe.

Foca no seu desejo pelos peitoral e músculos masculinos, sem atrelar relações entre o corpo e sua sexualidade.

INTERNET

Vini usa bastante as redes sociais para buscar informações acerca do processo transexualizador e para se relacionar com outros homenstrans no geral. É moderador de grupo misto de transexuais no facebook e, esporadicamente estimula seus integrantes a se reunirem através de encontros combinados na rede. Muito tímido pessoalmente, Vini se mostra bastante ativo na internet, articulando diversos outros encontros entre pessoas trans, levantando questões, postando fotos, etc.

Capítulo 4: Pensando sobre isso

4.1.Corpos,sexos e trans-teorias

Os fragmentos das histórias que nos foram confiadas nos dão pistas para afirmar que o diagnóstico transexual é insuficiente para definir tamanha diversidade (TEIXEIRA, 2012), promovendo muitas vezes o apagamento de diferenças significativas nas demandas desses sujeitos. Corroboramos com Bento (2003), na afirmação de que mesmo na reivindicação da cirurgia, no apelo das normas, a transexualidade possui um potencial desestabilizador. A transexualidade é um desafio quando nos distanciamos da explicação reducionista de serem pessoas presas num corpo equivocado e compreendemos que são pessoas que combinam os conceitos de masculino e feminino experimentando em diferentes gradações o "nomadismo", a hibridação, a contaminação entre o ser homem e ser mulher (TEIXEIRA, 2012).

Partimos do pressuposto que o processo de subjetivação é um movimento incessante, no qual, na sua singularidade somática, o indivíduo se faz sujeito e é assujeitado no sistema discursivo. Fazer referencias aos processos de identificação, pressupõe uma conceituação da identidade como processo intersubjetivo. Uma construção que se materializa por meio de práticas sociais e discursivas (FOUCAULT, 1976; BUTLER, 1990 , 2004), como relação. Compreendemos que as normas de gênero representam ao mesmo tempo a possibilidade de liberdade e o encarceramento do desejo (BUTLER, 1994). Para os entrevistados nessa pesquisa, a descoberta da possibilidade da transexualidade masculina foi fundamental para nomear sensações que até então pareciam não ter lugar, pareciam impossíveis.

A diversidade de experimentações de corpo e gênero que conhecemos através das narrativas apresentadas nos fazem sugerir que não é possível pensar a transexualidade como uma via de acesso a outro binarismo de gênero, ou como algo com um ponto inicial e um ponto final. Somos constituídos pela forma como somos interpelados como corpo, porém as categorias a que somos induzidos a representar, nos dizem mais sobre a necessidade de categorizar os corpos, do que dos corpos mesmos (BUTLER, 2011). O fato é que vivemos em uma sociedade que faz das nossas identificações um eixo central para o que nos situa neste mundo. É possível que um

mundo de identidades fluidas ao invés de identificações fixas, fosse muito mais democrático, mas não é o que vivemos. O que entra politicamente em questão é o que faz da "identidade de gênero", do suposto "sexo" de alguém, um eixo de definição sobre o qual o Estado precisa ter a última palavra? Por que se constrói uma vigilância tão fechada e estrita sobre qualquer alteração nesse âmbito identitário?

O conceito de humano está assentado em um projeto político que retira humanidade daqueles que não tem um gênero compatível com o sexo. A diferença sexual passa a ser compreendida como algo necessário para que o indivíduo entre na ordem simbólica, ou seja, que seja entendido como humano e torne-se sujeito, como resultado de uma extensa e intensa produção discursiva do saber/poder médico e das ciências psi. Enquanto a diferença sexual estiver no centro da invenção do humano moderno, a transexualidade e outras expressões de gênero que negam essa precedência estarão relegadas a marginalização existencial. (BENTO, 2011)

Qual o arsenal discursivo acionado por quem quer mudar de gênero e precisa de uma autorização? Recorre-se a todo repertório essencializado do feminino e do masculino. Enquanto suas experiências, sentimentos, comportamentos e desejos estão nos dizendo o tempo todo que não existem propriedades essenciais de um gênero. Aquilo que falseia a norma de sexo/gênero é tratado como desvio, como doença, algo a ser consertado, corrigido para voltar a ter lugar. Para Bento (2011) quando Preciado faz um autoprotocolo de administração de testosterona, ela esta afirmando que esse hormônio não pertence aos homens. Que nem o efeito que ele produz será encarcerado em corpos autorizados a sustentar a masculinidade. Para Butler (2004), serão as experiências das pessoas transexuais e intersexuais que trarão elementos para reflexão de que a tecnologia reconstrói um lugar para a natureza no realinhamento dos corpos/gêneros e desejos.

Para Preciado (2008) os corpos transexualizados denunciam a plasticidade tecnológica do gênero, sendo parte da *multitude* de corpos marcados não pela adesão a uma natureza essencialista, e sim pela produção de ficções de um sistema fármaco-pornográfico que irá constituir humanos sexuados. Assim a materialidade dos corpos não pode ser entendida como natureza prescritiva, e sim como potencialidade. Os hormônios que durante séculos contribuíram para atrelar às mulheres os adjetivos das destemperanças e histerias, nestas teorizações ganham o status de ferramentas políticas de materialização de subjetividades, potencializador de possibilidades de existência

sexuada.

Como afirma Teixeira (2012) há homens cis sem pênis em função de acidentes ou cânceres, há mulheres sem vulva, sem vagina, sem útero, sem ovários, sem trompas, sem mamas. E nem por isso deixaram de ser cidadãos. A cidadania não deveria se estabelecer por cópulas sexuais ou pelas vias fisiológicas que as viabilizem. Se o pênis não garante a posição de homem e, de maneira similar, a vagina não garantiria a posição de mulher, estaria o judiciário preparado para o reconhecimento de mulheres e homens transexuais, independente da realização da cirurgia? Estaríamos diante de uma posição jurídica capaz de libertar as pessoas do julgo da cirurgia como única possibilidade para o reconhecimento de uma existência legítima? Na experiência das transmasculinidades esta pergunta é central, uma vez que o estado alega não dominar a ciência a ponto de construir um órgão sexual masculino que re-aloque biologicamente transhomens no sistema sexo-gênero-desejo.

Em dissonância a alguns estudos sobre as transidentidades, os diálogos com os entrevistados não evidenciaram um discurso vitimista nem passivo em relação ao diagnóstico de transtorno mental. A riqueza de contato com outros transhomens, travestis e mulheres trans pela internet, com diferentes histórias de vida, relações com o corpo e sexualidade, além das discussões acadêmicas e militantes, parecem contribuir em alguma medida para o questionamento de alguns pressupostos engessadores do diagnóstico. O que não significa que sempre foi assim, ou que se pensa desta maneira o tempo todo. Se por um lado se identificar com transexual é uma saída para uma vivencia até então inominável, por outro lado é também deixar de ocupar um lugar de coerência sexual e social, o que em muitas histórias foi motivo de relutância e resistências internas. Beto e Nando relatam como resistiram em assumir para si uma identidade masculina, por conceberem num primeiro momento, a transexualidade como algo monstruoso, disforme, e causador de perda de direitos e muito sofrimento psíquico. Teo recorda como começou a questionar a idéia de transexualidade como transtorno mental somente ao se deparar com algumas produções acadêmicas e debates sobre despatologização emergentes no interior de alguns movimentos sociais.

O uso do diagnóstico é dinâmico e representa a autonomia e crítica quanto ao que ele representa. Nas narrativas deste transhomens são evidenciadas as formas como se lança mão do diagnostico para dar significado à sua experiência em alguns

espaços e requerer direitos que deveriam ser óbvios. É paradoxal atribuir legitimidade a sua demanda a partir do mesmo dispositivo que subordina e deslegitima a sua fala pública.

O reconhecimento de si na categoria transexual é narrado por alguns como um momento pontual, que remete ao instante em que aquele fenômeno se torna conhecido, lhe é apresentado. Referência mais comum quando a identificação de si como homem já era assumida "desde a infância". Registra-se a importância da internet nesse descobrimento, quando aprofundam suas buscas acerca daquilo que se apresentou por meio de documentário, seriado ou programa de televisão. No entanto, a emergência do transexual diante de seus olhos aciona processo de ressiginificação de suas histórias infantis e de seus incômodos com o corpo. A própria vivência da sexualidade pode ser trazida para a berlinda quando o que está em jogo é entender o quanto suas vidas pessoais estão próximas do fenômeno trans. Muitas vezes, depois de certas mudanças e afirmações alcançadas, a transexualidade aparece como uma questão "a mais" a servir de preocupação além daquelas que já temos (amor,trabalho,família). Alguns a manterão como fator central, outros não, mas sem dúvida ela vai resignificar a percepção sobre si e as relações que se irá estabelecer ao longo da vida.

Todos os entrevistados esbarraram na experiência da lesbianidade, numa tentativa de se encontrar. Nem todas elas estavam ancoradas necessariamente em um desejo exclusivo por mulheres, como nos casos de Nando, Teo e Paolo. Para eles, a lesbianidade parece representar uma (ou a única) possibilidade de exercer a masculinidade nos corpos que tinham. Foi através desta identificação inicial que puderam experimentar performativamente o gênero masculino. No entanto, tanto a categoria parecia insuficiente, como a idéia de masculinidade feminina, presente nas chamadas *lésbicas caminhoneiras* ou *butch* eram incômodas e distantes de como se sentiam. Não queriam ser lésbicas masculinas, pois não era como mulheres que se reconheciam.

As relações e percepções sobre o corpo também são múltiplas e diversas nas narrativas. A infância aparece como um espaço de maior liberdade de experimentação entre os gêneros, principalmente no âmbito do comportamento, de se socializar entre outros meninos (cis), e as regulações e sansões são muitas vezes resiginificadas, como Nando que não podia cortar os cabelos como queria, porém se identificava com

personagens e personalidades masculinas de cabelos longos. É na adolescência que os primeiros incômodos começam a emergir, principalmente com o aparecimento dos seios. Para eles as roupas parecem não ter o mesmo caimento que tinham antes, ou que eles desejavam e imaginavam para si, como relatam Rauf e Paolo. O aparecimento de curvas e contornos femininos marca também uma regulação mais clara sobre a expectativa social sobre o gênero feminino. A manutenção de pouca gordura corporal e o uso de roupas largas são estratégias utilizadas para desvencilhar a atenção daqueles "intrusos" que os ameaçam.

Esta fase de adolescência e início da juventude aparece nas narrativas como as de maior conflito e negociações internas e externas sobre o próprio gênero. É neste período que muitos transhomens experimentam os processos mais significativos de regulação e cobrança sobre o gênero e consequentemente sobre a sexualidade feminina. Espera-se que sejam femininas, delicadas, passivas e se interessem por outros rapazes. Para Butler (1994) a performatividade se baseia na reiteração de normas que são anteriores ao agente e que, sendo permanentemente reiteradas, materializam aquilo que nomeiam, criam artificialmente o "natural".

Aqueles que vivenciaram a experiência da lesbianidade masculinizada experimentaram muitas vezes a rejeição familiar, a homofobia e processos de reclusão e depressão que os afastavam do convívio social. Chama a atenção a recorrência de intervenções afirmadoras do gênero atribuído (feminino), como uso de hormônio feminino (no caso de Nando), cirugias estéticas (como o silicone de Beto), e feminilização dos estilos de roupa e cabelo durante a adolescência, diante da idéia que o que sentiam não era certo, não era apropriado e que deveriam tentar seguir o curso "normal". Como tentativa do sujeito e correção da diferença para ele e familiares. Tais intervenções causam grande constrangimento na posterior afirmação e vivências das transmasculinidades, mas aparecem também como momentos empoderadores na recusa da identificação como mulher.

Ao contrário do que postula o diagnóstico da transexualidade, o incômodo com o corpo não é uma regra entre os sujeitos que conversamos. Nem sempre aqueles que hoje se afirmam como homens sempre se sentiram desconfortáveis com o corpo, ou mesmo se sentiam como homens durante toda a vida, tornando-se terreno arenozo a essencialização do desconforto corporal nas transexualidades. O desconforto com os marcadores de gênero no corpo podem aparecer também a partir da identificação como

homens, uma vez que a normativa sexual produz e regula os corpos e gêneros de tal maneira que, no sistema de legitimidade posto, os seios não são um elemento possível para o masculino. É possível pensar se o desconforto narrado não é produzido pela expectativa do que seja o masculino inscrito no corpo. Deixar essa mesma pergunta em suspensão parece viável também na experiência daqueles que relatam rejeição por seus corpos antes do processo transexualizador. Para Paolo, sua não masculinidade foi apontada pelos colegas por meio "das pistas" que seu corpo manifestava. Quando seu pai lhe "deixa de lado", após o nascimento do irmão "homem de verdade", também está denunciada a insuficiência de seu corpo para o reconhecimento de sua masculinidade. A vivência corporal enquanto recusa encontra consonância em momentos de suas histórias em que seus corpos registram seus lugares de gênero, independentemente da performatividade que assumem. A necessidade de intervenções corporais que muitos homens trans relatam pode, pois, ser entendida em decorrência do sistema de legitimidade a partir do qual tentam alargar a noção do masculino. Afinal, alarga-se a norma a partir da própria lógica estabelecida. Mantendo-se parâmetros mínimos para a manutenção de alguma legitimidade que os torna humanos.

As experiências narradas pelos entrevistados situam-se no campo da tensão entre ultrapassar e, ao mesmo tempo, reiterar o binarismo de gênero. A construção de si como masculino envolve negociações acerca da produção do corpo, mas também do desejo e da vivência da sexualidade, além da própria performatividade. Aproximadas das representações acerca do estranho e do grotesco, as sexualidades não são solo vastamente explorado no campo das transexualidades. "Corpos que estão fora do registro do desejo", afirma Bento (2012). Em se tratando específicamente da transexualidade masculina, é preciso pensar se esse silenciamento se associa não apenas à transexualidade construída como monstruosidade, mas às próprias pressuposições que situam a mulher hetero distante do desejo e, simultaneamente, constroem o relacionamento lésbico como ausência de sexo.

A interdição e silenciamento sobre a sexualidade e prazer de homens transexuais parecem estar relacionadas á mesma expectativa social que diz que a sexualidade feminina será colocada em pauta quando fizer referencia á saúde reprodutiva e a constituição familiar. Sobre o prazer e a atividade sexual de mulheres (cis), descrever-se-a em relação ao homem, como o oposto complementar e necessário. Ficando assim silenciados e interditos os prazeres femininos solitários, as relações sem

a presença do falo, ou mesmo a possibilidade de iniciativas sexuais femininas sem fins reprodutivos.

Nas entrevistas, narraram-se práticas, desejos, relações que os remetem para diferentes orientações sexuais. O processo transicional é para Ralf, marco da conquista do prazer na relação sexual. Todavia, são mais constantes os relatos de descoberta das possibilidades do corpo, de acessórios e de performances sexuais na descoberta do prazer, tanto antes quanto após o processo de transição. O sexo sem a genitália masculina é descoberta. Esse embaralhamento inicial remonta a marcadores da experiência feminina de sexualidade, sem o falo, comum entre lésbicas. A vagina aparece como possibilidade de obtenção de prazer. Para alguns, mesmo quando tocada por outrem, para outros, apenas no estímulo de si mesmo. Em outras narrativas, a vagina é zona proibida ao toque.

Experimentar uma nova posição social, em grande parte das vezes, rapidamente conseguida através da ingestão de hormônios e técnicas de masculinização cirúrgicas e não cirúrgicas, faz com que estes FtMs sejam apresentados tanto a uma hierarquia das masculinidades, quanto uma diversidade de vivencias do masculino, inclusive variadas expressões da sexualidade não heterossexuais entre transhomens, alargando o conceito de homem e de transexualidade. As experimentações de masculinidades expostas nos espaços de discussão na internet nos direcionam para o que Almeida (1996) afirma sobre as masculinidades, suas assimetrias e hierarquias num processo constante de vigilância e disputa. A precariedade de estudos sobre a masculinidade de homens trans situa-se nessa ordenação das possibilidades do masculino que têm maior e menor valor. (BENTO, 2012).

Os sujeitos que cooperaram para essa pesquisa narram diferentes construções de si mesmos, experiências que se manifestaram como indicadores de recortes de classe. Uma masculinidade que não se preocupa em ser confundida com a homossexualidade masculina. Calças mais apertadas, blusas cavadas, trejeitos “afeminados”, boates, namorado, namorada. Experiência que faz referências ao homem moderno, urbano, jovem, de classe média, gay. Responsabilidade com a casa, bar, cachaça, sítio, churrasco, esposa, elementos que, em outra história, remontam a outro lugar social, das ruas periféricas, do trabalho com o couro e clientela rude, de usar a invisibilidade transmasculina como proteção contra a violência sexual pressuposta como possível.

Ainda na hierarquização do masculino, questiona-se, sobre qual a possibilidade para esses sujeitos do uso da vagina durante o ato sexual (e da verbalização acerca disso), moralizados que se encontram pela heteronormatividade e binarismo de gênero. As relações na internet, por exemplo, são trazidas aqui como a interação entre iguais possível. Marcada por maior abertura, também nesses espaços estão presentes mecanismos de regulação de orientação sexual e de gênero e que puderam ser observadas durante a pesquisa. O próprio discurso médico/psi atua na regulação do que deveria ser a sexualidade de transexuais, pressuposta apenas após as intervenções sobre o corpo. A genitália deve ser fonte de sofrimento, não de prazer. (BENTO, 2012) Nesses conflitos, o que está em disputa é o próprio significado da transexualidade.

> "el tránsito entre los géneros también cuestiona el presupuesto de que la identidad de género es un atributo fijo, ocultando las relaciones de poder que sostienen la obligatoria correspondencia entre sexo y género. Las identidades trans se muestran como identidades fluidas, donde la *masculinidad* y la *feminidad* se vuelven membranas permeables y transitables en lugar de núcleos herméticos y esencialmente definidos. Así mismo, las inscripciones identitarias pueden cambiar a través del tiempo, del espacio, del discurso o la interacción y las múltiples identidades pueden ser más bien una característica humana y no una forma patológica del ser (Antar Martínez-Guzmán, Marisela Montenegro y Joan Pujol, 2014 p.28)"

Como sugere Becerra (2010) o próprio conceito de campo foi ampliado e a busca por uma aproximação com as vivências de transhomens se estendeu pelos significados, particulares e coletivos, os circuitos de intercambio material e simbólico dos espaços virtuais.

A internet se fez presente de alguma forma em todas as discussões sobre esta experiência. Acredito que esta transversalidade se deu principalmente em função do contexto de surgimento e visibilidade pública da transexualidade masculina em que esta investigação se situa. Nestes últimos anos esta tecnologia tem sido utilizada como uma ferramenta empoderadora, tanto nos processos de identificação quanto nos momentos posteriores ao apresentar a esses sujeitos, nômades e desencontrados nos corpos e gêneros uma rede transnacional de vivências. Algumas experiências impensáveis no Brasil, em outros países já conquistaram visibilidade pública, reconhecimento político e habilidades tecnológicas de intervenção corporal, sejam elas cirúrgicas, caseiras ou

comportamentais. O contato com estas informações além de representar uma possibilidade de existência, proporcionou um olhar crítico sobre como as políticas públicas brasileiras estão estruturadas, inclusive aquelas que deveriam atender travestis e transexuais, evidenciando lacunas e estimulando articulações políticas.

Outro importantíssimo contexto proporcionado com o acesso a web é a da possibilidade de aproximação entre sujeitos que se identificam como homens transexuais, ou estão neste caminho. Se você não encontra iguais na escola, no trabalho, nos lugares de lazer e nem mesmo de militância, como encontrar reconhecimento?como humanizar a sua própria experiência? É recorrente nas narrativas deste transhomens como o contato com outros pares e com as informações disponibilizadas na web possibilitaram se encontrar na transexualidade. Se muitos ainda se afirmam portadores de uma desordem que necessita de intervenções corporais para ser corrigida, a idéia de monstruosidade e marginalidade que o diagnóstico carrega pode ser tensionada. As imagens e vídeos anunciam que a tecnologia produz corpos e que as performatividades produzem gênero. As narrativas diversas de relação com o corpo e sexualidade muitas vezes ajudam a questionar e tensionar o caráter patológico e engessado do diagnóstico.

O relacionamento com a internet não se dá apenas como fonte de informação, extração de dados. Ao longo do processo transexualizador, os homenstrans constroem uma relação com essa rede virtual que passa também pela retroalimentação de dados, com lançamento de vídeos, fotos, relatos da experiência, da procura pelos sistemas de saúde, dicas de profissionais, relatos de preconceito, vivência afetiva/sexual e toda uma gama de aspectos que passam pelas transformações do corpo e suas vidas sociais. Mesmo entre aqueles cujos acessos diários se fazem menores e adotam uma relação um pouco mais distanciada com as redes sociais, por exemplo, existe um retorno ao virtual para o registro de suas situações enquanto transhomem. Não exatamente querendo se tornar visíveis, mas tornar a transexualidade visível e possível. Na relação entre downloads e uploads, existe no somatório dessas postagens uma disputa pela imagem, pelo símbolo, a construção de um significado alternativo às transexualidades: o belo, o possível, o desejável. Numa necessária conformação do sensível onde ganhe espaço de legibilidade as experiências trans, os homens transexuais, de maneira individual ou coletiva, organizada ou espontânea, têm revelado esse tensionamento por meio dos canais alternativos de mídia. Num mundo institucionalizado sob o forro da binaridade de gênero, a simples existência da transexualidade é confrontadora.

Mas se a internet é o espaço possível de visibilização dessa experiência marginal, é também nela que se dá solo propício para as regulações sobre a transexualidade. Têm-se pois, que as próprias transexualizadas são hierarquizadas, recusando-se, por vezes, maneiras distintas da vivência do nomadismo de gênero: censuras acerca dos que se recusam em hormonizar, homofobia. Por vezes, é em contato com outros círculos sociais, e nas interações do cotidiano que muitos transhomens vão tensionar certas concepções de masculinidade hegemônicas produzidas na internet. Apresenta-se aos sujeitos as múltiplas possibilidades de alteração corporal, mas também as dificuldades decorrentes da transfobia. Há criticas por parte dos meninos em relação a um certo "mundo fantasioso" na internet, em que seus corpos são exaltados como belos, em negligenciamento às dificuldades de acesso aos sistemas de saúde, às dificuldades de ingresso no mercado de trabalho e mesmo sobre as negociações necessárias para que seus corpos sejam possíveis em uma relação afetivo/sexual.

Considerações Finais

"Alguém sabe como se atravessa uma linguagem dominante?
Com que corpo? Com que armas?"
(PRECIADO, 2009)

"Hoje, na hora de apagar o bolo, mais uma vez fiz o pedido: "queria ser um menino..." e aí lembrei: "mas eu já sou um homem" rsrsrs.(JOÃO W NERY, em post no facebook 2014)

Os interlocutores dessa pesquisa vivenciaram seus incômodos com o corpo e com a pertença ao gênero feminino durante muito tempo sem a existência de uma alternativa. Seus desconfortos eram inomináveis, sem paralelo, sem parâmetro. Em muitos o sentimento de não-adequação, a narrativa da infelicidade, envoltos numa conceituação cultural binária de gênero e da impossibilidade, da inexistência do gênero autodesignado para aquelas designadas como mulheres.A invisibilidade daquela experiência se materializou na falta de nome, mas também, na impossibilidade de olhar para o lado e encontrar um igual. Para esses sujeitos, o nome, o símbolo que retrata a palavra, a imagem que substitui o escuro, vieram muitas vezes por meio da internet e suas possibilidades de convergência de mídia: fotos, vídeos, blogs, bate-papo, artigos... Foi no universo online que a transexualidade ganhou cor e forma para Ralf, Paolo e tantos outros homens trans.

A transposição do símbolo do online para o offline não é uma consequência absoluta, não é uma evolução linear. As relações de poder que mantém a rigidez de gênero são flexibilizadas nas possibilidades da internet, mas ainda pesam em seus contextos culturais, sociais. Nas páginas em branco dos sites, nas caixas de diálogo, constroem-se os significados, desfaz-se o monstro da transexualidade, disputa-se os significados das categorias de gênero. Ao mesmo tempo, estratégias e técnicas são compartilhadas. Hormônios, profissionais, equipamentos e outros moldam o masculino. Da tecla, faz-se a facha, da tecla, nasce o pelo. No online, as estratégias para a existência offline do homem trans são lançadas. Do offline, as caixas in Box vão se preenchendo, relatando visitas médicas, situações de preconceito, as possibilidades da transição corporal e suas etapas. A internet, assume o espaço de convivência possível

entre homens trans.

No online, a categoria trans é compartilhada. Fora da virtualidade, a masculinidade quer ser reconhecida, não quer ser falseada, não quer ser duvidada, quer ser. A transexualidade pois, é vivida como desejo do desaperceber-se, do não notado. Não mais do que deve ser escondido, segredo guardado, mas apenas, desapercebido.

Se por um lado encontra-se um caminho para uma nova existência, por outro se percebe a série de rompimentos e rupturas que esta nova identidade acarreta. São familiares, amigos, empregos, vizinhança que serão testemunhas atentas e cobradoras de uma coerência entre o nascimento, a vivência e o que se faz nesse meio. O que nos sugere que não são os homens trans que se escondem, são as impossibilidades de se reconhecer física e juridicamente como homens que os trancam em casa. Os possíveis sofrimentos experimentados por transexuais, travestis e mesmo por homossexuais não são decorrentes de qualquer patologia inerente a tais sujeitos, mas de trajetórias de exclusão social, de transfobia, de humilhações e de negação de legitimidade.

Para Chauí (1993), a autoritária sociedade brasileira,

> conheceu a cidadania através de uma figura inédita: a do senhor-cidadão, e que conserva a cidadania como privilégio de classe, fazendo-a ser uma concessão regulada e periódica da classe dominante às demais classes sociais [...] É uma sociedade na qual as diferenças e assimetrias sociais e pessoais são imediatamente transformadas em desigualdades, e estas, em relações de hierarquia, mando e obediência (situação que vai da família ao Estado, atravessa as instituições médicas públicas e privadas, permeia a cultura e as relações interpessoais) (CHAUÏ, 1993,p.53-54)

Entre as transidentidades a patologização é uma forma de atribuir inteligibilidade cultural a estas experiências e possibilitar sua existência dentro deste sistema cultural hetero(cis)normativo. Tem-se a inteligibilidade como aquilo que se produz como conseqüência do reconhecimento do acordo com as normas sociais vigentes (BUTLER, 2006), no caso das identidades trans, ocupas-se o lugar da incogruencia entre uma suposta linearidade entre corpo, gênero, desejo. Diante deste diagnóstico, que categoriza os sujeitos dentro de uma hierarquia das sexualidade e dos gêneros, espera-se que intervenções médicas e psicológicas conformem estes corpos, e tutelem estes sujeitos nas suas decisões.

Este mecanismo de atribuir coerência a estas experiências ocorreu nos últimos dois séculos através da psiquiatrização e psicologização das “sexualidades dissidentes”. As homossexualidades que já haviam sido entendidas nos meandros da religião e da lei,

ocuparam no século XIX o foco dos discursos científicos sobre desvio sexual. Posteriormente, na segunda metade do século XX, se estendem às transidentidades a produção discursiva que as construirá como uma patologia psiquiátrica. A patologização das experiências trans foi criada num contexto político, social e cultural de medicalização da sociedade, dos corpos e das sexualidades dissidentes como um conjunto de práticas sociais e institucionais, como mecanismo coercitivo para submissão às normas de gênero hegemônicas e a suposta coerência do sistema sexo/gênero (PRADO E TENÓRIO, no prelo)

No âmbito dos recursos de atenção á saúde, esta condição de subcidadania fica evidente nos discursos de nossos entrevistados quando relatam sobre as formas de negociação com as equipes médicas, onde o que está previsto de forma generalizada para o atendimento de transexuais tem mais peso do que as demandas específicas desses sujeitos. "A razão indolente é um fato cotidiano para pessoas trans: é apagado seu pensamento autônomo como racionalidade possível."(JESUS, 2013).

Embora a associação do diagnóstico de "transexualismo" à redesignação sexual tenha viabilizado a institucionalização do debate sobre a assistência desses grupos na rede pública de saúde, devemos considerar a complexidade que envolve compreender a condição transexual como uma anormalidade, colocando em pauta o paradoxo de que, se por um lado o diagnóstico torna legítima a demanda por redesignação sexual e possibilita o acesso aos serviços de saúde, justifica uma série de restrições sociais e estigmas que afetam diversos níveis da vida desses indivíduos, reforçando sua condição de exclusão social. (ARÁN, MURTA, LIONÇO, 2009)

Percebe-se que existe um discurso de verdade sobre a vida de transexuais que é produzido pelas ciências médicas e psi e legitimado pelo Estado, sendo esses os autorizados a decidir sobre os outros. Medicaliza-se identidades e sustenta-se um jogo de verdade e mentira sobre práticas e expressões sexuais , determinando os limites que dividem entre a normalidade e a doença. Tanto as políticas públicas quanto as decisões judiciais partem do pressuposto de que existe uma identidade transexual universal, a qual é revestida de uma série de preconceitos, os quais invariavelmente afetam a vida desses indivíduos e interferem tanto no seu poder de ação como na determinação de si. Assim, mesmo diante da proposta de uma utilização puramente estratégica do diagnóstico, podemos notar que o dilema referente às consequências da definição da

transexualidade como uma desordem não se esgota – seja pelos sacrifícios envolvidos em assumir a condição de doente, seja pelo risco de internalização de alguns desses aspectos patológicos. (COACCI, 2013, p.52 e 53)

A manutenção desta experiência como uma patologia pelo Estado, trás consequências cotidianas para a vivência destes sujeitos. A "burocracia diagnóstica" como é chamada por Leonardo Tenório, regula desde a ingestão dos hormônios até as intervenções no corpo. "Fica evidente que o próprio sistema biomédico de poder de prescrição e diagnóstico cria, alimenta e retroalimenta a própria condição e o próprio mercado clandestino."(PRADO E TENÓRIO, no prelo) Após uma série de impedimentos no acesso a um acompanhamento regular para as etapas da transição, muitos transhomens vão buscar formas alternativas e perigosas de proporcionar sua vivencia (aparente) como homem. A recusa dessas vias muitas vezes é sinônimo de reclusão social, esperas infinitas e mais discriminação e transfobia em função de sustentar um corpo em trânsito, ininteligível. O mesmo Estado e sistema de saúde que dificultam estas transformações, são aqueles que vão legitimar a demanda destes sujeitos, a apartir do momento em que estiverem mais próximos física e psicologicamente do gênero que afirmam, como denuncia Rauf no outro capítulo.

Quando se defende a despatologização das identidades trans não se busca exclusivamente a desclassificação de transtorno dos manuais de diagnósticos, se reivindica sobretudo que as pessoas trans nos tratamentos médicos e jurídicos, e também nas relações sociais possam ser reconhecidas enquanto sujeitos ativos, com capacidade de decidir por si mesmos. Se trata de reivindicar a autonomia e a responsabilidade sobre seus próprios corpos, de planejar os caminhos de suas próprias vidas, o que tem sido até então relegado ao Estado e seus especialistas. A despatologização é requisitada neste sentido como um processo, de reconhecimento da legitimidade da experiência, da voz e dos desejos dessas pessoas. Sabe-se que não será somente o ato de renomear estas classificações nos manuais diagnósticos, mas sim reestruturar relações de poder, tanto no âmbito do atendimento médico, como em outras esferas da vida social.

Grupos que representam a norma, estão de acordo com os padrões culturais. Estes são referência, não precisam mais ser nomeados. Estes deixam de ser percebidos como representações e passam a ser confundidos com a realidade mesma (CARVALHO, 2010,p.90) Às pessoas não-trans (cis), não são impostas as mesmas

burocracias para que estas tenham o direito de realizar os mesmos procedimentos cirúrgicos e hormonais.

> A eles é dado o direito de dispor sobre o próprio corpo, a seus discursos, o status de legítimo, que podemos entender como sendo um privilégio biologicista que é conferido pela lógica da legitimidade, parceira dos limites da inteligibilidade cultural. Para aqueles que se dizem homens, o direito de ter um corpo tido como masculino, para aquelas que se dizem mulheres, o direito de ter um corpo tido como feminino. No entanto, para as pessoas trans, consideradas como portadoras de uma patologia psiquiátrica, resta literalmente a designação de incapazes de saber quem são ou de decidir responsavelmente sobre seus próprios corpos (PRADO E TENÓRIO, no prelo).

Neste sentido, afirma-se que é necessária e urgente uma "descolonização dos saberes medicos e jurídicos para se vocalizar saberes e sujeitos subalternos, mostrando que as mesmas questões, se percebidas por uma lente diversa, que contemple não apenas alguns discursos *sobre o outro*, mas também os discursos *do outro,* poderia gerar resultados diversos, mais adequados em termos de justiça e alargamento do conceito de humanidade." (COACCI, 2014, p.57)

Nesta pesquisa fizemos uma escolha política de trazer para este diálogo, também como referencial teórico publicações acadêmicas produzidas por pesquisadores e/ou ativistas que vivenciem a experiência das transexualidades como, Guilherme Almeida, João W Nery, Viviane V (Brasil), Andrea Becerra (Colombia), Miquel Missé, Moisès Martínez e Lucas Platero (Espanha), Jack Halberstam (EUA) num claro reconhecimento da legitimidade destas falas e do tensionamento que elas trazem para a compreensão destas experiências.

Tentou-se da mesma forma, visibilizar as histórias que me foram confiadas de maneira a procurar garantir a possibilidade do surgimento e da coexistência de múltiplas narrativas. Multiplicidade que não só é dada pelas várias possibilidades de identificação e recursos culturais para se materializar, mas tornada possível pelos diferentes percursos, enraizados na vida real das pessoas, em suas experiências, desejos e necessidades em determinados contextos sociais e históricos.

A escolha de produções acadêmicas e militantes de transexuais como parte do referencial teórico desta pesquisa diz do desejo de tornar presentes práticas e discursos invisibilizados, pautando-os como existentes e alternativas ao discurso hegemônico. Tem-se como pressuposto que o campo da sexualidade é um campo de disputas

simbólicas e políticas e que o estabelecimento de novas teorizações, produzidas por aqueles que foram e ainda são, muitas vezes, os sujeitos das pesquisas, é fato que merece atenção e destaque. Como alerta Spivak (2010), o papel do intelectual pós-colonial não é dar voz ao sujeito subalterno, mas sim trabalhar para uma reconfiguração social de modo que suas vozes possam ser ouvidas e legitimadas. Visibilizar estas produções é uma forma de compreender como alguns sujeitos angariam ao lugar de cidadãos/cidadãs enquanto outros têm que se tornar "sujeitos falantes", no que se refere à esfera pública, afim de (re)organizar um certo conjunto social para serem compreendidos/das como humanos. Para Chauí (1993, p.155) a resistência, sugere "a elaboração de conhecimentos ou de um saber [mesmo] no interior das adversidades" .

Ao longo da pesquisa foi se tornando claro que a produção teórica e intelectual de pessoaos transexuais está, por necessidade e oportunidade política, ocorrendo também fora da academia ou em suas periferias. Os lugares onde pessoas trans aprendem, se reúnem, se expressam e, sim, questionam e criam teorias muitas vezes estão distantes destes lugares tidos como mais legítimos ou oficiais. Os diversos espaços de interação na internet, em especial a ampla blogosfera trans é um bom exemplo desta situação. Como dito anteriormente, prevalece um predomínio de mulheres transexuais, travestis e transgêneros nos principais blogs transfeministas. No entanto transhomens têm a partir de uma conexão com pesquisadores, e núcleos acadêmicos tentado estabelecer outras produções teóricas, assim como pesquisas e projetos de extensão em que as transmasculinidades são o foco, levando este debate também para os círculos de produção acadêmica.

> Como nos lo recuerdan los feminismos poscoloniales, antirracistas o subalternos, no todas las formas de opresión y las experiencias de identidad femenina son iguales, luego no todas las luchas feministas pueden ser iguales (Combahee River Collective, 1988; Davis, 2004; Femenías, 2005; Femenías, 2007; Curiel, 2007). (BECERRA, 2010).

Transexuais têm a partir destas iniciativas, iniciado um processo de desmantelamento da tutela acadêmica, médica e juridica e convertido sua experiência em ponto de vista, em lugar de enunciação. Estas ações questionam a idéia da transexualidade como produtora de sujeitos passivos e assujeitados. Estas produções, sejam elas acadêmicas ou militantes, vem denunciando os limites do binarismo de gênero e suas arbitrariedades, e tem se configurado também como uma forma de mobilização política, pois denunciam uma ordem social de gênero excludente, desigual

e silenciadora de subjetividades. Pode também disseminar estas informações, traduzir para uma linguagem mais acessível aos pares e alcançar outros sujeitos que estão fora dos círculos de discussão tradicionais.

Este outro lugar social, de produção de informações sobre a própria experiência da transexualidade, pode se revelar empoderadora na própria constituição da identidade, como narra Becerra em sua dissertação:

> De tal modo, la presente investigación es para mí una necesidad existencial. Su objetividad consiste en estar siempre consciente del lugar desde donde hablo y en realizar un distanciamiento teórico –antropológico y feminista– que me posibilite una mirada crítica de las experiencias de identidad trans. (pag.17) (…) " En mi caso, las ideas que he encontrado en el feminismo han sido determinantes – quizá indispensables– para el proceso de construcción de identidad y para la asunción de una subjetividad trans. Las hormonas, los estudios de género y la teoría feminista me han permitido ir configurando aquello que siempre he sentido ser: una subjetividad en tránsito, un cuerpo intervenido con una posición política en las fronteras (pag.19) (BECERRA, 2010).

Acredito que essas produções se aproximam dos objetivos do que Martínez-Guzmán & Montenegro (2010) tem chamado de *trans-conocimientos:*

> La noción de trans-conocimientos nos ayuda a pensar las conexiones y concomitancias entre distintos movimientos e iniciativas que, en un contexto determinado, pueden generar alianzas en una misma dirección. Se trata de analizar las definiciones estáticas e identificar las prácticas sedimentadas que predefinen un campo político determinado para constituir, a partir de los elementos que constituyen el propio campo, prácticas y comprensiones transformadoras y constitutivas de nuevas posiciones de sujeto. Éste es el caso, por ejemplo, de las distintas iniciativas de grupos que han sido sujetos de saberes psiquiátricos que se movilizan en contra de la patologización (p.34).

Os trans-conhecimentos tentam dar lugar a leituras paradoxais e ambivalente, que questionem a ordem dominante do sexo/gênero e celebrem práticas alternativas, ao mesmo tempo sendo sensíveis a multiplicidade de vivencias e perspectivas de quem incorpora estas práticas. Estas produções não teriam como objetivo rechassar o uso de categorias identitárias, mas não se atrincheirar por trás delas. "No buscan solidificar perspectivas ni clausurar posiciones identitarias, sino mantener ambas abiertas a la posibilidad de transformación con vistas a generar condiciones sociales cada vez más inclusivas."(p.34)

Neste sentido a autonomia estaria relacionada ao exercício de questionar as regulações que normalizam nossas condições como sujeitos individuais e coletivos, e da busca de marcos politicos e sociais que permitam distintas possibilidades de autodeterminação, respeitando as formas de identificação que são possíveis em um determinado tempo e espaço. Diante do contexto em que vivemos um desafio sera produzir conhecimentos situados sobre identidades concretas (e não idealizadas) em mundos cotidianos. Conhecimentos que sejam teoricamente legítimos mas também politicamente comprometidos e relavantes na vida prática, buscando gerar espaços mais habitáveis.

Acredito que se fazem necessárias mais investigações sobre produções de pessoas transexuais, sejam elas autobiográficas, científicas ou militantes. Sobre quais assuntos têm se debruçado? A que teorias têm interpelado? Que pressupostos limitadores das experiências trans se tem denunciado? Como estas produções tem sido utilizadas nas publicações sobre as trans identidades? Se não aparecem, quais seriam os dispositivos que as invisibilizam? Onde estão estes sujeitos que se propuseram a falar?Qual a sua história? Perguntas que ampliariam nossa percepção sobre as consequências da patologização mas também sobre a supremacia das cisgenereidades em diversos âmbitos sociais inclusive acadêmicos e de produção científica. Além de expandir o entendimento sobre os mecanismo de ação e resistências desses sujeitos.

Esta pesquisa foi pensada e executada em meio a ebulição social da população de transhomens no Brasil. Tal contexto proporcionou possibilidades diversas para investigação mas também trouxe consequências para o resultado final. Acredito que a ansiedade em apresentar um contexto de emergência e questões relevantes para este segmento, fez com que muitas reflexões fossem menos exploradas, aprofundadas e que em um futuro próximo devam voltar a ser analisadas. A busca pouco efetiva por outros interlocutores em encontros e congressos acadêmicos nos últimos anos, também evidenciou como é recente e inicial a entrada da temática nestes meios.

O entrecruzamente entre as trans identidades e as questões raciais, sociais e religiosas, por exemplo, tão caras ao contexto brasileiro, também são aspectos que não puderam ser melhor desenvolvidos. E que em em outras oportunidades podem gerar reflexões valiosas para pensar as transexualidades masculinas.

A vivencia de transhomens mais velhos, que iniciaram esta experiência fora do

contexto de ampliação e disseminação das mídias digitais também resultará em uma outra leitura sobre as regulações de gênero e sexualidade em corpos designados como femininos. Ou mesmo aqueles que têm vivenciado contemporaneamente esta experiência fora dos espaços virtuais, podem gerar novos elementos para a compreensão da multiplicidade de vivencias das transmasculinidades.

Bibliografias

ABHT (Associação Brasileira de Homens Trans) (grupo aberto). Disponível em http://www.facebook.com/groups/grupoabht/?fref=ts. Acesso: 22 mar. 2013.

ALMEIDA, Guilherme S. de. Reflexões iniciais sobre o processo transexualizador no SUS a partir de uma experiência de atendimento. In: ARILHA, Margareth; LAPA, Thaís de Souza; PISANESCHI; Tatiane Crenn. *Transexualidade, travestilidade e direito à saúde.* São Paulo, Oficina Editorial, 2010, pp.117-148.

ALMEIDA, Guilherme. "Homens trans": novos matizes na aquarela das masculinidades?. In: BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa (orgs.). Dossiê Vivências Trans: Desafios, Dissidências e Conformações. Estudos Feministas, Florianópolis, n. 20, v. 2, 2012.

ALMEIDA, Guilherme; MURTA, Daniela. Reflexões sobre a possibilidade da despatologização da transexualidade e a necessidade da assistência integral à saúde de transexuais no Brasil. Sex., Salud Soc. (Rio J.), Rio de Janeiro , n. 14, Ago. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872013000200017&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 19 Fev 2014.

ARAN, M; MURTA, D; LIONCO, T. Transexualidade e saúde pública no Brasil. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro , v. 14, n. 4, Aug. 2009 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000400020&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 19 Fev. 2014.

ARÁN, Márcia. A saúde como prática de si: do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade. In: ARILHA, Margareth, LAPA, Thaís de Souza, PISANESCHI, Tatiane Crenn. Transexualidade, travestilidade e direito à saúde. São Paulo: Oficina Editorial, 2010.

Ávila, S. & Grossi, M.P (2010, novembro). Transexualidade e Movimento Transgênero na perspectiva da diáspora queer. Anais do V Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura – ABEH – Natal, RN.

ÁVILA, Simone Nunes; BLANCA, Rosa Maria; BOSCATTI, Ana Paula; OLIVEIRA, Rariulquer; FERREIRA, Vinícius Kauê; NUNES, Virgínia. Trans Day NIGS 2010: uma proposta científica, artística e acadêmica de metodologia – ação no campo da transexualidade. Anais do I Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade, 2010. Publicado em ebook. Disponível em : http://www.pettercouto.com.br/ebook/index.html.

ÁVILA, Simone Nunes; GROSSI, Miriam Pillar. Maria, Maria João, João: reflexões sobre a transexperiência masculina. Anais do Fazendo Gênero 9 – Diásporas, diversidades, deslocamentos, 2010, Florianópolis. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278255349_ARQUIVO_Maria, MariaJ oao,Joao040721010.pdf>. Acesso em 20 mar. 2013.

AVILA, S. ; GROSSI, M.P. . O 'Y' em questão: As transmasculinidades brasileiras. In: Fazendo Gênero 10, 2013, Florianópolis. Fazendo Gênero 10 (anais eletrônicos). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. v. 1. p. 1-12.

Ávila, S & Grossi, M. P (2011) Reflexões sobre igualdade, justiça e tecnologias no

processo transexualizador do Sistema Único de Saúde. Artigo apresentado no XV Congresso Brasileiro de Sociologia - GT22 - Sexualidades, corporalidades e transgressões. Coordenação: Luiz Mello (UFG) e Berenice Bento (UFRN). Publicado em http://www.sbs2011.sbsociologia.com.br/

Barboza, H. H. (2012). Proteção da autonomia reprodutiva dos transexuais. Revista Estudos Feministas, 20(2), 549-558. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-

Becerra, A.G. (2010) Tacones, siliconas, hormonas. Teoría feminista y experiencias trans en Bogotá / High heels, silicon, hormones. Feminist theory and transgender people *experiences in Bogotá (Colombia)*. 2010. 169f. Dissertação (Mestrado) - Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2010. Disponível em <http://www.bdigital.unal.edu.co/2978/1/489177.2010.pdf>. Acesso em: 20 set 2012.

BENEDETTI, M. 2000. Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (Dissertação de Mestrado)

BENTO, B. O que é transexualidade. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Primeiros Passos).

BENTO, B. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, B. Entre a noite e o dia: os perigos dos gêneros (RESENHA). Bagoas : Revista de Estudos Gays, v. 02, p. 251-253, 2008.

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), v. ünico, p. 32/48, 2011.

BENTO, B. Sexualidade e experiências trans: do hospital à alcova. Ciência e Saúde Coletiva (Impresso), v. 17, p. 2655-2664, 2012.

BOURCIER, M.. Technotesto : biopolitiques des masculinités tr(s)ans hommes. Cahiers du Genre, N. 45, 2008. P. 59-84.

BRAIDOTTI, R. *Sujetos nómades*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2000. [Links]

BUTLER, J. El género en disputa, El feminismo y la subversión de la identidad . México: Paidós, 2001.

BUTLER, J. Deshacer el gênero. Barcelona: Paidós, 2006

BUTLER, Judith. Precarious life – The powers of mourning and violence. London/New York : Verso, 2004

Câncer de mama no homem transexual. Disponível em <http://medicinatransexual.blogspot. com.br/2012/02/ cancer-de-mama-no-homem-transexual-ftm.html>. Acesso: 15 mar. 2013.

CLAYTON, S. (1999). L'habit ferait-il le mari ? L'exemple d'un *female husband*, James Allen (1787-1829). Disponível em <http://clio.revues.org/254>. Acesso: 22 mar. 2013.

COACCI, T. A TRANSEXUALIDADE NO/PELO JUDICIÁRIO MINEIRO: um estudo dos julgados do TJMG correlatos à transexualidade no período 2008 a 2010. Revista Três [...] Pontos (UFMG), v. 1, p. 81-92, 2013.

COLL-PLANAS, G. Introducción. In: MISSÉ, Miquel; COLL-PLANAS (Org.). El

género desordenado – críticas en torno a la patologización de la transexualidad. Barcelona- Madrid: EGALES, 2010.

Conheça as mulheres-homem da Albânia. Disponível em <http://www.hypeness.com.br/2012/12/conheca-as-mulheres-homem-da-albania/>. Acesso: 22 mar. 2013.

Cromwell, J. (1999). Transmen and FTM – identities, bodies, genders and sexualities. Chigago, University of Illinois.

FAUSTO-STERLING, A. "Dualismo em duelo". *Cadernos Pagu,* Campinas, n. 17/18, p. 9-79, 2001. [Links]

Ferré, J. V. (2009) ?Corregir el cuerpo o cambiar el sistema? La transexualidad ante el orden de gênero. Sociológica, año 24, n. 69, p. 61-78.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade I: a vontade de saher. Trad. M.T. C. Albuquerque e J. A G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FTM Brasil (grupo secreto). Acesso: 22 mar. 2013.

Garcêz, R. L. O., & Maia, R. C. M.. (2009). Lutas por reconhecimento dos surdos na Internet: efeitos políticos do testemunho. Revista de Sociologia e Política, 17(34), 85-101. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782009000300007&lng=en&tlng=pt. Acessado em: 03 dez 2012.

GASPODINI, I. B. Transcrianças em Sofrimento Dispensável. História Agora. Dossiê (In) visibilidade trans. São Paulo, edição especial, v.1, n. 14, 2013 (no prelo).

Green, J. (2004). Becoming a visible man. Nashville, Vanderbilt University Press.

Halberstam, J. (2008) Masculinidad Femenina. Madrid: Egales

HALBERSTAM, Jack (Judith). "A homofobia faz parte do estado teocrático". Entrevista a Pedro Fernandes. Caderno Muito. Jornal A Tarde. Salvador, 19/8/2012.

_____. Female Masculinity. London: Duke University Press, Durham, 1998. JUNGBLUT, Airton. Ciberacontecimentos: reflexões etnográficas sobre o extraordinário no mundo on-line. Civitas: Revista de Ciências Sociais (Impresso), v. 11, p. 361-372, 2011.

_____. Iglesias electrónicas: el caso de Brasil. Relaciones - Revista al tema del hombre, v. 318, p. 2-3, 2010a.

_____. ADAMI, V. H. S.. Nova Era & ciberespaço: ensaio prospectivo sobre suas afinidades eletivas a partir de um estudo de caso. Civitas (Porto Alegre), v. 9, p. 243-262, 2009.

HARAWAY, D. "Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial". *Cadernos Pagu,* Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995. [Links]

HERZER, A .(1982) *A queda para o* alto (24ª ed.). Rio de Janeiro: Vozes.

http://memoriaviva.digi.com.br/mulheres/quiteria.htm

LEITE JÚNIOR, J. A pornografia contemporânea e a estética do grotesco. revista (in)visível, Portugal - Brasil, p. 10 - 22, 29 set. 2011.

LIMA CARVALHO, M. F. (2011). Que mulher é essa? Identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais. Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado

do Rio de Janeiro.

LIMA CARVALHO, M.F. (2012). "Mas ele tem pau?" Trabalho apresentado na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

JESUS, J. G. #Nascidos em Tela. Dossiê Trans-Formações em Gênero. Cronos (Natal. Impresso), v. 11, p. 4-5, 2010.

BUTLER, J. Undoing Gender. Boca Raton: Routledge, Taylor & Francis Group, 2004.

KULICK, D. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Editora Fiocruz, 2008

LOURO, G. L. (2004) Um Corpo Estranho: Ensaios Sobre Sexualidade e Teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica.

Lei de Identidade de Gênero João Nery. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1059446 .pdf.> Acesso em 15 mar. 2013.

Muxe and Nguiu. Disponível em <http://www.qualiafolk.com/2011/12/08/muxe-and-nguiu/>. Acesso: 24 mar. 2013.

Maffia, Diana(2003): Sexualidades migrantes. Género y transgénero. Buenos Aires: Feminaria

MARTÍNEZ, M. (2005). "Mi cuerpo no es mío. Transexualidad masculina y presiones sociales de sexo", en Grupo de Trabajo Queer (ed.),El eje del mal es heterosexual. Figuraciones, movimientos y prácticas feministas queer, Traficantes de sueños, Madrid

Martínez-Guzmán, Montenegro y Pujol. (2014) Consideracionaes para um abordaje sitaudo de las identidades de sexo/gênero. Anual Review Critical Psychology, pág 23 – 39, v. 11, 2014.

Minayo, M. C. (2006). O desafio do conhecimento. São Paulo: Hucitec.

Minayo, M. C. (2010). Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: ____(Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 28ª Ed. Petrópolis: Vozes, p. 61-77.

Miskolci. R. (2008, setembro). O Armário Ampliado - Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. Seminário "Das Margens aos Centros: Sexualidades, Gêneros e Direitos Humanos". Goáis, Goiânia.

MISSÉ, Miquel; COLL-PLANAS (Ed.) El género desordenado – críticas en torno a la patologización de la transexualidad. Barcelona-Madrid: EGALES, 2010.

Nery, J. W. Viagem Solitária – Memórias de um transexual trinta anos depois. São Paulo: Editora Leya, 2011.

NERY, João W. ; MARANHÃO Fº., Eduardo Meinberg de Albuquerque . Transhomens no ciberespaço: micropolíticas das resistências. História Agora, v. 2, p. 60-80, 2013.

NERY, João W. Erro de Pessoa: João ou Joana? São Paulo: Record, 1984.

_____. Viagem Solitária – Memórias de um transexual trinta anos depois. São Paulo:

Editora Leya, 2011.

Nussbaumer, G. M. (2008). Identidade e sociabilidade em comunidades virtuais gays. Bagoas (2).

Pai capaz de amamentar. Disponível em <http://br.mulher.yahoo.com/pai-capaz-de-amamentar-beb%C3%AA-levanta-novo-questionamento-sobre-a-maternidade.html?page=all>. Acesso: 20 mar. 2013.

Propilenoglicol. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Propilenoglicol>. Acesso: 22 mar. 2013.

PELUCIO, Larissa ; CERVI, Mariana . Traições, Pequenas Mentiras e Internet: conjugalidades contemporâneas e usos de mídias digitais. Revista Científica Gênero na Amazônia, v. 01, p. 25-51, 2013.

Pelúcio, Larissa. "Na noite nem todos os gatos são pardos." Notas sobre a prostituição travesti. cadernos pagu 25 (2005): 217-249.

Piscitelli, A. (2005). Viagens e sexo online: a internet na geografia do turismo sexual. Cad. Pagu, 25, 281-326.

Platero, R. (2010) Sobrevivir al Instituto y a la Facultad:voces y vivencias sobre la

Prado, M. A. M. ; Junqueira, R. D. (2010) . Homofobia, Hierarquização e Humilhação Social. In: Gustavo Venturi; Vilma Bokany. (Org.). Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil. São Paulo: Editoria Fundação Perseu Abramo.

Prado, M.A.M; Tenório, L. Manifesto contra a Injúria da Experiência: Pela Despatologização das Transidentidades (manuscrito).

PRECIADO, Beatriz. "Terror anal". In: HOCQUENGHEM, Guy. *El deseo homosexual*. España: Melusina, 2009. [Links]

PRECIADO, Beatriz. Multitudes queer. Notas para una política de los "anormales". Revista Multitudes, Paris, n. 12, 2003.

PRECIADO, Beatriz. *Testo yonqui.* Madrid: Espasa, 2008. [Links]

RIFIOTIS, Theopilos. Desafios contemporâneos para a antropologia no ciberespaço: o lugar da técnica. Civitas: Revista de Ciências Sociais (Impresso), v. 12, p. 566-578, 2012b.

ROHDEN, Fabíola. O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.133-152, jun. 2008.

Santos, A. C. (2002). Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história. Disponível em Arquivo Público do Paraná: http://www.pr.gov.br/arquivopublico/pdf/palestra_fontes_orais.pdf Acesso em 24 de Novembro de 2008.

SILVA, Hélio R. S. *Travestis:* entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

Spivak, G. C. (2010). Pode o subalterno falar? Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: UFMG

Sou transhomem, e daí? Disponível em <http://soutranshomemedai.webnode.com/>. Acesso: 25 mar. 2012.

SEGATA, Jean; AGOSTINI, M.; OLIVEIRA, G.; KORB, A.. Admirável Mundo Novo? A Cibercultura e os Apocalíticos e Apologéticos do Ciberespaço. Caminhos (Rio do Sul), v. 2, p. 17-27, 2012a.

_____. Da Arte de se Traduzir: Corporalidades e Gênero nos Mundos Possíveis no Ciberespaço. Campos (UFPR), v. 9, p. 159-176, 2009a.

_____. Entre Agentes: a ANT, a Antropologia e o Ciberespaço. Rastros (Joinville), v. 2, p. 78-92, 2009b.

TEIXEIRA, F. do B. Histórias que não têm era uma vez: as (in)certezas da transexualidade. Rev. Estud. Fem., Florianópolis , v. 20, n. 2, Ago. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000200011&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 19 Fev 2014.

Vidal-Ortiz, S. (2011). Transmasculinidades y sexualidades "generizadas" (gendered): cruzando La línea entre el trabajo de investigacion y activismo com hombres trans. Trabajo preparado para el Congreso Iberoamericano de masculinidades.

Viviane V (2014). Da supremacía cis entre feministas. Disponível em <http://porcausadamulher.wordpress.com/2014/01/17/da-supremacia-cis-entre-feministas/ >. Acessado em: 19 fev 2014.

Young, I. (2002). Inclusive Political Communication. In: YOUNG, I. Inclusion and Democracy. New York: Oxford University Press

Transidentidades. Disponível em <http://soutranshomemedai.webnode.com/transidentidad es/>. Acesso: 22 mar. 2013.

Wonderjock by aussiebum. Disponível em <http://oconfessionario.wordpress.com/2010/12/08/wonderjock-by-aussiebum/>. Acesso: 22 mar. 2013.

ZAMUR, Azimute. A testosterona mudou meu estar por aqui. In: MARANHÃO Fo, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). Dossiê (In) visibilidade trans. História Agora, São Paulo, edição especial, v.1, n. 14, 2013 (no prelo).

ZOBY, Marcelo Caetano. Transexualidade masculina? TransNews, Ed. 4, ano 1, p. 4, 2011.